

**Le ne fay rien
sans
Gayeté**
(Montaigne, Des livres)

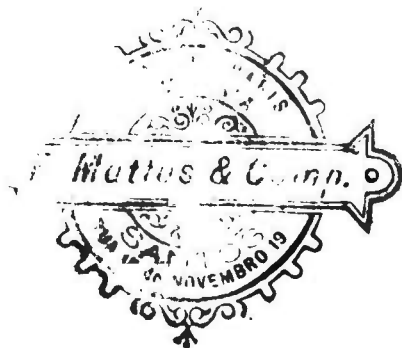
**Ex Libris
José Mindlin**

OBRAS COMPLETAS
DE
L. N. FAGUNDES VARELLA



I

VOZES DA AMERICA — PENDÃO AURIVERDE
CANTOS RELIGIOSOS — AVULSAS



Livraria GARNIER, 71, rua do Ouvidor

BRAZILIA

BIBLIOTHECA NACIONAL dos melhores autores nacionaes, antigos e modernos, publicada sob os auspícios de S. M. O Imp. D. Pedro II.

ALVARES DE AZEVEDO. — Obras completas, 3 vol. in-8 enc.	9#000
FREI FRANCISCO DE S. CARLOS. — A Assumpção (poema), 1 vol. in-8 enc.	3#000
CASIMIRO DE ABREU. — Obras completas, 1 vol. in-8 enc. 2#000, br.	2#000
CASTRO ALVES. — Obras completas, 2 vol. in-8 enc. 6#000, br.	4#000
FAGUNDES VARELLA. — Obras completas, 3 vol. enc. 9#000, br.	6#000
GONÇALVES DIAS. — Poesias, 2 vol. in-8 enc. 6#000, br.	4#000
GONZAGA. — Poema por ***, 1 vol. in-8 enc.	3#000
IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTÓ. — Obras completas, 1 vol. in-8 enc.	3#000
JUNQUEIRA FREIRE. — Obras completas, 2 vol. in-8 enc.	6#000
LAURINDO RABELO. — Obras poeticas, 1 vol. in-8 br. 2#000, enc.	3#000
MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA. — Obras completas, 2 v. in-8 enc.	6#000
THOMAS A. GONZAGA. — Marilia de Dirceu, 2 vol. in-8 enc.	6#000
<hr/>	
MELLO MORAES FILHO. — Cancioneiro dos Ciganos, poesia popular dos Ciganos da Cidade Nova, 1 vol. in-8 enc. 3#000, br.	2#000
— Parnaso Brasileiro, comprehendendo toda a evolução da poesia nacional desde 1556 até 1880, 2 vol. in-8 br enc.	
PORTO ALEGRE (Manoel de Araujo). — Colombo, poema, 2 vol. in-4 enc.	8#000
MAGALHAENS (Dr J.-G. de) Visconde de Araguaya — Poesias avulsas, 1 vol enc.	6#000
— Suspiros Poeticos e Saudades, 1 vol. in-8 enc.	5#000
— A Confederação dos Tamoyos, 1 vol. enc.	6#000
— Canticos Funebres, 1 vol. enc.	6#000
— Urania, collecção de 100 poesias, 1 vol. enc.	4#000
PEREIRA DA SILVA (J.-M.). — Aspasia, 1 vol. in-8 enc. 3#000, br.	2#000
— Discursos parlamentares, 1 vol. in-4 enc. 4#000, br.	3#000
— Jeronymo Corte Real, chronica do seculo XVI, 1 vol. in-8	3#000
— La Littérature Portugaise, son passé, son état actuel, 1 vol. in-8 enc. 3#000, br.	2#000
— Manoel de Moraes, chronica do seculo XVI, 1 vol. in-8.	3#000
— Obras Litterarias e Politicas, recordações de viagens e esboços historicos, 2 vol. in-4.	10#000
— Os Varões Illustres do Brazil, durante os tempos coloniaes, 2 vol. in-8 enc.	8#000
— Historia da fundação do Imperio Brasileiro, 2ª edição, 3 vol. in-4.	20#000
— Segundo periodo de reinado de D. Pedro I do Brazil, narrativa historica, 1 vol. in-4 br., 5#000, enc.	6#000

OBRAS COMPLETAS.

DE

L. N. FAGUNDES VARELLA

EDIÇÃO ORGANISADA E REVISTA, E PRECEDIDA DE UMA NOTICIA BIOGRAPHICA

POR

VISCONTI COARACY

E DE UM ESTUDO CRITICO PELO

D^r FRANKLIN TAVORA

~~~~~  
VOZES DA AMERICA — PENDÃO AURIVERDE  
CANTOS RELIGIOSOS — AVULSAS  
~~~~~

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO EDITOR

71, *Rua do Ouvidor*, 71

PARIS, V^o EMILE MELLIER, RUE SEGUIER, 17

—
1892

ESTUDO CRITICO

Preceder de uma noticia as obras que se acham reunidas nesta edição é um dever que se impõe naturalmente ao editor.

A noticia, porém, que tentassemos fazer não poderia ser mais minuciosa, imparcial e competente do que o estudo critico que, por occasião do apparecimento do poemeto *Diario de Lazaro*, escreveu o Sr. Dr. Franklin Tavora

E', pois, pedindo venia ao illustre autor desse estudo que para aqui o trasladamos.

Ha perto de oito annos, tratando de Gonçalves Dias em um livro de critica (1), escrevi algumas palavras onde se patenteam, posto que rapidamente, não só um juizo, mas tambem uma previsão e um receio sobre o autor deste poeme to :

« E' elle (G. Dias) indisputavelmente o nosso primeiro poeta, e difficilmente terá um successor que se lhe aproxime, si a ingrata sorte arrebatár cedo á patria o estro magico de Fagundes Varella, que, no meu fraco entender, é o vate mais genuino, opulento e mavioso da moderna pleiade nacional. »

(1) CARTAS A CINCINNATO, *Estudos criticos sobre o Gaúcho e a Iracema de J. de Alencar*, pag. 166.

Muitas e galantes musas enchiam de gratas harmonias por esse tempo, ao norte e ao sul, o céu da patria. Algumas tiveram posteriormente os labios sellados pela mão da morte : o paiz ainda pranteia Castro Alves, Almeida Braga, Torres Bandeira, Mendonça, e ultimamente Carvalho, quasi desconhecido desta Côrte. A outras impoz silencio a politica, a descrença ou o fastio á vida litteraria, tão pobre de attractivos entre nós : ha quanto tempo não se escutam as suavissimas vozes poeticas de F. Octaviano, Teixeira de Mello, Amaral, Bittencourt Sampaio, Dias Carneiro, Cesario de Azevedo e alguns outros ?

Não ficaram ahi os dias nefastos para as lettras brazileiras. Desilludidos de todo, ou remontando a novos idéaes, vão emmudecendo Tobias de Menezes, Bernardo Guimarães, Victoriano Palhares, Gomes de Souza. Si alguns — Machado de Assis, Guimarães Junior, Cardoso de Menezes, Franklin Doria, Mello Moraes Filho, Santa Helena Magno, Juyenal Galeno, Julio Cesar — ainda trovam, as suas troyãs são mais a expressão das melancolias da tarde que a alegre e fresca toada das aves do bosque ao despontar do dia.

Varios poetas, formando uma constellação, porque, além das melodias nos labios, trazem nas faces as cores brilhantes da mocidade, vão surgindo, mensageiros de aurora nova que promete claridades de dia oriental. Destacam-se, entre outros, Theophilo Dias, Valentim Magalhães, Assis Brazil, Raymundo Corrêa, Damasceno Vieira, Eduardo de Carvalho.

Ora, cada um delles, ou pertença á geração que já vae descendo a montanha da vida, depois de haver encarado o sol em todo o esplendor ; ou pertença á que se aproxima do viso, e ainda tem algumas illusões com muitos clarões roseos ; ou pertença á que da raiz da montanha ou do ameno valle alcança com as vistas alevantadas as luzes aereas atravez de um véu de brancura lactea,

urdido pela mão magica da esperança, entretecido de flores, matizado de paisagens feiticeiras — arroubo das suas paixões generosas — cada um tem a sua feição particular, a sua tristeza ou a sua alegria, a sua veia anacreontica, elegiaca ou epigrammatica, o seu fervor, o seu brando sentir, ou o seu entusiasmo; cada um, como o Anteu recebia forças da mãe-terra, recebe da patria, da mulher, do povo, ou da natureza o oxigenio que lhe avigora as inspirações. Mas nenhum destes estimados cultores das musas — seja-me permittido dizelo sem a menor sombra de offensa ou menospreço a tão respeitavel congresso de talentos, entre os quaes conto muitos de quem sou sincero amigo e admirador — nenhum destes possui a veia lyrica tão potente e mobil como a possuia Varella, excepto Teixeira de Mello (1) e Tobias de Menezes que, quando quer ser lyrico e idealista, disputa as primazias ao que fôr mais rico destes divinos favores.

Tres annos depois de virem á luz aquellas palavras, as lettras brazileiras trajavam luto. Varella terminara os dias antes de ter legado á patria todos os fructos da idade viril, que haviam de valer mais, a julgar pelo *Evangelho nas selvas*, que as flores da mocidade, não obstante serem muito odoríferas e louças.

O mais avultado dos seus fructos, talvez o unico que o verme do esquecimento não ha de corroer de todo, o *Evangelho nas selvas*, confirma-me no conceito a que alludi.

No ultimo triennio o poeta de *Mimosa* aproximara-se muito mais do que d'antes do poeta dos *Tymbiras*. Olhando para trás, não vira, entre tantas joias esparzidas imprevidentemente pelo seu desgovernado engenho, nenhuma que lhe affiançasse sobreviver-lhe por muito tempo. Foi quando a idéa de deixar o nome em algum

(1) No seu livro *Sombras e Sonhos*.

monumento perduravel occorreu a Varella, que até então se deliciara em phantasias e sonhos fugaces, como os sorrisos ou as lagrimas infantis.

Concentrou-se, e produziu em poema de genero lyrico e narrativo, unico que se harmonizava com o assumpto que escolhera, a vida de Jesus ensinada no deserto por um missionario, que passa por ter sido um poço de piedade e virtudes, José de Anchieta.

Que nume deverá presidir ao nascimento do filho da sua imaginação? Bazilio da Gama, Durão, Gonzaga ou Magalhães? Nenhum destes. Nenhum destes é seu irmão no lyrismo pantheista, primeiro meio de manifestar a admiração pela alma da natureza americana, essa alma que se revela mysteriosamente nas florestas verdes e nas montanhas azues.

Magalhães inclina-se ao genero épico; a narração de Santa Rita Durão tem muito da rijeza que lhe deixaram os moldes classicos; Bazilio da Gama propende para a poesia patriotica e guerreira; Gonzaga, cantor namorado, trovador da idade media, traz postos os olhos em um polo invariavel e fixo, o amor da mulher. O horizonte da inspiração de Varella, mais vasto e mais flexivel, tem de adaptar-se ao amor da humanidade. O seu heróe estaria deslocado em uma epopéa, posto não haja drama tão solemne como aquelle que do sacrificio de Jesus tomou os traços e as cores que o immortalizaram.

Este drama, para ser fielmente interpretado, ha de ser cantado em verso dolente, mavioso, singelo, porque na vida do protagonista, cuja alma era lyrica (1) e na dos personagens que á roda d'elle se moviam como as mariposas revoam em torno de uma luz branda, e não das chammas das fogueiras, o primeiro logar pertence ás paixões resignadas ou innocentes, áquellas que, segundo V. Hugo, existem em *Atala* « cobertas por longos

(1) E. Reman, na *Vida de Jesus*; edic. de 1876, pag. 39.

véus candidos ». A epopéa do Evangelho — e não direi a do christianismo, porque o christianismo não está isento de sangue — a epopéa do Evangelho só um poeta lyrico-sentimental a poderia realizar. Firme nesta convicção, Varella volta-se para aquelle dos nossos poetas que, ainda quando descreve combates e canta feitos de guerra, tem os tons sentidos da lyrica meridional :

« Grande Gonçalves Dias! Desses paramos
Onde viver sonhava, e reina agora
Tua alma gloriosa, envia, oh! mestre,
Envia-me o segredo da harmonia
Que levaste comigo. Assim, apenas,
Meu santo empenho vencerei contente» (1).

G. Dias de ha muito merecia o culto da admiração de Varella.

Dil-o o *Solão* mavioso, que se lê no primeiro dos livros do joven poeta fallecido :

« Como podera um propheta
Soffrer tantas agonias!
Busco a tumba de um poeta,
Do grande Gonçalves Dias.
« Pergunta aos mares profundos,
Pergunta ao destino, ao fado,
Ao Deus creador dos mundos
Por esse bardo inspirado!

.....

Enfermo, exausto, cansado,
Soffrendo um pezar insano,
De seu paiz exilado
Teve outra patria — o oceano.

(1) *Evangelho nas selvas*, canto I, c. X.

Folga! espiritos te falam,
Mestre da terra onde choro!
Teu corpo ondinas embalam...
Lendo teus cantos te adoro.» (1)

Mas elle o relê agora mais do que nunca. Versando assiduamente as producções do poeta caxiense, o fim de Varella é saturar-se das suas harmonias, é aprender a cadencia que conhece por intuição, mas incorrecta e barbaramente, é pedir lições ao mestre para a obra cuja magnitude levará o seu nome aos posteros. O *Evangelho nas selvas*, no qual a inspiração de Varella apparece augmentada em bellezas e diminuida em defeitos, dá a medida do horizonte por onde elle discorria as vistas nos ultimos tempos da desperdiçada vida. Cançado do lyrismo desordenado de que revestia assumptos de pequeno tomo, e que elle dissipava com a prodigalidade inconsciente dos primeiros annos em impressões ephemeras a que dava aliás fórmãs admiraveis, como na poesia intitulada *Nevoas* (2), trata de elevar-se a regiões mais verdadeiras, em busca de idéaes que representem antes um patrimonio da sociedade, uma conquista dos tempos, uma aspiração ou um culto da humanidade, do que uma concepção arbitraria, uma belleza fugaz do seu aereo pensamentear. Deixa a poesia vã e leve pela poesia severa e ponderada, a canção pelo poema ou ensaio de poema. Chegara para elle o momento commum a todos os grandes engenhos que tem consciencia do que valem — o momento de pensar na aquisição da immortalidade, esse momento solemne e supremo que leva Homero, Virgilio e Camões a volver-se para a patria, Dante, Milton e Klopstock para a fé, objectos que em si mesmos trazem um cunho de permanencia, que é o primeiro estimulo para quem busca eternizar o nome.

(1) *Nocturnas.*

(2) *Nocturnas.*

Alguns artistas chegam á immortalidade sem terem pensado nella. B. de Saint-Pierre tão longe estava de conhecer o merito do seu livro admiravel *Paulo e Virginia* que resolveu entregar o manuscripto ás chammas depois da leitura feita a Buffon e outrós litteratos, que, como elle, não descobriram ahi a impressão de um desses beijos com que acaricia a fronte dos seus privilegiados a *mens divina*; e somente o enthusiasmo que posterior leitura produziu no pintor Vernet o fez mudar de resolução. Outros ha que elegem o assumpto, planejam a realiação, architectam a fórma, não perdendo nunca de vista o polo magnetico do renome. Varella pertence ao numero destes. Natureza expansiva, elle não póde reter no espirito o conceito que faz da sua propria obra, e é o primeiro que proclama a immortalidade della:

« Oh! não! não morrereis, meus pobres cantos!
Não passarás nas trevas, deslebrada
Musa christã, que peregrina foste
Pedir inspiração ao frio solo
Do sombrio jardim das Oliveiras,
E do suor de sangue te molhaste!
Que subiste constricta, de joelhos,
Beijando as pedras, inundando a terra
De lagrimas de amor e de piedade,
A terrivel montanha do Calvario!
Que entre os negrumes de sinistra noite,
Botas as vestes, os cabellos negros
Soltos aos frios ventos do infinito,
Junto ás santas mulheres pranteaste
Sobre a lousa do Deus suppliciado!
Que o viste erguer-se vencedor da morte,
Buscar o mundo, consolar os tristes,
Prometter-lhes voltar no fim das éras,
E remontar aos céus em nuvens d'ouro!
Hão de te honrar os homens e as idades,
Sinão por ti, por Esse, oujo nome
Santifica teus cantos maviosos!
Passarás ao porvir, ó casta Musa! » (1)

(1) *Evangelho nas selvas*, canto I, c. XII.

Estudemos porém o poeta na ordem chronologica das suas obras. Demais, o *Evangelho nas selvas*, pela importancia e pelos meritos, exige um exame especial que sairá a lume opportunamente.

Um dos traços característicos da poësia de Varella é a imitação ao lado de muita originalidade. Quando em suas producções se nos deparam idéas, planos e versos pertencentes a outros poetas seus irmãos no genero e no gosto, uma observação nos occorre : « Por que razão um poeta tão gracioso e tão fecundo se mostra tão pouco escrupuloso ? Quem tem em si mesmo tantos thesouros de preço, porque se ha de adornar com joias de outrem, que lhe não vem augmentar o valor e brilho natural ? »

Ha todavia uma explicação para isto. Por via de regra os artistas que se inspiram na natureza adquirem o habito de imitar, que insensivelmente os domina sem que nisso entre a vontade. Semelhantes artistas tem por principal attractivo observar e reproduzir as scenas ou os espectaculos que os commovem : são pintores. A sua alma é um espelho magico onde se reflectem os esplendores ou as sombras do mundo, com todos os accidentes, contornos e ondulações. O mesmo phenomeno dá-se com o que os impressiona pela leitura ou pelo estudo. As idéas sympathicas ficam-lhes impressas na tela da intelligencia, donde saem modificadas pela potencia do genio. Não raro o lavor intimo, a acção individual e subjectiva é impotente para transformar inteiramente a criação estranha ou peregrina. Então apparece na reproducção della mais de um traço da primitiva originalidade, que facilmente se distingue da segunda. A nova criação denuncia a cópia ou ao menos a fonte donde proveiu, não obstante a direcção ou o intuito differente que lhe deu o genio do reproductor. E' o que explica o contraste que se nota em quasi todos os livros de Varella.

Mauro o escravo, poemeto com que se abre o livro

Vozes da America, é evidentemente vasado nos moldes do *Y—juca—pyrama*. Começa quasi pelas mesmas palavras. O diapasão é o mesmo.

« Na sala espaçosa, cercado de escravos,
Nascidos nas selvas, robustos e bravos,
Mas presos agora de infindo terror,
Lotario pensava, Lotario o potente,
Lotario o opulento, soberbo e valente,
De um povo de humildes tyranno e senhor. »

Ha aqui, posto que romoto, um reflexo da primeira estrophe do *Y—juca—pyrama* (1) :

« No meio das tabas de amenos verdores,
Cercados de troncos, cobertos de flores,
Alteiam-se os tectos de altiva nação ;
São muitos seus filhos, nos animos fortes,
Temiveis na guerra, que em densas cohortes
Assombram das matas a immensa extensão. »

O escravo que se insurge contra o fazendeiro parece-se com o indio que revoluciona a taba. O canto da irmã de Mauro traz á reminiscencia o canto de morte que entoou o prisioneiro condemnado ao sacrificio. A acção de um diverge da acção do outro poema ; a estrutura porém é quasi uma só.

Não ficam ahi os empréstimos que bem podiam ser dispensados. O Sr. F. Quirino dos Santos, que prefaciou a edição das *Vozes da America* de 1864, referindo-se á poesia *Infancia e velhice*, escreve estas linhas :

« Estou lembrado que o autor me disse uma vez que esta e mais algumas peças do seu livro eram imitações.

O proprio Varella declara que as poesias *Aurora*, *Echos do carcere* e *Exitado*, «foram inspiradas pela leitura das bellas paginas biblicas de Lamartine ; que *Child-*

(1) *Poetas de A. Gonçalves Dias*, tomo II, edic. de 1876, pag. 14.

Harold foi imitado do canto a *Ignez*, no poema do mesmo nome, de Byron. »

Outros exemplos de imitação :

« Porque te afogas, ó irmã dos anjos,
Nas ondas negras de um viver impuro,
E as santas fórmãs do cinzel de Deus
Manchas do vicio no recinto escuro ? »

Esta estância faz acudir á lembrança a primeira da poesia — *Frei Bastos*, de Junqueira Freire (1) :

« Porque te afogas, Bossuet brazileo,
No immundo pégo da lascivia impura,
Porque teus louros triumphaes nodoas
Nas roxas fezes de azedado vinho ? »

Na poesia que se intitula — *Recitativo* escreveu Varella :

« Si eu te dissesse, Magdalena pallida,
Fundo mysterio que meu peito occulta,
Si eu te dissesse que amargura estolida
Em mar de prantos meu viver sepulta ;

Si eu te contasse que tristezas funebres
Meu seio rasgam por febrentas horas,
Que chammas vivas, que delirios lugubres
Cercam-me o leito de infantis auras;

.....

Dize, impiedosa, que vigor satânico
Fez de minh'alma o pedestal da tua ;
E a teus olhares me encadeia fatuo
Bem como o lago reflectindo a lua »

Estes versos, que tem o cunho da originalidade e graça do poeta, revelam entretanto a leitura dos da

(1) *Inspirações do claustro*, edição de 1855, pag. 108.

poesia — *Amor e medo* de Casimiro de Abreu (1), que ha bem poucos annos eram recitados nos primeiros salões do Imperio :

« Ai ! si eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludq reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos, palpitante o seio !
Ai ! si eu te visse em languidez sublime
Na face as rosas virginaes do pejo;
Tremula a fala a protestar baixinho...
Vermelha a boca soluçando um beijo !...
Diz : que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das azas ?
Tu te queimaras, a pisar descalça,
Criança louca, sobre um chão de brasas ! »

Dessa imitação dos poetas que naquelle tempo gozavam de mais fama nos circulos litterarios Varella passou a uma originalidade mais caracterizada. A imaginação embebe-se-lhe mais fortemente na natureza. Dahi toma os mais graciosos paineis, o colorido das suas alvoradas. A sua individualidade affirma-se com todos os tons do seu estro impregnado nos primores da criação. O poeta tem plena consciencia do que vale, e entra sem receio no mundo das visões fagueiras que reproduz com o donaire, a frescura e a animação subjectiva.

Não pede mais inspirações a Byron, ou a Zorrilla, ou a Lamartine, ou a Casimiro de Abreu ; pede-as aos luares intertropicaes, ás flores das varzeas nativas, ás paisagens e louçanias da sua terra. Elle lê os poetas não tanto para os imitar, como principalmente para os conhecer. Canta o indio, a montanha, a floresta, o sertão, a roça, emfim a vida brazileira.

Por esse tempo uma questão internacional veiu estre-

(1) Nas *Primaveras*, edição de 1859, pag. 183.

mecer as relações do Brazil com a Gran-Bretanha. O nosso patriotismo levantou-se em todo o Imperio, sem distincção de partidos, para condemnar a arrogancia do ministro inglez Christie. Foi uma das mais geraes e unisonas manifestações que no Brazil ainda se viram. Varella não ficou atrás do paiz, antes se mostrou na vanguarda, pela imprensa, contribuindo com o obolo da sua musa para a magnitude da represalia. O *Pavilhão auri-verde* não teve outra origem.

Força é porem reconhecer que nos cantos que compõem este manifesto de guerra a musa fluminense se revela inferior á grandeza do assumpto, e deixa fóra de duvida que a poesia explosiva e patriótica não encontra no seio della o conchego e o calor tão propicios ás lyras e outras canções. As cores sanguineas que purpuream os seus poemas amorosos em suavissima languidez apparecem pallidas e vagas ; as harmonias que as paixões campestres; os dramas bucolicos, os costumes roceiros exaltam e requintam não tem ahí a vibração marcial que a natureza do objecto devia, não exigir, mas impor. Tudo isto vem provar que Varella não tinha a inspiração guerreira, mas sim pacífica. O poeta que louvou garbosamente o astro das batalhas (1) no occaso da gloria, quando as fontes do canto não podiam ser outras sinão a tristeza, a resignação e a saudade, não o louvaria jamais com igual successo, no momento mais solemne da sua vastissima parabola, quando se arriscava a sua sorte e a de mais de uma nação em um só campo de batalha, em Waterloo, donde tomou assumpto a musa do Sr. Magalhães, muito mais energica e bellicosa, para remontar-se altiloqua, embora pouco original, ás espheras da epopéa (2).

São do *Pavilhão auri-verde* estes versos a *D. Pedro II*:

(1) Vid. a poesia *Napoleão*.

(2) Vid. *Suspiros poeticos e saudades*, edic. de 1836, pag. 263.

« Oh ! não consintas que teu povo siga
Louco . . . sem ruino, deshonroso trilho !
Si és grande, ingente, si dominas tudo,
Tambem das terras do Brazil és filho.

« Abre-lhe os olhos, o caminho ensina,
Aonde a gloria em seu altar sorri ;
Dize que vive, e viverá tranquillo,
Dize que morra, e morrerá por ti. »

Si eu para muitos já não passasse por dominado de intolerante espirito de provincialismo ; si a alguns não parecesse que só acho belleza e merecimento, elevação e grandeza nas coisas do norte, contra o que aliás protesta o presente estudo sobre um poeta^o do sul, diria, não por me comprazer em confrontos que podem ferir melindres, mas por obedecer, pura e simplesmente, ao meu dever de critico, diria que, quando Varella dava de si copia tão pouco lisongeira, o officio da poesia heroica andava em grande altura em uma das provincias do norte, em Pernambuco. Com o mesmo titulo — *A D. Pedro II* e sobre o mesmo assumpto — a questão anglo-brazileira — um poeta tambem joven, Victoriano Palhares, publicava estrophes de patriotismo rutilante, entre as quaes se encontram as seguintes :

« Quando a Inglaterra
Vier junto a teu solio bradar — Guerra !
— Guerra ! . . . teu povo bradará tambem.
E então, Senhor, verás como é bonito
Inteiro um povo levantar-se a um grito,
Inteiro um povo sem faltar ninguem.

Ninguem ! Que o mais temivel estrangeirc
Não ha de vir no solo brasileiro
Uma afronta cuspir-lhe ao pavilhão ;
O filho do Brazil não mente á herança
Recebida de heróes : nutre a esperança
De vencer sempre ou de morrer Catão.

.....

« Chegou-te a vez, oh! ave de rapina!
Estende a garra: em vil carnificina
Não has de a fome saciar aqui.
Desdobra as azas, atravessa as zonas,
O caboclo, do Prata ao Amazonas,
Enteza o arco, soffrego por ti » (1).

Pouco tardou que se offerecesse nova occasião, mais solemne que a primeira, para de tédio ficar assentado que o estro de Varella não se acendia na chamma do patriotismo heroico; foi a guerra do Paraguay. A luta chegou a travar-se e encarniçar-se. O Brazil derramou copioso sangue. Alguns momentos sombrios baixaram, como aves agoureiras, sobre o gigante da America do Sul, fóra dos seus dominios; e dentro delles houve por vezes periodos, sinão de desanimo, de canção. O luto e as lagrimas mostraram-se de mistura no lar da familia. Pois bem. Quando o triste drama da viuvez e da orphanidade velava de crepe a face da patria, a graciosa musa de Varella, conhecendo talvez que a não fadára a natureza para cantar, como Mickiewicz, as grandes desgraças publicas, e incitar a nação a novos e repetidos sacrificios e heroismos, emmudecia, ou si cantava era outra a alma dos seus cantos.

A musa do norte porém vibrava aos alvoroços guerreiros. Palhares formava, dia a dia, a cada noticia de um feito glorioso, os hymnos que pela segunda vez viram a luz, colligidos em um livro (2), onde se encontram exaltações formosissimas; e Tobias de Menezes, à frente da mocidade academica, nas ruas do Recife, produzindo verdadeiro delirio, levantava o entusiasmo popular com o seu verbo ao mesmo tempo epico e lyrico, ao mesmo tempo mimoso e coruscante, de que pode dar idea, ainda que vaga, a decima seguinte:

(1) *Mocidade e tristeza* 1866: pag. 102.

(2) *Centelhas*, 1870.

« Juntemos as almas gratas
De collegas e de irmãos ;
O vento que acorda as matas
Nos toma os livros das mãos.
A vida é uma leitura ;
E quando a espalva fulgura,
Quando se sente bater
No peito heroica pancada,
Deixa-se a folha dobrada
Em quanto se vae morrer» (1) :

No mais aceso da luta com o Paraguay, quando, para assim dizer, era todo o Brazil heroico, appareceram os *Cantos e phantasias* (2), o mais lyrico dos livros de Varella. Nenhuma palavra ao menos indica, ainda que por alto, nesse livro as mesmas inquietações e incertezas que traziam suspensa entre a vida e a morte, entre a idéa da victoria e a de uma paz desairosa, a commovida patria. Vendo desflar batalhões, ouvindo soar instrumentos marciaes, assistindo a partida de bravos que tinham por mais certo o somno eterno em chão ingrato e inhospito que a volta ao ninho seu paterno, o poeta pudera, em completa abstracção, proseguir a pratica com os autores predilectos e, estranho á lida em que se absorvia a nação, gerar cantos onde resoa a vibração cadente da sua alma apaixonada. Não faço aqui este reparo com o intento de censurar a indifferença fecunda a que devem as lettras joias de tão alto valor. O meu fim é tornar bem claro o character, quasi exclusivamente lyrico, do genio de Varella.

O que ha nos *Cantos e phantasias* é frescura balsamica, sentimentalidade meiga, vivacidade sonora e melancolica. Serão reminiscencias de Byron, Gøthe, V. Hugo e Heine « seus mais estimados modelos », segundo diz o

(1) *Dias e Noites*, ediq. de 1881, p. 154. N. do Edit.

(2) Edição de Paris. — S. Paulo — 1865.

amigo que lhe prefaciou o livro, o Sr. Dr. Ferreira de Menezes? Será ainda refração dos esplendores occidentaes de Soares de Passos e Musset, « cujas vozes elle casa ás suas na mais doce das harmonias? » Será influencia nervosa de escriptores hespanhoes, de cuja poesia « se encontra muito vestigio em mais de uma pagina dos *Cantos e phantasias*? » Será o echo subterraneo, de além-tumulo, de Chateaubriand, Beranger, Vigny e Delavigne, que o Sr. Dr. Ferreira de Menezes diz « lhe foram tambem inspiração fecunda? »

Seja o que fôr, ou obra dos mestres, ou manifestações naturaes do talento com que a natureza o privilegiára, em caminho para o amadurecer, o certo é que ahi o sentimento excede a medida commum, a harmonia passa da craveira por onde afinam muitas e illustres lyras; e, em todo o caso, si ha nessas plangentes melodias echos de outros poetas, as vozes do autor dos *Cantos* soam mais alto que esses echos intrusos, e põem em relevo a sua individualidade sonhadora. Si ha nelles fórmas estranhas, musculos e nervos que tráem pessoalidades peregrinas, a seiva interior que dá vida a essas fórmas, o sentimento que agita esses musculos, a alma a que esses nervos obedecem são do poeta brasileiro.

Não conheço em Zorrilla, nem em Mürger, nem em Longfellow, nem em nenhum outro dos poetas mais justamente estimados e celebres, versos mais ternos e maviosos que os dos *Cantos e phantasias* que reproduzo em seguida:

« Lembras-te, Inah, dessas noites
Cheias de doce harmonia,
Quando a floresta gemia
Do vento aos brandos açoites?

Quando as estrellas sorriam,
Quando as campinas tremiam
Nas dobras de humido véu?
E nossas almas unidas

Estreitavam-se, sentidas,
Ao langor daquelle céu ?

Lembras-te, Inah? Bello e mago
Da nevoa por entre o manto
Ouvia-se ao longe o canto
Dos pescadores do lago.

Os regatos soluçavam,
Os pinheiros murmuravam
No viso das cordilheiras,
E a brisa lenta, tardia
O chão relvoso cobria
Das flores de trepadeiras.

Lembras-te, Inah? Eras bella ;
Ainda no albor da vida,
Tinhas a fronte cingida
De uma innocente capella.

.....

Que é feito agora de tudo?
De tanta illusão querida?
A selva não tem mais vida,
O lar é deserto e mudo!

Onde foste, ó pomba errante?
Bella estrella scintillante
Que apontava-me o porvir?
Dormes acaso no fundo
Do abysmo tredo e profundo,
Minha perola de Ophir?

Ah! Inah! por toda parte
Que teu espirito esteja,
Minha alma que te deseja
Não cessará de buscar-te!

Irei ás nuvens serenas,
Vestindo as ligeiras pennas

Do mais ligeiro condor ;
Irei ao pégo espumante,
Como da Asia o possante,
Soberbo mergulhador.

Irei á patria das fadas
E dos sylphos errabundos ;
Irei aos antros profundos
Das montanhas encantadas.

Si depois de immensas dores
No seio ardente de amores
Eu não puder apertar-te,
Quebrando a dura barreira
Deste mundo de poeira,
Talvez, Inah, hei de achar-te. »

O *Cantico do Calvario* é uma das nenias mais elevadas e sentidas que ainda saíram do coração humano. O coração do poeta entrou nessa elegia grandiosa com todos os pallidos esplendores da imaginação e da saudade. A sua alma, diluida ahi em lagrimas que parece terem sido a tinta crystallina onde elle ensopára penna de rama tão loura, como eram os seus cabellos, pranteia inconsolavel a ausencia daquella parte intima — seu filho — que levára comsigo metade das suas illusões, da sua fé e do seu amor á vida. E' uma melodia travada de notas soturnas e de notas limpidas — consorcio delicioso da mágoa com o prazer de revelar o pungir della.

Nos *Cantos meridionaes*, que se seguiram aos *Cantos e phantasias*, a individualidade de Varella vem revestida de affirmações mais positivas. Com o mesmo lyrismo encontra-se nelles mais meditação. O tempo, a experiencia, o estudo apresentam ahi resultados mais directos. O olhar do poeta desce das phantasias douradas, e pousa nas realidades sombrias da terra. O seu talento descriptivo desenvolve-se. As poesias *A cidade* e *A roça* são quadros que se illuminam com todas as tintas da verdade.

Falam nessas paginas o critico e o juiz ao lado do pintor e do poeta. Este revela-se sempre entusiasta no meio da creação ; admira-a e canta-a. Mas onde sobressáem, como si fossem relevos, os traços finos do seu temperamento, que muitas vezes cáe na satyra ferina e mordaz, é em *Mimosa*, e em *Antonico* e *Corá*, poemetos de uns tons realistas, e de um descriptivo psychologico que manifesta quanto elle estudava a sociedade atravez dos flancos que ella mostra feridos pelo vicio ou simplesmente pela fragilidade natural.

E' para mim fóra de duvida que o espirito de Varella amadurecia no meio dos revezes e irregularidades da vida agitada, como amadurecem os fructos nas arvores tocadas alternativamente pelos raios do sol e pelas torrentes da procella.

Quasi terminada a ridente estação dos sonhos, estava habilitado a conhecer o mundo em variados aspectos, e a produzir quadros mais naturaes e verdadeiros. Tudo nos *Cantos do ermo e da cidade*, ultimo dos seus livros publicados em sua vida, accusa um cunho de madureza que bem demonstra quanto era progressivo aquelle espirito para muitos perdido.

As fórmãs descriptivas que apparecem confusas, trazendo o sello da imitação, em *Mauro o escravo*; que são incompletas e angulosas em *Gualter o pescador*; que são flacidas e tumidas por extremo nas *Nevoas* e na *Enchente*; que são vagas ou delirosas na *Madrugada e beira mar*, na *Varzea* e na *Noite saudosa*; que com inuitas linhas harmonicas apresentam algumas linhas contradictorias na *Cidade* e na *Roça*, cores exaggeradas na *Esperança*, contrastes asperos e impertinentes em *Mimosa*, arredondam-se, amaciam-se, aperfeiçoam-se nos *Cantos do ermo*. Infelizmente não é este o mais delicioso dos seus livros. As incorrecções da mocidade tem o seu rythmo, como as da natureza a sua graça. A arte, sujeitando a inspiração a uma medida conven-

cional, mutila não raro engraçadas imperfeições, que são para os productos da imaginação o que é a espuma para as enchentes, o que é o suor para a maternidade.

Ha talvez herezia neste conceito que pode ferir os ouvidos de muitos orthodoxos na religião das letras.

Sei bem que Goethe, tratando da forma, dizia: a *divina* forma. E'innegavel porém — e bastará o exame para dar-me razão — que absoluto esmero faz o escripto frio ou empertigado. Raro será encontrar em uma producção de forma irreprehensivel o sentimento virgem e espontaneo, sem o qual a arte fere a vista, mas não attinge a sensibilidade. As incorrecções da poesia do povo não lhe Amesquinham nem empobrecem a vivacidade nativa, antes lhe servem de matiz; são o sello da sua concepção larga e franca: entretanto o povo é muito mais incorrecto do que se permite ser a um escriptor culto. Está claro que, pensando assim, não quero erigir a incorrecção grosseira em elemento da esthetica; fôra malicioso, ou obcecado, e, quer n'um quer no outro caso, não fôra justo quem tirasse das minhas palavras esta conclusão barbara. O que eu quero é que a forma não afogue a essencia; é que o exagerado zelo por aquella não absorva de tal modo o artista que não tenha para esta sinão um respeito secundario. A arte será tanto mais perfeita quanto menos sacrificar a natureza.

A poesia intitulada *Estancias* distingue-se por mimos de suave honestidade, que realçam a ternura sonora do poeta.

Qual é o idolo a quem elle queimou tão fragrante incenso? Uma santa ou uma mulher adoravel? Não entrarei nesta apreciação. O culto não desvale quer se applique á primeira, quer á segunda. O aroma, modesto e incorrupto, é digno de ambas.

As composições de mais alento são *Acusmata*, *Sêde e Leviandades de Cinthia*.

Em mais de um lugar do livro descreve-se o espirito da cidade em luta com o da natureza. A aversão á vida social é um sentimento particular dos poetas contemplativos. Varella traz este sentimento aceso a cada momento, protestando vivamente contra o ruido, o egoismo, as paixões, as falsas tintas que particularizam os grandes centros de população.

Todos sabem que a poesia contemplativa tem o primeiro elemento na solidão. Neste ponto Varella segue direcção divergente.

Elle não é um poeta solitário. A sua alma summamente expansiva e amorosa não se compadeceria sem violencia com o mundo limitado á pessoa delle e á natureza circunstante. O seu idéal não está alem das nuvens em uma mansão sonhada pelos poetas mysticos; está na terra adornada com as suas multiplas magnificencias — as florestas profundas, os picos elevados, os rios esclarecidos pelos astros, sem excluir a mulher, sem excluir o homem, sem excluir uma certa sociedade, onde se deparam sentimentos e habitos que mais se casam com os seus gostos e inclinações. Varella é o cantor das meias malicias e das meias innocencias existentes nessa região pittoresca e animada, que não é a cidade deslumbrante nem a solidão bravia, que é simplesmente o campo ou a roça ou o mato, isto é, um theatro modesto de folguedos ingenuos, amores timidos, graças vergonhosas, mais virtudes que vicios, mais natureza que arte, mais desinteresse que calculo— nessa região que está para a civilização como o arrebol está para o dia, nesse plano onde perfis garridos e imagens toscas se debuxam sob uma luz crepuscular que os não deixa ver em completo relevo.

Si a minha critica não se engana, Varella pode ser afe-rido pela poesia — A roça, que é uma das que trazem mais fundamente impresso o signal da sua physio-logia poetica:

« O balanço da rêde, o bom fogo
Sob um tecto de humilde sapé ;
A palestra, os lundús, a viola,
O cigarro, a modinha, o café ;

Um robusto alazão, mais ligeiro
Do que o vento que vem do sertão,
Negras crinas, olhar de tormenta,
Pés que apenas rastejam no chão ;

E depois um sorrir de roceira,
Meigos gestos, requebros de amor,
Seios nús, braços nús, tranças soltas,
Molles falas, idade de flor ;

Beijos dados sem medo ao ar livre,
Risos francos, alegres serões,
Mil brinquedos no campo ao sol posto,
Ao surgir da manhã mil canções :

Eis a vida nas vastas planicies
Ou nos montes da terra da Cruz,
Sobre o solo só flores e glorias,
Sob o céu só magia e só luz. »

Estes mesmos sentimentos manifestam-se em *Acusmata*, que aliás me parece reverbero do estro de algum poeta allemão. E' uma producção de suavidade ineffavel. Dir-se-ia bebida em Schiller, prestimoso idéalista que ainda por nenhum foi passado, nem no mimo da fórma, nem na delicadeza do conceito.

As arvores, as flores, o rio, as estrellas, os espaços, as choças em deliciosa conspiração têm vozes para increpar o poeta de os haver menosprezado pelos brilhos especiosos da cidade.

As arvores dizem :

«..... Nessa s. mbra,
Que alongamos do chão, verás o leiteo

Onde tantos momentos repousaste.
Ah ! eras bello nesse tempo ! A aurora
Tinha-te posto toda a luz nos olhos...
Quando passavas, teu camiño ledo
De frescura e de folhas alfombravamos.
E tu partiste, ingrato, e tu partiste !
E trocaste o socego do deserto
Pelo fulgor das salas dos palacios !
Pelos fingidos risos da mentira !
Pela voragem negra onde soluças ! »

As flores dizem :

« Poeta, a trepadeira solitaria
Que se enrosca lasciva ao duro tronco
Do cedro secular ; a flor guardada,
Entre os galhos do ipé, nas grossas folhas
De alpestre parasita ; a molle acacia ;
O manacá cheiroso que se ostenta
A' beira d'agua, pensativo e triste ;
Os festões do ingazeiro e as açucenas,
Todos te amavam, te adoravam todos.

Ai ! um dia esperamos-te de balde !
Tinhas partido, ingrato ! Abandonaste
Nossa belleza candida e modesta
Por essas sombras doentias, pallidas,
Que entre o lustre do baile se evaporam !
Por essas mumias sensuaes que pejam
As alcovas de sordidas possilgas.

Si tivesses ficado, oh ! cada noite
Uma de nós se erguera embalsamada
Para as lendas contar do nosso reino !
Não o quizeste, doudo, e agora é tarde ! »

O rio diz :

« Não mais te vejo, nem te escuto ao menos
Da loura Grecia as nayades cbamando !
Nem a meus flancos murmurando idyllios,
Nem sobre as aguas a guiar teu barco !
Que fizeste, infeliz !..... »

Vejam os que é o *Diario de Lazaro*.

Depois de dez annos de ausencia, o protagonista volta á patria. Sómente o que nunca se achou em condições identicas não comprehenderá a intensa commoção que o poeta descreve nestes versos :

«..... Eis-me de novo
Em teu seio sagrado, ó minha patria !
Dez annos de saudades, de amarguras,
Mas tambem de esperanças ! Filha esbelta
Dos sonhos de Colombo, abre-me os braços !
..... Quando brilhante
Aos fulgores da aurora, dentre as ondas
Hontem te vi surgir nos horizontes,
Minha alma estremeceu de um gozo immenso,
Meu coração pulsou cheio de orgulho,
Quente de enthusiasmo, e transportado,
Saudei chorando teus erguidos montes,
Que me viram partir triste e abatido.
Eis-me de volta. Os prantos, as insomnias
Descoraram-me o rosto, as duras lidas
Quebrantaram-me o corpo ; mas o espirito
Exulta em seu triumpho ! »

A descripção da bahia do Rio de Janeiro não tem aqui as linhas esculpturaes dos conhecidos versos de Macedo (1).

E' sobria, rapida, complexa, como a impressão do que chega e que revê de um só lance de vista a um só tempo, e sem a pousar em nenhum objecto mais que os instantes necessarios para o reconhecer o céu, a terra, o mar, as linhas e as côres, as faces boleadas e os perfis agudos do torrão natal. Macedo prolonga-se. E' o poeta que faz a pintura para que o leitor conheça todo o plano onde se deve desenrolar o novello da acção concebida pela sua imaginação. Varella põe os versos na boca do proprio protagonista, o qual em si mesmo tem todas as visões, que, depois de adormeci-

(1) Na *Ne ulosa*, pag. 2.

das por muito tempo, despertam subitamente não mais visões porem realidades.

« Terra de Santa Cruz, quanto és formosa,
Quanto és formosa, altiva Guanabara !
Como a noiva do rei, o sol do estio
Tisnou-te as bellas faces, e o sereno
Molhou-te as tranças negras, e suspiras
Mollemente inclinada á beira d'agua !
As estrellas namoram-te do espaço,
Lambem-te os pés as vagas gemedoras,
E arredados de ti velam attentos
Os filhos do diluvio, horrendos monstros,
Em cujos dorsos, emulos do bronze,
Do raio a chamma ha laborado em balde. »

O protagonista fôra buscar um titulo scientifico em terras estrangeiras. O vello de ouro que lhe deve ser dado como premio da conquista em que consumiu dez annos ralado de saudades é a mão de Lucilia. Apenas chegado, corre, vò a S. Paulo, ás margens do Tieté. Ahi é que está o reino encantado onde reside a illusão que lhe foi alento, animo, alma no prolixo exilio. Com esta illusão abraçara-se por algum tempo uma imagem veneravel e santa — a imagem de sua mãe. Um cruel contraste o esperava porém alli. Ao lado de Lucilia havia sombrio vacuo. A mãe fallecera quando elle estava ausente.

« Como feliz pisára estes logares,
Si ainda encontrára minha mãe ! Coitada !
Ha dois annos que é morta. Nem os risos,
Nem os meigos carinhos de Lucilia,
Nem os cuidados de seu pai dissipam
A nuvem de remorsos que me opprime !
Fui hontem ver seu derradeiro abrigo.
Era á tardinha. O vento da montanha
Gemia tristemente na espessura
Dos bastos hervações do cemiterio,
E sobre a cruz humilde que marcava

Da mais terna das mãis o frio leito
Um sabiá cantava tristemente.
As rosas melancolicas da campa,
As aureas sempre-vivas, que sorriam
Nessa paragem onde apenas nascem
O cardo, a ortiga, o feto, o estramonio,
Traíam-me os cuidados de Lucilia.
Inundados de lagrimas os olhos,
Ajoelhei-me sobre o chão revoltó,
E puz-me a soluçar... »

Quando se vê enlaçado áquella que é a concentração mystica de todos os seus enlevos, elle reputa-se tão feliz que se entristece. E' tão curta a felicidade, tão breve o sorriso, tão pontual a dor, tão assidua a lagrima na vida. Eis o que escrevê no seu diario :

« Meu Deus! Senhor meu Deus ! eu tenho medo
Desta dita ineffavel, que derramas
Sobre minha existencia, em almos dias,
Em noites sem iguaes ! Sim ! quasi sempre
No romance da vida a desventura,
Os desastres cruentos se annunciam
Por um sublime prologo ! Perdoa-me,
Perdoa-me, Senhor, si audaz, bafejo
Meu halito de duvida na face
Do liso espelho que teus dons reflecte. »

Seis mezes depois o abutre do infortunio, que lhe roçara o espirito com a aza negra em fórma de vaga sombra entre as placidas claridades da vida deleitosa, pungia-o com as garras aduncas, e das carnes vivas lhe escorria sangue. E' digna de menção, pelos traços realistas, verdadeiros, e tão conhecidos de todos nós, a parte que se refere ao exame dos medicos :

« Os medicos chegaram. Virgem santa !
Quanta resignação e paciência
Não me foram precisas ! Que de exames,
De frivolas questões, palavras vagas,

Irresolutas, timidas respostas,
Estereis discussões ! E' necessario
Que eu parta novamente, e só. Mesquinha,
Triste sciencia ? Quando nada enxerga,
São seus recursos e remedios certos
A mudança de clima, o ar, a vida
No meo das montanhas, tudo quanto
Sem escolas, sem livros, sem doutores
A sabia natureza nos ensina.

Termina aqui a *primeira phase* do poemeto, o preambulo da grande agonia.

Entremos na ultima phase.

Não podendo resignar-se á separação, o enfermo deixa a alegre e pittoresca vivenda para onde o afastaram a sentença dos medicos e as precauções discretas do sogro. Não encontra a mulher; o sogro foge ao seu contacto. Qual a causa deste afastamento ? O enfermo procura penetrar o mysterio e encaminha-se um dia ao aposento do pae de Lucilia. Foi cruel a revelação que elle lhe fez. O seu mal era a morphéa. O poeta põe nos labios do infeliz estas expressões amargas :

« Meu Deus ! eu vi de perto
A fome, a peste, a febre, o desalento ;
Senti soar-me nos ouvidos ebrios
O tinido dos guizos da loucura ;
Vi de perto o delirio, o suicidio,
O atheismo e o nada ; e firme e forte
Encarei-os sorrindo. Mas o effeito
Destas fataes palavras de meu sogro
Não as explica o raio. »

Então já era inutil o mysterio. O enfermo estava fóra da saudavel communhão da familia. Todas as suas relações circumscrevem-se ao estreito aposento que se lhe destinou para curtir a desgraça asquerosa. Eis como o poeta pinta a fatal descaridade que acompanha ordinariamente o morphetico :

* Cada dia
Um escravo depunha-me o alimento
Do meu negro covil á exigua porta
E mudo se afastava. Meus vestidos,
Os trastes de meu uso eram puxados
Com asco e nojo á ponta de uma vara :
Si novos me traziam, necessario
Me era buscal-os pelo chão, de rastos
Como um velho rafeiro. »

Uma noite o acaso pareceu vir em seu auxilio, e offerer-lhe meio de pôr termo ao padecimento descommunal. Elle foi despertado por um corpo de contacto desagradavel. O impertinente hospede era uma cobra. Apenas a reconhece, pensamento consolador lhe illumina a tristeza immensa do espirito. Celere, precipite, busca alcançal-a com as mãos para que ella corte com o dente venenoso o fio da sua abjecta existencia. Mas a propria cobra fugiu-lhe por entre os dedos inflammados. Então lhe occorre novo pensamento, e este é decisivo — o do suicidio pela violencia. Já ia contundir a cabeça contra as portas, quando uma sombra lhe surge diante dos olhos. Era Lucilia, que teve para elle os mesmos afagos e caricias de ha seis mezes, de ha dez annos. Foi a ultima vez que se viram, foi a sua ultima noite conjugal. O enfermo apartou-se para uma morada lobrega e triste, onde teve o derradeiro sonho, entre reptis nojentos, seus fataes companheiros na desgraça atroz que arrastára na terra.

Apreciemos no seu todo a obra posthuma de Varella.

Um mal physico, servindo de fundamento de um drama angustioso, não é idéa hodierna, mas millenaria. Já no seculo VIII, antes da nossa éra, excita a musa hebraica a uma producção incomparavel, que merece a admiração de todos os que se dão ao estudo das obras deixadas pelo genio dos Hebreus. Renan considera-a o idéal do poema semitico.

Quero referir-me á historia de Job, a qual dentre todas as das letras biblicas, depois do Genesis e dos Evan-

gelhos, é a que mais fala á meditação e sympathia do povo.

E todavia, ainda que essa idéa appareça no livro de Job revestida das proporções mais amplas, não deixou fechadas ao ingenho do homem todas as portas do reino encantado do imaginar. Esse livro porém está fóra de comparação. Ha ahi elevação que excede a da musa de Schiller, profundeza que vence a do genio de Shakespeare (1). A maior miseria depois da maxima opulencia, a maior desgraça depois da suprema felicidade, dores intraduziveis succedendo immediatamente a prazeres incomparaveis, emfim a fé e a paciencia perto de descambarem na descrença e no desespero, dão a esse poema originaes contrastes, e o apresentam como o modelo mais perfeito na pintura do soffrimento humano. Não ha noticia de afflicções tão complexas na historia da humanidade. O grande justo soffre como pae, como esposo, como amo, como cidadão, como possuidor de bens, como hospede, como crente. Que mais resta para affligil-o? Nada falta. Além da miseria, o desprezo, a ingratição, a dor moral, tinha elle comsigo a dor physica, tinha a lepra desde a planta do pé até o alto da cabeça « Sentado num monturo raspava com um pedaço de telha a podridão. » Tal é o drama que, quando « Roma não existia ainda; quando a Grecia tinha cantos harmoniosos, mas não sabia escrever; quando o Egypto, a Assyria, a India, a China haviam passado por muitas revoluções intellectuaes, politicas e religiosas, um sabio desconhecido, fiel ao espirito dos antigos dias, escreveu para a humanidade nessa disputa sublime onde o soffrimento e as duvidas de todas as idades deviam achar tão eloquente expressão » (2).

Não obstante o genio desse artista privilegiado, a razão

(1) « O dom de Schiller é a elevação, a qualidade de Shakespeare é a profundez » PHILARÈTE CHARLES, *Estudos sobre a Alemanha*, tomo 2.º, pag. 261

(2) Renan, LIVRO DE JOB, *Estudo*, pag. XXXVII, XLII e XLIII.

está dizendo que da sua tela alguns fios deveram ficar sem a precisa trama. O livro de Job é mais uma colossal polemica philosophica do que a pintura das dores physicas. A fé e a paciencia sustentam ahi luta incessante com a duvida buscando conhecer o incognoscível. O poema satisfaz primeiro necessidades do espirito que do coração.

No *Leproso da cidade de Aosta* (1), cuja veracidade tem por si o testemunho de Sainte-Beuve, começa a deixar-se entrever o amor que apparece caracterizado na *Alma do Lazaro*, e que se avigora ainda mais no *Diario de Lazaro*. Não só neste, mas em outros pontos, Alencar inspirou-se em Xavier de Maistre, e Varella inspirou-se em Alencar.

O *Leproso* tem uma irmã que o ajuda a carregar a pesada cruz da desventura. O *Lazaro*, imaginado por Alencar, tambem tem uma irmã, Luiza, que lhe dá consolações. A irmã do *Leproso* morre; Luiza não morre, mas se ausenta; quem tem morrido é a mãe do doente e neste ponto o *Diario de Lazaro* imitou a *Alma do Lazaro*.

Uma tarde o *Leproso* surpreendeu a se deliciarem em pratica e caricias de placida felicidade dois jovens casados de fresco, que faziam uma digressão pelo pequeno jardim que elle cultivava. Tem inveja á sorte dos amantes, e lamenta não ser um delles.

Não ha no livro de Job, com ser tão sublime, uma scena identica, ou ao menos analoga a esta: os intuitos do escriptor biblico são muito diversos. Mas no escripto de Alencar esta scena se reproduz com proporções maiores.

A felicidade que o leproso de Xavier de Maistre tinha por impossivel, encontrou o do autor do *Guarany*: amou e chegou a ser amado (2).

(1) Vid. *Obras completas* do conde Xavier de Maistre, edição de 1876.

(2) Lêde *O Ermitão da Gloria — A alma do Lazaro*.

Em Varella esta idéa traz fórmãs mais humanas. O morpético não inspira um amor impossível. A mulher não faz mais do que continuar a amar áquelle, para quem se sentira atraída quando o aformoseavam a saude e a mocidade, quando não apparecia deforme sob o manto de repugnante infortunio. O amor aqui é mais natural como dever, do que acolá como affecto, embora simples e innocente.

Outras analogias aproximam estas tres producções modernas.

O pensamento de suicidar-se occorre ao enfermo na narrativa de X. de Maistre ao ver-se privado de um cão, sua unica e fiel companhia ; na de Alencar é suggerido pelo encontro de um cão hydrophobo, do qual todos corriam horrorizados, menos o enfermo que foi direito ao animal, que aliás lhe teve asco, e fugiu ; na de Varella é suggerido pelo contacto de uma cobra que se lhe escorregou por entre os dedos e desapareceu, quando elle tentava retel-a pelo collo.

O leproso de X. de Maistre em certa occasião mostra-se resolutto a pôr fogo na casa afim de se deixar destruir com ella, resolução que somente não levou a effeito por lhe terem lembrado as palavras da irmã que promettera não o deixar nunca, ainda depois de morta ; o de Alencar escapa ás chammas que lhe ateiamam na casa, atirado para fóra por uma taboa sobre a qual caíra uma parede com grande violencia.

A idéa do *Diario*, que é a fórma do poemeto de Varella, encontra-se no romance de Alencar. Aquelle tomou-a deste.

Emfim, ha uma tal identidade de assumpto e traça nestas tres narrativas que não se póde deixar de ter por muito provavel que Varella se inspirasse em Alencar, e que Alencar se inspirasse de X. de Maistre.

Mas, bebida ou não em alheia fonte, a producção de Varella, sinão pela execução, certo pelos intentos, é

superior ás duas precedentes; é superior até á parte que se lhe pode comparar, da *Delfina do mal*.

O meu juizo não fluctua, não hesita um instante sobre a vastidão da linha traçada pela gentil producção de Thomaz Ribeiro. O seu amplo fito patentea-se nas palavras seguintes :

« Tinha escripto o *D. Jayme* para a patria, quiz escrever a *Delfina do mal* para a humanidade.

« Como era ás penas que me dirigia, tomei a resignação por assumpto.

« Pareceu-me que um dos maiores males da humanidade hoje era o desalento, e, como consequencia fatal, a tendencia crescente para o suicidio.»

.....
« Foi outro dos meus intuitos pôr bem a nu as chagas da miséria, e procurar que a poesia servisse a approximar dellas a caridade » (1).

Mas em minha opinião esse largo designio requeria mais movimento e mais drama. Parece-me estreito o campo onde se devia pelejar tão grande batalha.

A lição é acanhada, e, si commove o leitor, não instrue a humanidade. Os sentimentos que ahí se agitam são escassos e pouco impressionam. A resignação representada na leprosa manifesta-se antes como uma rara prenda, uma riqueza especial da sua alma, do que uma victoria contra as paixões terrenas, que exprimem a mais natural e a mais farta partilha do homem.

A historia de Delfina, por alcunha *Sagucha*, conta-se em poucas palavras. Tinha ella uma filha, que era o seu amparo na solidão alpestre onde viviam. Veiu um mau homem, um desertor, Antonio, e furtou Maria, deixando Delfina entregue aos seus proprios meios, isto é, á caridade publica. Esta não lhe faltou. Delfina resigna-se. Eis a lição, que se admira mais pelos suavissimos ver-

(1) Vid. DELFINA DO MAL, *carta-prelacio*, pag. XIX.

sos em que o inspirado poeta a faz publica, do que pela grandeza da afflicção e diuturnidade da luta. São estes os versos (1) :

— « Ai ! se ainda me vivesse o meu querido Bento,
seria o meu amparo ! o meu bordão seria !
O filho da minh'alma, ouvindo o meu lamento,
viria soccorrer-me ! Embora tu, Maria,
cega por amor impuro . . .
indigno amor !
me deixasses, sem cuidares
dos meus pezares,
da minha dor !
Deixa-se assim quem nos cria
entre beijos e caricias,
que são na terra as primicias
do amor celeste ? ! . . .
Olha para ti, Maria !
que me mataste !
que te perdeste !

.....
Foge, Antonio ! longe, ai ! longe !
.....

Deixarem a morta em vida
neste sepulchro escondida !
só ! . . . tão só co'a sua magua !
sem pensares tu, Maria,
que tua mãe não podia,
neste paiz tão alpestre,
colher um fructo silvestre,
encher uma bilha de agua !

.....
Querer falar, e assustar-me
o accento da minha voz !
Querer andar, e arrastar-me
como a serpente na brenha !

(1) Vide *Deffina do mal*, p. 96.

Ver a dous passos o mato,
sem ter um feixe de lenha!...

Ai, Maria!

Ninguem no mundo presúme
quanto, em noite humida e fria,
me dóe chegar-me á lareira,
sem ter quem me accenda o lume.

.....

Só tu, Deus, Senhor, que habitas
o teu ceu azul sem termo,
lanças vistas de bondade
ás solidões do meu ermo!
Só tu me guardas do vento,
me abrigas da tempestade,
e, por mão da caridade,
me dás conforto e sustento. »

Esta paciencia, facil em aceitar com tão fraco protesto e sem afflicção o mal, como aceitaria a noite, ou a mudança das estações, é simplesmente admiravel, mas não é natural nem communicativa.

O autor vae por diante no desenvolvimento da sua these :

— « Delfina, a ingrata Maria
não volta do errado trilho ! »
— « Vós me fareis companhia :
sois meu pae, sêde meu filho. »
— « Pede a Deus te encurte a vida,
vivida tão sem ventura !
já tens a palma florida ;
martyr, pede a sepultura ! »
— « Deus vê-me ; em cada existencia
a desgraça esmalta a prece :
paciencia ! paciencia
é o brazão de quem padece. »

Para provar que os pobres se devem auxiliar, e que o suicidio é um mau passo escreve :

« Offerecendo a Deus a sua magua,
os dois vultos caminham para a Ucha,

Domingas abraçada co'a Ságua
Vinha do rio co'uma bilha d'agua !
ajuntando-se em mysticos abraços,
evitando os barrancos e os abrolhos
prestando, a decepada, a luz dos olhos.
Domingus, a ceguinha, os pés e os braços !
Milagres divinaes da paciencia !
Ó sublime potencia dos affectos !
destes dous pobres entes incompletos
inteira-se, perfaz-se uma existencia ! »
Fugi de mim, designios meus protervos !
suicidio, és do egoismo, és da descrença !
Senhor, a qui me tens ! lava a sentença
do miseravel servo dos teus servos ! » (1)

São encantadores estes quadros sob o aspecto da arte e da poesia. A philosophia porem aqui não prima por abundante e efficaz.

A sublimidade do poema patriarchal desenha-se entretanto a este respeito com o inimitavel colorido da palheta hebraica.

Job, defendendo, por assim dizer, os seus direitos, debate-se contra os amigos na mais renhida discussão. A sua energia e coragem neste repto heroico assumem proporções tão avultadas que parece tocarem os limites da blasphemia.

Esta lição é verdadeira, e quadra aos soffrimentos reaes.

Quando a dôr é intensa, não pôde occultar-se no manto de uma humildade incomprehensivel, antes se revela nos gemidos, nas vociferações ou nas lagrimas.

A resignação de Job não é silenciosa nem discreta, e a razão é porque o seu padecimento, si não foi real, foi fundido nos moldes da verosemelhança.

« Porque não morri eu dentro do ventre de minha mãe ? Porque

(1) *Delina do mal*, pag. 310 e 317.

não pereci tanto que saí delle? Porque fui recebido entre os joelhos? Porque me alimentaram com o leite dos peitos?» (1)

« Uma só cousa é que digo: Deus afflige assim o innocente como o impio. Si elle fere, mate de uma vez, e não se ria das penas dos innocentes.

« Porque me tiraste tu do ventre da minha mãe? Oxalá que eu tivesse perecido, para que nenhum olho me visse » (2) « Deus me fechou debaixo do poder do injusto, e me entregou nas mãos dos impios. Eu... aquelle em outro tempo tão opulento, de repente fui reduzido a pó: tomou-me pelo pescoço, quebrantou-me, e poz-me por alvo dos seus tiros. Cercou-me com a suas lanças, atravessou-me os rins, não me perdoou, e derramou sobre a terra as minhas entranhas. Despedaçou-me com feridas sobre feridas, lançou-se a mim como um gigante. O meu rosto inchou á força de chorar, e as minhas palpebras se escureceram. Padeci isto sem maldade das minhas mãos, quando eu offerecia a Deus puras rogativas. Terra, não cubras o meu sangue, nem os meus clamores achem logar de se esconderem no teu seio » (3).

Eis a verdadeira linguagem do que soffre. Exemplo sublime aos olhos do sabio, e edificativo aos do ignorante. Advertencias grandiosas em que o descrente aprende a recobrar a fé perdida, o crente a fortalecer cada vez mais a sua fé.

Varella não se propõe attingir, ao que parece, nenhum dos alvos que a piedade, a philosophia ou a razão social indicam como balsamo contra as ulceras da humanidade. O seu fim unico é pintar um infortunio, um desespero.

Como na epopéa de Job, os dias nefastos chegam aqui depois de dias de alma delicia.

Na *Delfina do mal*, na *Alma do Lazaro* e no *Leproso* depara-se desde as primeiras paginas a desgraça dos protagonistas. O espirito transporta-se a uma atmosphera pesada que não varia, que é sempre a mesma até o fim. A preocupação da enfermidade e do nojo que ella

(1) *Job*, cap. III. vers 11 e 12 — Vid. BIBL. SAGR., traducção do padre A. P. de Figueiredo, edição de Londres; 1864.

(2) *Job*, cap. X vers. 18.

(3) *Job*, cap. XVI vers. 12 a 19.

inspira, preocupação que não deixa nunca os enfermos, traz o leitor suspenso nessa atmosphera inficionada.

Não se dá o mesmo no *Diario de Lazaro*, e posto que o tom elegiaco domine em toda esta producção, antes de chegar a catastrophe, o leitor atravessa um mundo perfumado e esplendido. O autor soube apparelhar um contraste, crear uma transição, colligir e combinar circumstancias que augmentam o relevo da angustia imprevista. Na reunião dos elementos do drama é que eu vejo o principal merecimento dessa producção.

Imagine-se uma alma de vinte e dois annos, que se alimenta de fagueiras illusões, e se embala em arroubos feiticeiros. Depois de uma jornada de dez annos essas illusões realizam-se, esses arroubos traduzem-se no amor mais puro e mais feliz.

O peregrino que discorre por estrangeiras terras volta á patria, e abre-se-lhe aos olhos uma como fascinação oriental, um novo jardim das Hesperidas : a mão de Lucilia lhe é concedida. Tudo o que rodeia estes jovens esposos respira prazer e enlevo. Cada um delles tem na alma.

« um mundo inteiro
De perfumes, de canticos, de flores »

Mas em pouco tempo, quando a taça da ventura ainda não estava esgotada, quando as paixões cresciam em intensidade, quando ia ainda em meio o festim menos como realidade que como sonho, imprevista e pavorosa tormenta troa na atmosphera, até ahi illuminada e deliciosa, e um drama negro vem substituir-se ao idyllio limpido. Separam-se violentamente as duas almas que o amor unia. Entre ellas acende-se tormento mortal. Não tornarão mais os dias repletos de harmonias afinadas pela satisfação ineffavel que gera o amor novo e amplo ; passaram para sempre. Devia ser crua para dois cora-

ções entusiastas, no vigor da idade, no meio dia da ventura, a noite eterna que lhes veiu na ultima nuvem da aurora, como na aza de dourada abelha vem envenenado pollen.

Varella alcançou a immensidade dessa afflicção, mediu e esboçou todo o negrume dessa agonia indizível. Sob este aspecto o seu trabalho é muito mais meritorio e perfeito que os dos predecessores. A resignação em casos taes é christã, mas o desespero muito mais racional. Concentrar-se mais nas proprias angustias que na paciencia ; ter antes os olhos fixos na miseria corporea que o espirito erguido a consolações que não promettem remedio ao mal sinão além da campa — eis o ponto de vista onde se deve collocar o artista aspirante a retratar o soffrimento sem véus anodynos que tem cabida na pintura idéal, mas são improprios dos quadros da vida.

A arte, a religião, certos interesses da humanidade virão tomar satisfação ao artista que molha o pincel em tintas tão carregadas, posto que não sejam falsas ? Isto é outra questão. Não entrarei nella.

O que eu vejo no *Diario de Lazaro* é uma historia dos nossos dias, historia tão real que commove o leitor, e lhe suscita melancolicas meditações.

Cumpre porém notar que Varella não deu á sua concepção todo o desenvolvimento que ella comportava e requeria. A acção corre celere, e alguns traços ficam sem as cores e os contornos que deviam fazer delles imagens ou grupos de significação relevante.

Comquanto ahio poeta abuse dos adjectivos (é este um dos seus maiores defeitos), muitas e vastas idéas esparziu elle por essas paginas, onde brilha o seu genio travado de tristeza com alguns longes de descrença.

O seu talento descriptivo não descóra, a sua toada musical, si não se apurou mais, é tão cadenciosa neste como nos livros precedentes.

De todos os poemetos que compoz, o *Diario de Lazaro*

é innegavelmente o de mais merito, e seria uma das primeiras obras do poeta si elle o tivesse revisto.

Mas, ainda no estado em que o recolheu um talentoso amigo, cultor das nossas letras, o Sr. Arthur Barreiros, a quem a *Revista Brasileira* deve o ensejo de tornar publica esta valiosa deixa de tão opulento engenho, ainda nesse estado, é o *Diario de Lazaro* uma distincta pagina dos annaes poeticos do Brazil.

Recolhamos tambem, nós os que prezamos os clarões dos astros superiores, tão estimavel irradiação mental.

E' o ultimo reflexo de um sol gentil que desapareceu no poente e não surgirá mais.

FRANKLIN TAVORA.

PREFACIO

Reunindo na presente edição as obras de Luiz Nicoláo Fagundes Varella, julgamos prestar um serviço ás letras brasileiras.

Umás publicadas em varios volumes, outras esparsas em publicações ephemerás, as producções de Fagundes Varella, aliás dignas da collecção de obras escolhidas cuja publicação temos emprehendido, e que já não poucos volumes conta, serão bem acolhidas, estamos certo, pelo publico intelligente.

Colleccionando em uma obra só as diversas producções do chorado poeta, procurámos conservar-lhes quanto possivel a ordem de data de seu primitivo apparecimento, mesmo porque, assim dando-as á estampa, nos parece que melhor se avaliará das evoluções que se foram operando no talento de seu autor.

E' por isso que, abrindo a obra com as *Vozes d'America*, colligimos em seguida *Nocturnas*, *Pavilhão Auri-verde*, *Cantos e Phantasias*, *Cantos Meridionaes*, *Cantos do ermo e da cidade*, collocando logo após os *Cantos religiosos* e algumas poesias dispersas que foram encontradas depois da morte do autor, e fechando a obra com as suas duas producções de mais folego, tambem posthumamente publicadas, e que são uma verdadeira chave de ouro : *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas* e o *Diario de Lazaro*.

Algumas outras obras ainda consta que deixou o autor, umas incompletas, e outras concluidas já. Baldados foram, porém, os esforços que empregámos para conhecer onde

param esses trabalhos. Dahi a sua ausencia nesta collecção.

Antes de terminar, devemos observar que não poucas das poesias contidas nesta edição tiveram variantes feitas pelo proprio autor, achando-se assim reproduzidas em mais de um dos livros publicados em sua vida. Para não repetil-as aqui, escolhemos dessas variantes aquella que nos pareceu ter sido corrigida pelo autor.

O EDITOR

NOTICIA BIOGRAPHICA

Na freguezia de Nossa Senhora da Piedade, actualmente villa do Rio Claro, provincia do Rio de Janeiro, foi que nasceu Luiz Nicoláo Fagundes Varella, aos 17 do Agosto de 1841.

Foram seus pais legitimos o Dr Emiliano Fagundes Varella e D. Emilia de Andrade.

Carinhosos e solícitos pela educação do filho a quem estremeciam, entregaram a José de Souza Lima, habil mestre de escola que então existia em Angra dos Reis, o cuidado de desenvolver e instruir o juvenil espirito do menino.

Em 1852, tendo sido seu pai nomeado juiz de direito de Catalão, na remota provincia de Goyaz, teve o menino que acompanhar sua familia.

Durou semanas a viagem, feita a cavallo, através de sertões sem estradas e quasi desertos, sendo osviajantes forçados a buscar abrigo sob a copa das arvores, onde repousavam e tomavam as refeições.

Se difíceis foram os soffrimentos durante tão penosa periginação, o espirito do poeta recebeu entretanto duradoura e energica percepção das maravilhosas bellezas de um opulento paiz tropical que ainda florescia em sua primitiva magestade. Nessa trabalhosa viagem através de um paiz agreste, colheu elle ainda ensinamento quo mais tarde lhe foi de grande proveito, como havemos de vêr.

Em Goyaz ostudou com admiravel aproveitamento a lingua latina, começando logo a manifestar o seu talento

poetico. Annos depois, regressando sua familia de Goyaz, foi Luiz Nicoláo para um collegio em Petropolis, cujo director, Jacintho Augusto de Mattos, apreciando-lhe a bella intelligencia, aproveitou-a em acurados estudos, habilmente dirigidos.

Mudando-se seu pai para Nitherohy, iniciou o joven poeta seus estudos philosophicos sob a direcção do desembargador aposentado João Candido de Deus e Silva.

Fagundes Varella já se entregava então ao cultivo da poesia, e em ligeiras composições revelava o immenso talento que havia de fulgurar mais tarde. Seu professor, ou receiando que a poesia desviasse o alumno de outros estudos, ou mesmo por ser avêssio a esse genero das manifestações do talento, procurava desanimar o poeta repetindo-lhe amiudadamente que — a *pobreza seria sua sorte*, e accrescentando sempre: « Nunca serás bom poeta. »

Varella, ou por simples travessura, ou para vingar-se do mestre, improvisou um dia duas oitavas e escreveu no fim, como si as houvera copiado: *Luiz de Camões-Luziadas*; abaixo dessas copiou então dos *Luziadas* outras duas oitavas e assignou: « Luiz Varella. » Feito isto, apresentou-as, umas e outras, á apreciação do professor, o qual immediatamente declarou ruins as oitavas de Camões que Varella se attribuiria, e excellentes as de Varella, por este attribuidas a Camões.

Em 1865, matriculou-se na faculdade de S. Paulo. Ao ser examinado em francez, para sua admissão, foi-lhe por sorte designado um trecho de poesia. Immediatamente verteu-o elle em excellentes versos portuguezes, com applauso dos examinadores e circumstantes. Começara assim, por um triumpho, a sua vida academica.

Cursou a academia durante doſus annos, e durante esse tempo, estimulado pelos collegas, publicou as suas primeiras poesias. Por essa época, seu coração inflammou-se

de amor por formosa donzella. Com ella casou-se, e teve um filho, ao qual dedicava extremoso affecto.

Resolvido a concluir seus estudos na faculdade de Olinda, partiu para Pernambuco, como passageiro, no vapor francez *Bearn*.

Esse navio naufragou na altura dos Abrolhos. Varella desenvolveu então grande energia, e, pondo em pratica a sua experiencia adquirida na viagem que fizera a Goyaz, atravez de sertões, dirigiu a construcção de cabanas para accomodação dos naufragos, e de mais trabalhos para a obtenção de soccorros.

Chegando finalmente a Pernambuco, passou alli um anno em proseguir nos seus estudos, e, regressando, por occasião das ferias, ao Rio de Janeiro, quasi perdeu a razão ao saber que a morte lhe havia roubado a esposa e o filho.

Esse golpe tremendo cortou-lhe o futuro e enegreceu-lhe a existencia. Dalli em diante, Varella vagueava pelos campos, abria caminho atravéz das florestas, vadeava ribeiros e passava a nado caudalosos rios, condoendo-se com os africanos escravos que encontrava, contando suas torturas aos tropeiros em cujos pousos parava, suspirando pela morte, e foi por essa occasião que escreveu o sentido *Cantico do Calvario*.

De tal modo se possuiu dos costumes simples da gente do campo, que adoptou as suas maneiras e os seus vestuarios.

Seguindo, porcm, a ordem natural das cousas, a dôr pungente que o atormentava se foi abrandando, e mais tarde contrahiu o poeta segundas nupcias.

Todavia, nunca se restabeleceu completamente do abalo soffrido pela morte da primeira esposa e do primeiro filho. O amor que consagrava á sua nova esposa, a afeição extremosa que sentia pelas suas filhinhas, fructos desta segunda união, não foram lenitivo bastante para aquella alma fadada ao soffrimento. As vezes des-

apparecia durante semanas inteiras, procurando consolação nas florestas e nas choupanas dos camponezes pobres, que o acolhiam sempre com afago.

Em S. Paulo e Olinda, escreveu com extraordinaria fertilidade numerosas composições poeticas, de incontavel merecimento, na maior parte; foi, porém, depois da morte de sua primeira esposa e de seu primeiro filho que o seu genio se expandiu em producções de maisalevantado merito, mais commoventes e de mais profundo sentimento.

Mal comprehendido pelos homens do seu tempo, que não podiam ou não sabiam calcular o gráo dos seus tormentos exaggerados por exaltada sensibilidade, viveu assim mal julgado, considerado como excentrico, talvez como desajuizado, o misero poeta que a desgraça fulminára com dous golpes de morte sobre os seus mais santos amores.

Entretanto, nunca retribuiu as opiniões erroneas emittidas a seu respeito com merecida represalia; era em extremo magnanimo.

Dado ao estudo dos livros, entregava-se com mais amor ao estudo da natureza.

Tencionava, depois de publicar o seu poema *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas*, a mais alentada das suas producções, estudar o rio Amazonas, indo visitar as innumerás tribus indianas que ainda não tiveram communicação com os homens. A morte, porem, não lhe deixou a satisfação desse desejo.

A 18 de Fevereiro de 1875 falleceu na cidade de Nithe-rohy, victima de uma apoplexia cerebral.

Varella escrevia sempre inspirado, como de improviso e de uma vez, as suas composições, os seus cantos; e o que se deve notar, não os relia nunca para corrigil-os.

Suas principaes obras publicadas são as que se encontram nesta collecção.

Alem dellas, deixou em manuscripto, segundo consta,

um **fragmento da vida dos Apostolos** e tres dramas intitulados : *A fundação de Piratininga*, em verso, *Ponto Negro* e o *Demonio do jogo*, tambem em verso, extrahido dos contos phantasticos d'Hoffmann.

Alguns mezes depois de sua morte, a 17 de setembro do mesmo anno de 1875, em reunião solemne, realizada no conservatorio de musica, e promovida pelo Sr Octaviano Hudson, uma alma de elcito, fez-se entrega do busto do chorado poeta á sua saudosa familia.

Esse trabalho artistico, que reproduzia perfeitamente modelada a bella cabeça do cantor das nossas florestas, fôra executado por Bernardelli, o inspirado escultor da india *Faceira*.

Em um dos seus mais esplendidos folhetins, publicados no *Jornal do Commercio*, Ferreira de Menezes, outro brilhante luzeiro tão cedo desaparecido do céu das lettras patrias, a estas lamentava pela perda do poeta, collocando-o justamente entre os primeiros que o Brazil conta.

Surgiram controversias a proposito dessa apreciação, e em sua digna resposta o illustre folhetinista escreveu as seguintes palavras, justo tributo á memoria do morto, e com que fechamos esta noticia :

«Chegára a atravessar as lamas, mas conservára sempre erguida a intelligencia, não a maculára de infamia, não a vendêra, nem o estro caucionára jamais em nenhum balcão social. »

VISCONTI COARACY.

VOZES DA AMERICA

MAURO, O ESCRAVO

(FRAGMENTOS DE UM POEMA)

A SENTENÇA

I

Na sala espaçosa, cercado de escravos
Nascidos nas selvas, robustos e bravos,
Mas presos agora de infundo terror,
Lotario pensava, Lotario o potente,
Lotario o opulento, soberbo e valente,
De um povo de humildes tyranno e senhor.

II

Nas rugas da fronte fatidica e rude
Não tinham-lhe as rosas de longa virtude
Do tempo os vestigios lavado em perfumes ;
Mas ah ! fria nuvem de horror as cobria,
Nublava-lhe o rosto, mais negros fazia
Dos olhos ardentes os férvidos lumes .

III

No inverno da vida, dos tempos passados
Ninguem lhe sabia. Boatos ousados

Erguiam-se ás vezes; mas ah ! que diziam ?
Lotario era grande ; seus bosques passavam
Das serras além ; seus campos brotavam
Riquezas immensas, que a tudo cobriam.

IV

Depois, é tão facil na sombra nocturna
O insecto esmagar-se, de voz importuna,
Que o ouvido nos enche de tedio e de nojo !
Um gesto... uma espera... na estrada uma cruz...
Só sabem-no as selvas, os fossos sem luz
E as serpes que a plaga percorrem de rojo

V

Na sala espaçosa Lotario pensava.
Roberto, seu filho, de um lado esperava
Trememente, ancioso, que o pai lhe fallasse.
A turba de servos immoveis, silentes,
Os braços cruzados, as frontes pendentes,
A voz aguardava que as ordens dictasse.

VI

— Conduzam-me o escravo !... Lotario bradou.
O bando de humildes a sala deixou
A's torvas palavras do torvo senhor.
Lotario sombrio voltou-se a seu filho,
De quem, dos olhares, corria, no brilho,
A chamma sinistra de um genio trahidor.

VII

— Socega, Roberto, lhe disse ; é forçoso
Que eu puna o africano feroz, revoltoso,
Que ousou levantar-se da lama a teus pés.
Roberto curvou-se. O pai, se afastando,
Sentou-se, e, os sobr'olhos fataes carregando,
Em scisma profunda perdeu-se outra vez.

VIII

Momentos passados, um surdo ruído
Ergueu-se da escada, por entre o tinido
De ferreas cadêas batendo no chão,
E os servos de volta, trazendo o culpado
Tristonho, olhos baixos, o dorso arqueado,
No centro pararam do antigo salão.

IX

Silencio profundo ! nem um movimento
Se via no grupo, que, tremulo e attento,
A voz esperava que alçasse o senhor ;
Lotario media severo o captivo,
E as faces do filho tyrannico e altivo
Cobriam-se aos poucos de vivo rubor.

X

— Escravo, aproxima-te. Ao mando potente,
Moveu-se o inditoso brandindo a corrente,
E erguendo a cabeça fitou seu juiz ;
Que traços distinctos ! que nobre composto !

Que lume inspirado saltava do rosto,
Dos olhos doridos do escravo infeliz !

XI

Oh ! Mauro era bello ! Da raça africana
Herdára a coragem sem par, sobrehumana,
Que aos sopros do genio se torna um volcão.
Apenas das faces um leve crestado,
Um fino cabello, comtudo annelado,
Trahiam do sangue longinqua fusão.

XII

Trinta annos contava ; trinta annos de dôres
Do estio da vida seccaram-lhe as flôres
Que a aurora banhára de orvalhos e luz,
Deixando-lhe apenas um odio sem termos,
E d'alma indomavel, nos cálidos ermos,
A chamma vivace que a força traduz.

XIII

Mas isto que importa ? dos mares no fundo,
No lodo viscoso do pantano immundo,
Tem brilhos o ouro, scintilla o diamante ?
E a testa cingida de ethereo laurel
Tem vida se o mundo nodôa-a de fel
E curva aos martyrios de um jugo aviltante ?

XIV

— Conheces teu crime ?... gritou o senhor.
— Não!... Mauro responde com frio amargor,

O tigre encarando que em raiva o media.
— Pois que, desgraçado! fremente exclamou;
E, erguendo-se rubro, Lotario avançou
Ao servo impassível que ao raio sorria.

XV

— Pois que, desgraçado! tu zombas de mim!
E ousado, insolente contempas-me assim!
A mão levantando Lotario bramiu.
Mas frio, tranquillo, sereno o semblante,
Sem dar nem um passo, mover-se um instante,
O escravo arrogante de novo sorriu.

XVI

Conteve-se o barbaro. — Oh! misero cão!
Humilha-te, abaixa-te, é tempo, senão
Com ferreos açoutes arranco-te a vida!
Conheces teu crime?
— Ignoro, senhor;
Minh'alma é tranquilla, só tenho uma dôr,
E essa é de funda, secreta ferida.

XVII

— Tu'alma é tranquilla! Tu nada fizeste?
Tu contra meu filho brutal não te ergueste,
Nem duros insultos lançaste-lhe ás faces?
— Não nego, é verdade.
— Confessas?
— Confesso!
E o escravo agitou-se, do odio no excesso,
Lançando dos olhos scentelhas fugaces.

XVIII

Lotario tremeu. Nas luzes febrentas
D'aquellas faiscas, passaram sedentas
As furias medonhas de eterna vingança.
Calou-se um momento, sombrio, engolfado
N'um pego de idéas, talvez despertado
Ao subito choque de viva lembrança.

XIX

Mas logo de novo raivoso, incendido,
Voltou-se ao captivo: — Captivo atrevido,
Porque ultrajaste teu amo e senhor?
— Porque?... disse Mauro, porque? vou dizer...
Porque? eu repito, que assim é mister:
Teu filho é um cobarde, teu filho é um trahidor!

XX

— Segurem-no!... branco de colera arfando,
Rugiu o tyranno, convulso, apontando
O escravo rebelde que os ferros brandia.
— Segurem-no! e aos golpes de rábido açoite,
Lacerem-lhe as carnes de dia e de noite,
Até que lhe chegue final agonia!

XXI

O bando de servos lançou-se, ao mandado.
— Ninguem se aproxime! bradou exaltado
O moço captivo sustendo a corrente.
A turba afastou-se medrosa e tremendo;

E Mauro sublinfe, seu odio contendo,
Fallou destemido do despota á frente :

XXII

— Não creias que eu tema! não creias que, escravo,
Supplicios me curvem, ai! não, que sou bravo!
Porque me condemnas? que culpa me opprime,
Senão ter vedado que um monstro cruento,
De fogos impuros, lascivos, sedento,
Lançasse a innocencia nas lamas do crime?

XXIII

Oh! sim, sim, teu filho, no lubrico afan,
Tentou á deshonna levar minha irman!
Ai! ella não tinha que um misero irmão!...
Ergui-me em defesa; teus ferros esmagam,
Humilham, rebaixam, porem não apagam
Virtudes e crenças, dever e affeição!

XXIV

Fiz bem! Deus me julga! Tu sabes meu crime,
O fero delicto que a fronte me opprime,
As faltas nefandas, os negros horrores;
Agora prosegue, prosegue, estou mudo,
Condemna-me agora que sabes de tudo,
Abafa-me ao peso de estolidas dôres!

XXV

E Mauro calou-se. Mais frio que a morte,
Mais tremulo que os juncos ao sopro do norte,

A' viva ironia Lotario abalou-se.
— Afastem-no!... Afastem-no! ergueu-se rugindo.
E a turba dos servos, o escravo impellido,
Em poucos instantes da sala afastou-se.

XXVI

Ah! misero Mauro! passados momentos,
Terrivel sentença dos labios sedentos
Baixou o tyranno, que em furias ardia:
— Amarrem-no, e, aos golpes de rabido açoite,
Lacerem-lhe as carnes de dia e de noite,
Até que lhe chegue final agonia.

XXVII

Mas, quando a alvorada no espaço raiava,
E os bosques, e os campos, risonha inundava
Das longas delicias do ethereo clarão,
O escravo rebelde de balde buscaram,
Cadêas rompidas sómente encontraram,
E a porta arrombada da dura prisão.

O SUPPLICIO

I

Na hora em que o horizonte empallidece,
Em que a briza do céu vem suspirosa
De humidos beijos afagar as flôres,
E um véo ligeiro de subtis vapores
Baixa indolente da montanha umbrosa;

II

Na hora em que as estrellas entremecem,
Lagrimas de ouro no sidéreo manto,
E o grillo canta, e o ribeirão suspira,
E a flôr mimosa que ao frescor transpira
Peja os desertos de suave encanto;

III

Na hora em que o riacho, a veiga, o insecto,
A serra, o taquaral, o brejo e a matta
Fallam baixinho, a cochichar na sombra,
E as molles felpas da campestre alfombra
Molham-se em fios de fundida prata;

IV

Na hora em que se abala o santo bronze
Da igrejinha gentil no campanario,
Uma voz lacerada, enfraquecida,
Levantava-se amarga e dolorida
Da sombria morada de Lotario.
.....

I

Eu vou morrer, meu Deus! já sinto as trevas.
As trevas de outro mundo que me cercam!
Já sinto o gelo me correr nas veias,
E o coração calar-se pouco a pouco!

II

Eu vou morrer, meu Deus! minh'alma lucha,
E em breve tempo deixará meu corpo...
Tudo em torno de mim foge... se afasta...
Já estas dôres não me pungem tanto!

III

Não !.. meus sentidos se entorpecem. Bello
O meu anjo da guarda me contempla;
Meu seio bebe virações mais puras,
Creio que vou dormir... sim, tenho somno.

IV

Minha mãe !... meu irmão !... eu não vos vejo!
Vinde abraçar-me, que padeço muito!
Mas de balde vos chamo... Adeus... adeus...
Eu vou morrer... eu morro... tudo é findo...

V

E a voz debilitava-se, fugia,
Como o gemido flebil de uma rôla
Nos complicados dédalos da selva,
Até que em breve se escutava apenas
O estalo do azorrague amollecido
Sobre as feridas do coalhado sangue
Da pobre irmã do desditoso Mauro.

VI

— Basta! — bradou um dos algozes —basta!
Deixai-a agora descansar um pouco,

Repousemos tambem ; meu braço é fraco.
Inunda-me o suor ! logo... mais tarde
Acabaremos a tarefa de hoje.
Logo ? estaes doudo ? a creatura ha muito
Que sacudiu as azas.

— Sim !... é pena.

— Apalpai-a e vereis.

— Com mil diabos !

Ide ao amo fallar, — responde o outro,
Limpendo na parede a mão molhada.

VII

Os que este officio lugubre cumpriam
Era um branco robusto, olhar sinistro,
Cabeça de panthera ; o outro um negro
Possante e gigantesco, as costas nuas
Deixavam vêr os musculos de bronze
Onde o suor corria gota á gota.

.....

VIII

— Meu senhor..

— O que queres ? falla e deixa-me,

Lotario respondeu voltando o rosto
Ao servo herculeo que da porta, humilde,
O vinha interromper nas tredas scismas.
— A mulata morreu.

— Pois bem, que a deixem,

E enterrem-na amanhã.

A esta resposta

Decisiva e laconica, o africano
Retirou-se a buscar seu companheiro,

Deixando o potentado, que de novo
Mergulhou-se nas fundas reflexões.

.....

IX

.....

Ao vivo encanto de uma aurora esplendida
Voltando o rosto a noite despeitada
Cedeu-lhe a criação, e foi ciosa
Esconder-se em seus antros. As florestas
Sacudiam a coma embalsamada,
Onde ao lado da flôr o passarinho
Se desfazia em queixas amorosas.
Tudo era bello, radiante e puro,
Palpitante de vida ; a natureza,
Como a noiva feliz, tinha trajado
As mais soberbas galas, e estendia
Os seus labios de rosa ao rei dos astros,
Que ancioso tremia no oriente
Para libar-lhe seu primeiro beijo.

X

Mas através do manto vaporoso,
Que leve e tenue para o céu se eleva
Nas madrugadas festivaes do estio,
Um grupo silencioso caminhava
Pela encosta do monte, conduzindo
Um fardo estranho e dubio ; era uma rêde
Nodoada de sangue ! um corpo longo,
Rijo, estendido, desenhava as fôrmas
Sobre osordido estofo. A madrugada
Que tão linda ostentava-se no espaço,
Tristonha e temerosa parecia

Das vestes alvas afastar a fimbria
D'esta scena sinistra e ensanguentada ?

XI

Chegando ao topo da montanha, os vultos
Pararam, descançando sobre a terra
O peso mortuario. A natureza,
Que pr6vida lançara o encanto e a vida
Ao redor d'este sitio, parecia
Ter-lhe tudo negado. O solo ingrato,
Revolto, secco nem sequer mostrava
Uma gota de orvalho ; desde a relva
Macia e vigorosa até a ortiga
Nada crescia alli ! Triste, solemne,
Sobre um monte de pedras, levantava-se
Apenas uma cruz em cujos braços
Dous passaros beijavam-se gemendo.

XII

— Péga na enxada e cava, disse o homem
Que presidira ao barbaro supplicio
Da pobre irmã de Mauro, abre uma cova
Aqui n'este lugar, e bem depressa,
Oito palmos de fundo e tres de largo,
Atira dentro o corpo da mulata,
Cobre de terra e calca. Estas palavras
Foram ditas ao negro gigantesco
Que á vespera sorria-se, rasgando
As carnes da infeliz. Depois, voltando-se
Aos outros desgraçados : — Vealiam todos,
São horas dos trabalhos ! E partiram.

XIII

Em breve tempo os golpes compassados
De uma enxada pesada começaram
A cahir sobre a terra, lentamente
Abrindo o ultimo leito da inditosa.
O feroz africano proseguia
No seu lugubre officio, sem ao menos
Levantar a cabeça. Alguns minutos
Já tinham decorrido, quando em frente
Uma voz retumbante levantou-se
Fazendo ouvir-lhe o nome ; o bronzeo monstro
Parou, volveu em torno o olhar selvagem,
E murmurou estremecendo : — Mauro !

XIV

Sim, era Mauro, e quão mudado estava !
Dias sem luzes, noites sem descanso,
Tinham dez annos lhe roubado a vida !
N'aquella fronte scismadora e dôce,
Onde luzia a resignação outr'ora,
Passavam nuvens de fatal vingança,
De planos infernaes ! N'aquelles olhos
D'onde incessante vislumbrava o genio,
O genio que o Senhor prefere ás vezes
Sobre a choça lançar do que nos paços,
O genio que alimenta-se de dôres
E vive de amargor, n'aquelles olhos
Raios de sangue se cruzavam, rapidos !
A face descarnára-se, os cabellos.
Os cabellos, oh ! Deus, negros, luzentes,
Em poucos dias alvejavam ! Mauro

Era uma sombra apenas e uma idéa :
Sombra de dôr, idéa de vingança !

XV

Não era o seu trajar o de um escravo,
Nem tambem de um senhor. Sombria capa,
Grosseira, embora, lhe cobria os hombros
E deixava entrever pendente á cinta
Uma faca ou punhal ; largo chapéo
De retorcidas abas inclinava-se
Mostrando a vasta frente ; uma espingarda
Trazia á mão direita. Onde encontrára
O escravo estes recursos ? Não se sabe.
Dera-lhe alguém, ou os roubára ? Mauro
Era nobre de mais : desde criança
Bebera as leis de Deus dos santos labios
De velho missionario, e aprendera
A decifral-as nos sagrados livros,
Embora a furto, a medo, que ao captivo
E' crime levantar-se além dos brutos.

XVI

— Mauro !... de novo estupefacto, tremulo,
Ao aspecto do transfuga sinistro
O negro murmurou :

— Oh ! sim, é Mauro !

Bradou aquelle adiantando-se ; abre
Esta rêde depressa, quero vêl-a,
Vêl-a ainda uma vez, depois... vingal-a !
— É tua irmã...

— Bem sei. Abre essa rêdo,
Abre essa rêde, digo-te !

O africano

Deixou a enxada e foi abril-a. Oh ! Deus !
Não era um corpo humano, era um composto
De carnes laceradas, rôxas, fétidas,
Inundadas de sangue ! Massa informe
De musculos pollutos, negro emblema
De quanto ha de feroz, barbaro, tetrico,
Cruentamente horrivel ! O captivo
Exhalou da garganta um som pungente,
Tigrino, e tão selvagem, que o africano
Sentiu um calefrio ; ergueu os olhos
Abrazados ao céu, depois sem forças
De joelhos cahiu junto ao cadaver
E se desfez em lagrimas ardentes,
Em soluços doridos. Impassivel,
Frio como as estatuas indianas,
O negro contemplava este espectáculo
Que abalaria de piedade as pedras,
E susteria as rabidas torrentes
Nas rochas escarpadas !

— Bem ; é tempo...

Basta de inutil pranto ! disse Mauro
Erguendo-se do chão ; — e tu agora,
Fallou fitando o turbido coveiro,
Cumpre com teu dever !... De novo os olhos
Encheram-se de lagrimas. — Adeus !
Adeus ! misera irmã, tu és ditosa !
Deus te deu a corôa do martyrio,
Para entrares no céu ; a côrte angelica
Espera-te sorrindo... e eu inda fico,
E tenho de esgotar até ás fezes
A taça envenenada da existencia !

.....

Tu passaste na terra como as flôres
Que a geada hibernal derriba e mata ,

Foram teus dias élos de teus ferros,
E teus prazeres lagrimas !

II

Negou-te a primavera um riso ao menos ;
Dos sonhos na estação, nenhum tiveste ;
A aurora que de luz inunda os orbes
Te abandonou nas trevas !

III

Alma suave a transpirar virtudes,
Genio maldito arremessou-te ao lodo !
Buscaste as sendas lucidas do Emyreo,
E apontaram-te o cahos !

IV

A Providencia que os coqueiros une,
Quando a tormenta pelo espaço ruge,
Até o braço de um irmão vedou-te,
Oh ! planta solitaria !

V

A morte agora te escutou, criança !
Trouxe a alvorada que esperaste embalde,
E adormecida nos seus molles braços
Pousou-te junto a Deus !...

XVII

Assim Mauro fallou. Pesada e surda
A enxada do coveiro retumbava,

Como o bater funéreo e compassado
Do quadrante do tempo. O foragido
Lançou inda um olhar piedoso e triste
Sobre os restos da irmã, depois ligeiro
Afundou-se no dédalo das selvas.

A VINGANÇA

I

Tres vezes percorrido as doze casas
Tem o rei das espheras. É um dia
Brilhante e festival, cheio ds jubilo
Nos immensos dominios de Lotario.
A habitação transborda de convivas,
Retrôa a orchestra, tudo ri-se e folga,
E os proprios servos no terreiro juntos
Dançam contentes, sem lembrar-se ao menos
Da escravidão pesada. O que ha de novo ?
Que facto estranho ha transformado a face
D'esta sinistra e turbida morada ?
Não o sabeis ? Roberto hoje casou-se,
Roberto, o filho amado de Lotario
Cujos dominios não abrange a vista :
Feliz tres vezes a formosa noiva !

II

A dança, o riso, os brindes e as cantigas
Até á noite vão ; quando já debeis
As luzes vacillavam nos seus lustres,
E o cansaço abatia os seios todos ;

Quando convulso o arco estremecia
Nas cordas da rebeca, e os olhos languidos
Percorriam os grupos fatigados,
Roberto palpitante de ventura,
Louco de amor, a fronte encandecente
De abraçadas idéas, afastou-se
Do meio dos convivas, e furtivo
Desceu ao campo a respirar as brizas
Embebidas dos languidos perfumes
Das noites do verão. Tudo era calmo,
Serenos e socegado; a natureza,
N'um leito de volúpias adormida,
Parecia sorrir-se desdenhosa
Ao jubilo ruidoso que partia
Da casa de Lotario. Pensativo
Roberto se sentou sobre uma pedra
A' margem de um regato, abrindo o seio
Ao transpirar balsamico das flôres.

III

Nas noites de noivado, quem se atreve
A deixar o festim, antes que a aurora
Não surja no horisonte? Assim o moço
Vendo inda longe a hora desejada,
Incendido de fervidos desejos,
Maldizia essa festa, esses convivas,
Essa ardente alegria, que adversa
Levantava-se entre elle e a noiva amada.

IV

Longo tempo assim 'steve, mergulhado
Nas suas reflexões; quando se erguia

Para voltar á casa, um vulto escuro
A passagem cortou-lhe. O moço, rapido,
Volveu um passo atraz, e socegado
De seu primeiro susto, perguntou-lhe :
— Quem és tu ? o que queres ?

Impassivel,

O estrangeiro afastou as largas abas
De seu vasto chapéo.

— Oh ! Deus ! é Mauro !

Mauro, o que queres ? falla !

— Eis o que quero !

O escravo respondeu vergando o moço
Com seus braços de ferro ; — eis o que quero !
Bradou cruento, amiudando os golpes
Terriveis e certos sobre o peito
Do mancebo infeliz. — Eis o que quero !
Repetiu, arrastando-o sobre a relva
E despenhando-o sobre um fosso immundo,
Cheio de lama e apodrecidas plantas.
— Eis teu leito de bodas, bôa noite !

.....

v

A orchestra proseguia, ardente, forte,
Seus ruidosos accordes ; dos dançantes
Poucos se achavam do salão no meio,
A maior parte conversava aos cantos
Cançada e somnolenta. De repente
Uma escrava lançou-se allucinada
Entre os grupos esparsos dos convivas !...
— Venham ! bradava, meu senhor 'stá morto,
Meu senhor já morreu !... venham, acudam !
Um raio que tombasse no edificio
Não produzira tanto horror ! A orchestra

Calou-se repentina ; um calefrio
Correu nas veias todas, e nos rostos
A pallidez do tumulo estendeu-se.
Levantaram-se tremulos, medrosos,
Acompanhando a escrava, que apressada
Ao quarto de Lotario os conduziu.

VI

Elle estava deitado no assoalho
Inundado de sangue ; um surdo ronco
Partia-lhe do seio, e os olhos baços
Uma janella aberta contemplavam,
Como querendo descobrir nas trevas
Um profundo mysterio. O quarto cheio,
Repleto de convivas e de escravos,
Retumbou de questões : — Onde foi elle
Como foi ? Conheceram-no ? Seu nome ?

VII

Lotario apenas, já levado ao leito,
Para a janella olhava, abria os labios,
Uma palavra ia partir, depois,
Vendo baldados os esforços todos,
Soltava um som pungente e cavernoso,
Entre espuma sangrenta, da garganta.

VIII

Duas horas de angustias se passaram :
A morte caminhava passo a passo,
E não tardava vir sentar-se, livida,
Do leito do senhor á cabeceira.

Tudo era em vão ; cuidados e soccorros
Gastaram-se debalde. Um dos captivos
Montado sobre rapido cavallo,
Correra a vêr o medico ; era longe
A morada do filho da sciencia ;
E a sina de Lotario estava escripta !
.....

Quando a sombra funérea de além mundo
Começou a turbar-lhe o olhar e o rosto,
Supremo esforço elle tentou ; ergueu-se
Por uma estranha força, abriu os labios
E murmurou com voz lugubre e funda,
Com essa voz tão proxima dos tumulos,
Que parece partir de negro abysmo :
— *Tambem era meu filho !*... e extenuado
Cahiu sobre os lençoes, rigido, frio,
Já dominio da campa !

Em vão tentaram

O sentido buscar d'essas palavras
Que Lotario dissera ao pé da morte,
Em vão tentaram descobrir aquelle
Que era tambem *seu filho !* densas trevas,
Impenetravel manto de mysterio
Cobria esse segredo, e o unico lume
Que pudera surgir, o gelo frio
Tinha apagado para sempre ! A campa,
Discreta confidente, esconde tudo !

VÃOIS

.....

I

É noite ; da serrania
Na selva negra e sombria
Bate rija a ventania
Com lufadas horrorosas ;
Cahe a chuva estrepitando,
E, pelas brenhas rolando,
Tomba a torrente espumando
Nas cavernas tenebrosas.

II

Ruge no espaço o trovão,
Do raio o fulvo clarão
Rasga o véo da escuridão
Com furia descommunal,
E das frias sepulturas
Erguem-se as larvas impuras,
Cantando nenias escuras
Ao sopro do vendaval.

III

Por esta noite de horrores,
Da tempestade aos furores,
Quem se atreve sem temores
Pelos ermos se embrenhar ?

Quem és tu, vulto descrido,
Tredo espectro foragido,
Que em teu corcel destemido
Cortas o plaino a voar ?

IV

Tens os olhos encovadas,
De fundos visos cercados,
Sinistros sulcos deixados
Por átros vícios talvez ;
A fronte escura e abatida,
Rôxa a bocca comprimida,
A face magra tingida
Da morte na pallidez.

V

Do fuzil á luz fremente
Brilha-te á cinta, na frente,
Lamina fria e luzente
De retorcido punhal . . .
Que dizes de quando em quando,
Que teu corcel se alentando,
Rasteja apenas, passando,
As folhas do matagal !

VI

Não te amedronta a tormenta
Que pelas nuvens rebenta,
E sobre as azas sustenta
Dos raios a legião ?

**Nem te horrorizam gemidos
Dos espiritos, que unidos,
Nos ares correm pendidos
Do sudario do tufão?**

VII

**Quem sabe si a Divindade,
Em sua santa equidade,
Te envia da eternidade
Para no mundo vagar ?
Quem sabe si ó teu castigo
Transpôr perigo e perigo,
Sempre exposto ao desabrigo
Pelo deserto a penar !**

VIII

**Vai!... e si acaso és culpado,
Corre, corre, desgraçado,
Cumprindo teu negro fado
Por valles e serranias !...
O trovão ronca tremendo,
Os cedros pendem rangendo,
Os genios pulam gemendo
No embate das ventanias !**

NOTA

Este poema foi composto em uma viagem que fez o author ao interior da provincia de S. Paulo.

Tendo, porém, perdido uma grande parte, e sendo instado por amigos para que o concluísse, viu-se na necessidade de ajuntar algumas lembranças que ainda lhe restavam, e continual-o da maneira em que está.

O que apenas escapára são as estrophes regulares e rimadas da primeira parte, começo da segunda e epilogo.

Os versos brancos substituem ao que se tinha extraviado.

PREDESTINAÇÃO

(RECITADA NA SESSÃO MAGNA DO *Culto á sciencia*)

A noite expira ; as estrellas
Mais seductoras e bellas
Desmaiam no céu azul ;
Cobre-se a relva de prantos,
A nevoa desdobra os mantos
Nas montanhas do Friul.
Tudo é tristonho e silente,
Mas nas raias do Occidente
Um arco-iris fulgente
Se debruça n'amplidão,
Emquanto que vacillante
Nas campinas do Levante
A lua caminha errante
Com seu pallido clarão.
É a hora dos mysterios !
Ao longe nos cemiterios
Gyram phantasmas funereos
Entre horrendas monodias ;
Sylphos correm nas campinas,
Brincam no mar as ondinas,
Dançam fadas peregrinas
No topo das serranias.

Nas quêdas vagas
Miram-se as plagas

E o monte e as fragas
A luz astral ;
Abrem-se as flôres
Vertendo odores,
Entre os frescores
Do laranjal.
A briza errante,
Dubia, inconstante,
Bêbe offegante
Quentes perfumes,
Depois se irrita,
Volteia e grita,
Na onda agita
Férvidos lumes.

Nos bosques
Tristonhos,
Em sonhos,
Pendidas,
Sentidas,
Gorgeiam
As aves ;
E as loucas
Phalenas
Se abraçam,
Se enlaçam,
Perpassam
Em gyros
Suaves.

Vagas,
Plagas,
Fragas,
Soltam

Cantos;
Cobrem
Montes,
Fontes,
Tibios
Mantos.
Alva,
Nua,
A lua
Cahe ;
E triste,
Eivada,
Ao nada
Vai.
Desponta
A estrella
D'alva,
Bella,
Audaz,
Vivaz,
Do monte
Ao pé ;
E a terra
Em cantos,
Prantos
É.

.....

Descança, pensador! já no oriente
Os corceis da manhã pulam raivosos
Entre as nuvens azues,
E o rei das estações virá bem cedo
Brilhar soberbo nas ceruleas plagas
Em seu carro de luz.

Descança, pensador ! tudo o que a noite
No pallio tenebroso adormeceu
Vai de novo se erguer ;
No brando somno aviventou-se a terra,
E como a phenix surgirá mais bella
Ao grato amanhecer.

Porém que fazes tu ? pendido aos livros
Tentas, quem sabe ? derribar as sombras
De ignoto horizonte ;
Na insomnia suarenta ardem-te os olhos
E um turbilhão de mysticas idéas
Te paira sobre a fronte,

És moço ainda... que velhice é essa
Fria e sem gelos que te nubla a vida,
Enruga-te o semblante ?
E, fugindo do tempo a longos passos,
Cerra-te, ainda no verdor dos annos,
No seio agonisante ?

Poeta ou louco, sonhador ou sabio,
Mineiro do passado, ou nauta ousado
Dos mares do porvir,
Basta de scismas ! abandona o vôo
De tu'alma arrogante entre as espheras,
São horas de dormir !

.....

A luz da alampada fragil
Lucta co'as trevas em vão,
Depois se estorce, soluça,
Lança um ultimocl arão.

O pensador se levanta,
Busca o leito, estende a mão,
Mas um encanto sem termos
Lhe prende os passos no chão !
Tremem-lhe os nervos convulsos
Sob estranha sensação,
Frio suor banha o rosto,
Bate em ancia o coração.
Então das trevas no meio
Rebenta immenso clarão,
E entre o rumor de cem harpas
Se levanta uma visão.

.....

— Branca Virgem do céu ! Divina Imagem
Entre lyrios de luz sorrindo ao mundo,
Ao pobre sonhador que novas trazes
No retiro profundo?

O teu rosto é mais puro do que a neve,
A lua oriental sobre o Hymalaia ;
Teus seios como as vagas preguiçosas
Que suspiram na praia.

Teus olhos são mais dōces que as estrellas
Que se espelham nas ondas de Tarento ;
Mais perfumada a tez que as magnolias
Da languida Sorrento.

Teus labios são granadas ; teus cabellos
Rolam em vagas de cendrado louro,
Como a princeza de encantado reino
O longo manto de ouro.

Eras tu, eras tu que em minhas noites
Entre sonhos febris ardente eu via !
Pallida e bella como agora, — erguida
Em mundos de harmonia !

Eras tu, eras tu ! no céo, na terra,
Na briza da manhã, no val', na flôr...
Eras tu minha unica esperança,
Eras tu meu amor !...

Oh ! não me deixes mais ! vem a meu seio,
Vem teu destino partilhar commigo ;
Mas, se o céo te reclama, ao céo nos braços
Ai ! leva-me contigo !...

.....

— Temerario mortal, cabeça louca
Entre sombras e luzes desvairada,
Tu que és filho do pó, no pó nascido,
Porque tentas erguer-te á luz das luzes,
E amores mendigar a ethereos sêres
Que aos pés do Creador eternos tecem
A harmonia incessante das espheras ?
Cala-te, doudo ! meu Senhor, meu Deus
Enviou-me a teu mundo, é necessario
Que no livro sem fim' mais uma folha
Se augmente no universo. Ergue-te e segue-me.

.....

Por arcano ignoto a madrugada
Parece retardar-se...

A luz suave que enrubece as nuvens
E vai sempre a augmentar-se,
Fica na tela azul paralysada...
A estrella do pastor
Prosegue sempre no seu langue gyro...
Passam as horas, mais compridas voltam,
E a alvorada não sahe de seu retiro.

.....

No topo
De um monte
Que entesta
O horizonte
Um templo arruinado se eleva nas sombras,
E em torno
Cahidas,
Estatuas
Partidas
Repousam da relva nas molles alfombras.

Os platanos crescem,
As rosas florescem
E ao sopro dos ventos em queixas se embalam,
E as aguas
Dormentes
De tibias torrentes
Nas pedras lustrosas echorando resvalam.

O Archanjo
Divino,
Que arrasta
Sem tino

Consigo o mancebo, no topo do monte
Detem-se,
E tremendo,
Seus braços
Erguendo,
Sublime e inspirado lhe aponta o horizonte.

.....

E' um quadro celeste ! Além das flôres;
Que a aurora esparze do Oriente em fogo
No esplendido arrebol,
Aos olhares do moço um mundo immenso,
Palpitante de vida, se levanta
A' luz de um outro sol.

No zimbório infinito ao dia ardente
As estrellas misturam-se entornando
Um divino clarão,
A terra pula nas caricias igneas,
E as florestas adornam-se das pompas
De um eterno verão.

As torrentes despenham-se cantando
Em leitos de esmeralda e aos céos enviam
Borrifos de diamantes...
E das tendas sem fim que ao longe alvejam
Levanta-se a canção melodiosa
De um povo de gigantes.

As mulheres são anjos que vagueiam
Entre risos de amor á fresca sombra
De eternos palmeiraes,
E dormem núas sobre um chão de flôres,
E resvalam cantando as fórmas puras
Nos liquidos crystaes.

Um mundo inteiro de prazer e festas,
Hymnos, perfumes, saudações e beijos
Rola e bate no céu;
E o rio, a serra, as solidões e o homem
Se espreguiçam sorrindo ao sol divino
Da volupia no véo.

.....

— O que vês, sonhador ?

— Oh ! não perguntes !

E' o imperio da luz, o Eden dos anjos,
A patria dos eleitos !

— Ella é tua,

Pisa os martyrios, atravessa os mares,
Ergue-a da sombra e tu serás um deus.
Minha missão findou-se ; agora eu parto,
Sê ditoso e feliz.

— Oh ! não me deixes !...

.....

Sonhei contigo quando a flôr da vida
Se abria aos poucos em meu fragil peito,
Quando em chimeras me perdia errante,
Quando de prantos orvalhava o leito !

Criança ainda, de meu berço á borda
Via-te a imagem debruçar-se rindo ;
Depois, mais tarde, no rumor das côrtes
Passar nas luzes de um fulgôr infindo !

Amei-te sempre ! procurei debalde,
Visão etherea, te apertar no seio !

Transpuz as plagas, visitei mil povos,
Banhada a fronte de celeste enleio.

Nunca encontrei-te! mas agora, agora
Que tens-me preso nos teus dôces laços,
Mostra-me o mundo que sonhei contigo,
Depois procura me fugir dos braços!

Oh! não me deixes! é divina a plaga
Que me apontaste d'amplidão no véo,
Não partas! fica, viveremos juntos
À luz etherea d'esse infindo céu!

.....

— Cala-te, louco! tu não vês que a fronte
Cinge-me o louro de immortaes venturas?
Não vês que, ardente, a eternidade em chammas
Gravou-me o sello de infinitas glorias?
Como posso te amar si aos pés do Altissimo
Minha harpa solitaria se enrouquece
Esperando por mim? — Cala-te, louco,
Segue teu rumo n'este mundo estreito,
Consumma teu destino até que a morte
Para junto de Deus te leve a essencia.
Tu serás immortal!... as turbas doudas
Te adorarão na terra, e além no Empyreo
O exercito de Deus te espera ancioso.
Então... talvez... quem sabe?...

O santo Archanjo
Bate tres vezes crystallinas azas,

E tres vezes se agita, após ligeiro
Se arroja n'amplidão.

— Oh ! não me deixes !
Murmura em prantos o infeliz mancebo.

.....

Alleluia ! Alleluia ! ergue-se o dia,
Trinam as aves, desabrocham flôres,
E a lampada dos seculos se balança
Entre jorros de luz no azul das nuvens ;
Mas o moço sombrio e desolado
Cobria a relva de amargoso pranto,
Buscando embalde nos ceruleos paramos
A virgem de seus sonhos, e na terra
A plaga divinal que ha pouco vira.

Sabeis quem era esse mancebo pallido ?
Era — Colombo o Genovez, e a plaga
Que elle avistára ao longe — o Novo Mundo.

O PROSCRIPTO

(FRAGMENTO)

.....

Si a luz d'aurora que enrubece as nuvens
Trouxer-te um dia festival e bello,
Si o tenue arbusto de teus verdes annos
Erguer-se altivo e se cobrir de flôres,
Si a magôa, o odio, a maldição, o opprobrio,
O mundo e os homens, que mancharam impios
As vestes alvas de meus puros sonhos,
Não te embargarem na jornada os passos...
Vota, meu filho, um canto de tu'alma,
Uma pagina branca e perfumada
De teu dourado livro á pobre sombra
De teu misero pai !... dá-lhe um lamento,
Lembra-te d'elle que adorou-te e muito.

Tu és tão tenro ainda, ainda tão debil,
Inda sagrado dos divinos beijos
Dos Archanjos do céo, e a frente unguida
Da benção do Senhor na despedida !
No teu somno infantil teus irmãosinhos
Filhos do ether e da luz se cruzam,
Roçam e brincam sacudindo os sonhos,
Os sonhos d'essa plaga que deixaste

Tão bella, tão esplendida, tão santa?
Eu os vejo, meu filho, eu os escuto,
Eu sinto refrescar-me a fronte cálida
O susurrar das azas, quando triste
Nas longas noites me debruço ouvindo
Teu brando respirar, quando doudejo
Entre o gozo e a esperança, o riso e a magoa,
Alongando ao porvir fundos olhares.

*
* *

Ah ! que eu não possa divisar no espaço
Tua estrella fatal... e a veja fulgida...
E não te leve como a minha ao orco
De um continuo chorar !... Ah ! que eu não possa
Romper o muro dos vindouros tempos
E contemplar as scenas de teu drama.
Que eu não possa as traçar ! Mas não, é cedo !
Muito cedo, meu Deus ! Que lei sinistra
Me impelle a povoar de treva e luto
Tudo o que ha de mais bello e mais formoso
No teu vasto poema ? encher de espinhos
As mais suaves sendas da existencia,
E rodear de lividos espectros
O molle berço onde o innocente dorme
Lembrando-se do **Empyre**o e seus deleites ?

*

Ah ! não, meu pobre filho, o teu destino
É lindo como a aurora e como as flôres
Banhadas de luar ; sublime e grande
Como o sol que levanta-se das ondas,
Ondas de chammas derramando aos orbes.
Tu te erguerás robusto como o cedro
A cuja copa se debruça a nuvem

Palpitante de amor ; irás tão alto
Como o passaro rei do Novo Mundo !

*

Então, si ouvires murmurar meu nome,
Talvez envolto n'um cruel desprezo,
Ninguém maldigas, pois ; vai no silencio,
Quando a noite fôr calma e os ventos mudos,
Orar em meu jazigo e com teu pranto
O leito serenar. Pobre dormente,
Não entendeu-me o mundo, e inexoravel
Lavrou minha sentença, e sobre a campa
No epitaphio do olvido ella se grava !

*
* ■

Oh ! filho de minh'alma, ultimo lume
Que n'este céo nublado apparecia !
Minha esperança amargamente dôce,
Quando as aves passarem do occidente
Buscando um novo clima onde pousarem,
Não mais te embalarei sobre os joelhos,
Nem de teus olhos no ceruleo brilho
Acharei um consolo a meus tormentos !
Jámais ! a areia tem corrido, e a folha
De minha treda historia está completa !

*
* *

Não proves nunca do existir na taça
O fel que eu hei tragado, e a dôr intensa ;
As angustias mais intimas do espirito
Nunca recebas o sarcasmo acerbo

Que ao leito da desgraça o mundo cospe !
Nunca vejas a lenda de teus dias
Salpicada de lama e de veneno
Como polluta vi passar-se a minha !

Cresce, meu filho amado, inda te vejo,
Inda me é dado te apertar ao seio,
Beijar-te a rosea face ! este momento
É mais que a eternidade ! Cresce, vive !
E, si algum dia no meu livro escuro
Esta folha encontrares, vota ao menos
À frente que a pensou um triste pranto,
Vê que teu pai soffreu e não mentiu.

VINGANÇA

O mato virgem dorme. As ondas de verdura
Embebem-se de orvalho, desprendem dubios cantos :
Não ha no céu um astro, tudo é tristeza e sombras,
Apenas lá bem longe, da relva nas alfombras,
Soluça uma luzinha das nevoas entre os mantos.

Ali junto do brejo, aonde os nenuphars
E os juncos rebentaram ao sopro de cem noites,
Do antigo caçador levanta-se a morada
Exigua, denegrida, sósinha e abandonada
Do vendaval sanhudo aos rábidos açoites.

O limo verde-escuro se estende nas paredes,
As aves no telhado seu ninho fabricaram,
E os cardos solitarios que crescem no terreiro
Parecem repetir o drama todo inteiro
De funebres angustias e dôres que passaram,

Ha perto de dous annos que o caçador morreu ;
Trahidores inimigos, em hora erma e sem luz,
Cortaram-lhe da vida a teia delicada, :
Seu corpo hoje repousa lá junto a encruzilhada
Onde ergue-se entre pedras o vulto de uma cruz.

A noite vai em meio : a pallida viuva
Escuta as ventanias que no deserto rugem ;

O filho recostado n'um canto, junto ao muro,
De uma arma gigantesca areia o cano escuro,
Manchado ha muito tempo de sangue e de ferrugem.

Um velho cão, já cego, dormita junto ao fogo,
Mexendo-se na cinza, roncando surdamente ;
Antigo companheiro do caçador no somno
Talvez sonhe seguir os passos de seu domno,
Da funda matta virgem no dédalo florente.

Mirando o torvo filho, da velha nos olhares
Sinistro raio passa de lugubre esperança ;
O rustico mancebo sorri-se e lhe responde
Sombrio, carregando as sobranceiras, onde
Se cruzam, se alvoroçam as sombras da vingança.

De subito um ruido estranho e prolongado
Resôa junto á porta, se perde na campina,
E lá de bem distante, do seio dos desertos,
Nas azas se aproxima dos furacões incertos
Agudo e retumbante o som de uma buzina.

O velho cão se eleva nas patas dianteiras :
O moço deixa em terra cahir a arma funesta :
— Silencio ! diz a velha, medonha a noite vai...
E o espectro ensanguentado de teu defunto pai
Acorda os longos echos do meio da floresta.

.....

— Quem bate ahí ?

— Não temas, abre-me a porta, mãe,

A chuva me congela, e o frio faz tremer !

— Louvado Deus ! a velha se eleva somnolenta,

E volta sobre a porta a chave ferrugenta
Que ao braço fraço e debil retarda por ceder.

— Entra depressa, filho !

Um turbilhão de vento

Engolfa-se pejado de chuva na cabana ;
Depois salta o mancebo tremente, gotejando,
Sacode as grossas roupas, e senta-se aticando
O fogo vacillante do meio da choupana.

— De muito longe vens ?

— Oh ! sim ! de muito longe,

Andei o dia inteiro vagando no sertão.

— Caçaste ?

— Sim.

— E a caça pozeste pois aonde ?

O moço se levanta sombrio, não responde,
E um funebre objecto atira sobre o chão.

A velha se aproxima, contempla... e horrorisada
Recúa dando um grito e d'outro lado cái.

— Não fujas, mãe ! não temas ! vinguei nossa desgraça !
Fiz hoje a mais brilhante, a mais soberba caça,
Trazendo a mão trahidora que assassinou meu pai !

NAPOLEÃO

Sobre uma ilha isolada,
Por negros mares banhada,
Vive uma sombra exilada,
De prantos lavando o chão ;
Esta sombra dolorida,
No frio manto envolvida,
Repete com voz sumida :
— Eu inda sou Napoleão.

Tremem convulsas as plagas,
Bravias luctam as vagas,
Solta o vento horriveis pragas
Nos sendaes da escuridão ;
Mas nas torvas penedias
Entre fundas agonias,
Ella diz ás ventanias :
— Eu inda sou Napoleão.

— E serei ! do céo da gloria,
Nem dos bronzes da memoria,
Nem das paginas da historia
Meus feitos se apagarão ;
Passe a noite e as tempestades,
Venham remotas idades,
Cáiam povos e cidades,
— Sempre serei Napoleão.

Da columna de Vendôme,
O bronze, o tempo consome,
Porém não apaga o nome
Que tem por bronze a amplidão.
Apesar de infausto dia,
Da infamia que tripudia,
Dos bretões a cobardia,
— Sempre serei Napoleão.

Nos vastos plainos do Egypto,
Sobre Titães de granito,
Eu tenho um poema escripto
Que deslumbra a solidão.
Das Isis rasguei os véos,
Entre os altares fui deus,
Fiz povos escravos meus,
— Ah ! inda sou Napoleão.

Desde onde o crescente brilha
Até onde o Sena trilha,
Tive o mundo por partilha,
Tive immensa adoração ;
E de um throno de fulgores
Fiz dos grandes — servidores,
Fiz dos pequenos — senhores,
— E sempre fui Napoleão.

Quando eu cortava os desertos,
Vinhão-me os ventos incertos
De incenso e myrrha cobertos
Lamber-me as plantas no chão ;
As caravanas paravam,
E os romeiros que passavam
A's solidões perguntavam :
— E' este o deus Napoleão ?

E lá nas plagas fagueiras,
Onde as brizas forasteiras,
Entre selvas de palmeiras
Corre o sagrado Jordão,
O lago dizia ao prado,
O prado ao monte elevado,
O monte ao céu estrelado :
— Vistes passar Napoleão ?

Dizei, auras do Occidente,
Dizei, tufão inda quente
Do bafejo encandecente
Do não vencido esquadrão,
Como é elle ? é bello, ousado ?
Tem o rosto illuminado ?
Tem o braço denodado ?
— Sempre é grande Napoleão ?

E as aguias no céu corriam,
E os areaes se volviãem,
E horrendas feras bramiam
No immenso da solidão ;
Mas as vozes do deserto
Se erguiãem como um concerto
E vinham saudar-me perto :
— Tu és, senhor, Napoleão !

— Se sou ! que Marengo o conte,
De Austerlitz o horizonte,
E aquella soberba ponte
Que transpuz como o tufão !
E a minha villa de Ajaccio,
E o meu sublime palacio,
E os pescadores do Lacio
Que só dizem — Napoleão !

Se o sou ! que digam as plagas,
Onde do sangue nas vagas,
Coberta de enormes chagas
Dorme vil população ;
Digam da Asia as bandeiras,
Digam longas cordilheiras,
Que se abatiam, rasteiras,
Ao corcel de Napoleão !

Se o sou ! diga Santa Helena
Onde a mais sublime scena
Fechou tranquilla e serena
Minha historia de Titão,
Digam as ondas bravias,
Digam torvas penedias,
Onde as rijas ventanias
Vem murmurar : — Napoleão.

— Eserei ! do céu da gloria,
Nem dos bronzes da memoria,
Nem das paginas da historia
Meus feitos se apagarão !
Assim na rocha isolada
Pelas espumas banhada,
Disse a sombra desterrada,
De prantos lavando o chão.

As nevoas rolam nos céos,
Da noite escura nos véos
Soltam negros escarcéos
Rugidos de imprecação ;
Mas das sombras a espessura,
A face da onda escura,
O salgueiro que murmura
Tudo falla : — Napoleão !

SONETO

Desponta a estrella d'alva, a noite morre,
Pulam no mato aligeros cantores,
E dóce a briza no arraial das flôres
Languidas queixas murmurando corre.

Voluvel tribu a solidão percorre
Das borboletas de brilhantes côres ;
Soluça o arroio ; diz a rôla amores
Nas verdes balsas d'onde o orvalho escorre.

Tudo é luz e esplendor ; tudo se esfuma
Às caricias d'aurora, ao céu risonho,
Ao floreo bafo que o sertão perfuma !

Porem minh'alma triste e sem um sonho
Repete olhando o prado, o rio, a espuma :
— Oh ! mundo encantador, tu és medonho !

ILLUSÃO

Sinistro como um funebre segredo
Passa o vento do Norte murmurando
 Nos densos pinheiraes ;
A noite é fria e triste ; solitario
Atravesso a cavallo a selva escura
 Entre sombras fataes.

À medida que avanço, os pensamentos
Borbulham-me no cerebro, ferventes,
 Como as ondas do mar,
E me arrastam comsigo, allucinado,
À casa da formosa creatura
 De meu doudo scismar.

Latem os cães ; as portas se franqueiam
Rangendo sobre os quicios ; os criados
 Acodem pressurosos ;
Subc ligeiro a longa escadaria,
Fazendo retinir minhas esporas
 Sobre os degraus lustrosos.

No seu vasto salão illuminado,
Suavemente repousando o seio
 Entre sêdas e flôres,
Toda de branco, engrinaldada a fronte,
Ella me espera, a linda soberana
 De meus santos amores.

Corro a seus braços tremulo, incendido
De febre e de paixão... A noite é negra,
Ruge o vento no mato ;
Os pinheiros se inclinam, murmurando :
— Onde vai este pobre cavalleiro
Com seu sonho insensato ?...

IDEAL

Não és tu quem eu amo, não és !
Nem Thereza tambem, nem Cyprina,
Nem Mercedes a loura, nem mesmo
A travessa e gentil Valentina.

Quem eu amo, te digo, está longe...
Lá nas terras do imperio chinez,
N'um palacio de louça vermelha
Sobre un throno de azul japonez.

Tem a cutis mais fina e brilhante
Que as bandejas de cobre luzido,
Uns olhinhos de amendoa, voltados,
Um nariz pequenino e torcido.

Tem uns pés... oh ! que pés, Santo Deus !
Mais mimosos que uns pés de criança!
Uma trança de sêda, e tão longa
Que a barriga das pernas alcança.

Não és tu quem eu amo, nem Laura,
Nem Mercedes, nem Lucia, já vês :
A mulher que minh'alma idolatra
É princeza do imperio chinez.

DEIXA-ME

Quando cançado da vigilia insana
Declino a fronte n'um dormir profundo,
Porque teu nome vem ferir-me o ouvido,
Lembrar-me o tempo que passei no mundo ?

Porque teu vulto se levanta airoso,
Trememente em ancias de volupia infinda ?
E as fórmas núas, e offegante o seio,
No meu retiro vens tentar-me ainda ?

Porque me fallas de venturas longas,
Porque me apontas um porvir de amores ?
E o lume pedes á fogueira extincta,
Dóces perfumes a pollutas fiôres ?

Não basta ainda essa existencia escura,
Pagina treda que a teus pés compuz ?
Nem essas fundas, perennaes angustias,
Dias sem crenças e serões sem luz ?

Não basta o quadro de meus verdes annos
Manchado e roto, abandonado ao pó ?
Nem este exilio, do rumor no centro,
Onde pranteio desprezado e só ?

Ah! não me lembres do passado as scenas,
Nem essa jura despreendida a esmo!
Guardaste a tua? a quantos outros, dize,
A quantos outros não fizeste o mesmo?

A quantos outros, inda os labios quentes
De ardentes beijos que eu te déra então,
Não apertaste no vazio seio
Entre promessas de eternal paixão?

Oh! fui um doudo que segui teus passos,
Que dei-te em versos da belleza a palma;
Mas tudo foi-se, e esse passado negro
Porque sem pena me despertas n'alma?

Deixa-me agora repousar tranquillo,
Deixa-me agora dormir em paz,
E com teus risos de infernal encanto
Em meu retiro não me tentes mais!

A...

(IMITAÇÃO DE SPRONCEDA)

Foste, n'aurora, crystallino arroio
P'or entre flôres deslizando a medo;
Depois torrente de fervente espuma
Rompendo os flancos de feral rochedo;
Por fim, á noite, lodaçal profundo
Cheio de lama e podridão no fundo !

O VIZIR

— Não derribes meus cedros! murmurava
O genio da floresta apparecendo
Adiante de um vizir, senão eu juro
Punir-te rijamente! E no emtanto
O vizir derribou a santa selva!
Alguns annos depois foi condemnado
Ao cutelo do algoz. Quando encostava
A cabeça febril no duro cepo,
Recuou aterrado : — Eternos deuses!
Este cepo é de cedro! E sobre a terra
A cabeça rolou banhada em sangue!

NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM!

Não te esqueças de mim, quando erradía
Perde-se a lua no sidéreo manto ;
Quando a briza estival roçar-te a fronte,
Não te esqueças de mim, que te amo tanto.

Não te esqueças de mim, quando escutares
Gemer a rôla na floresta escura,
E a saudosa viola do tropeiro
Desfazer se em gemido de tristura.

Quando a flôr do sertão, aberta a medo,
Pejar os ermos de suave encanto,
Lembre-te os dias que passei contigo,
Não te esqueças de mim, que te amo tanto.

Não te esqueças de mim, quando á tardinha
Se cobrirem de nevoa as serranias,
E na torre alvejante o sacro bronze
Dóccemente soar nas freguezias!

Quando de noite, nos serões de inverno,
A voz soltares modulando um canto,
Lembre-te os versos que inspiraste ao bardo,
Não te esqueças de mim, que te amo tanto.

Não te esqueças de mim, quando meus olhos
Do sudário no gelo se apagarem,
Quando as roxas perpetuas do finado
Junto á cruz de meu leito se embalarem.

Quando os annos de dôr passado houverem,
E o frio tempo consumir-te o pranto,
Guarda ainda uma idéa a teu poeta,
Não te esqueças de mim, que te amo tanto.

SONETO

Eu passava na vida errante e vago
Como o nauta perdido em noite escura,
Mas tu te ergueste peregrina e pura
Como o cysne inspirado em manso lago,

Beijava a onda n'um soluço mago
Das molles plumas a brilhante alvura,
E a voz ungida de eternal doçura
Roçava as nuvens em divino afago.

Vi-te; e nas chamma de fervor profundo
A teus pés afoguei a mocidade
Esquecido de mim, de Deus, do mundo!

Mas ai! cedo fugiste!... da soidade,
Hoje te imploro d'esse amor tão fundo
Uma idéa, uma queixa, uma saudade!

O VAGALUME

(CANTIGA)

Quem és tu, pobre vivente,
Que vagas triste e sósinho,
Que tens os raios da estrella,
E as azas do passarinho?

A noite é negra ; raivosos
Os ventos correm do sul ;
Não témes que elles te apaguem
A tua lanterna azul?

Quando tu passas, o lago
De estranhos fogos esplende,
Dobra-se a clicia amorosa,
E a fronte mimosa pende.

As folhas brilham, lustrosas
Como espelhos de esmeralda ;
Fulge o iris nas torrentes
Da serrania na falda.

O grillo salta das sarças ;
Piam aves nos palmares ;
Começa o baile dos sylphos
No seio dos nenuphars.

A tribu das mariposas,
Das mariposas azues,
Segue teus gyros no espaço,
Mimosa gota de luz!

São ellas flôres sem hastea;
Tu és estrella sem céo;
Procuram ellas as chammas;
Tu amas da sombra o véo!

Quem és tu, pobre vivente
Que vagueias tão sósinho,
Que tens os raios da estrella,
E as azas do passarinho?

ELEGIA

A noite era bella : dormente no espaço
A lua soltava seus pallidos lumes ;
Das flôres fugindo, corria lasciva
A briza embebida de molles perfumes.

Do ermo os insectos zumbiam na relva,
As plantas tremiam de orvalho banhadas,
E aos bandos voavam ligeiras phalenas
Nas folhas batendo co'as azas douradas.

O turbido manto das nevoas errantes
Pairava indolente no topo da serra ;
E aos astros e ás nuvens perfumes, susurros,
Suspiros e cantos partiam da terra.

Nós eramos jovens, ardentes e sós,
Ao lado um do outro no vasto salão ;
E as brizas e a noite nos vinham no ouvido
Cantar os mysterios de infinda paixão !

Nós eramos jovens, e a luz de seus olhos
Brilhava incendida de eternos desejos,
E a sombra indiscreta do niveo corpinho
Sulcavam-lhe os seios em brandos arquejos !

Nós eramos jovens, e as balsas floridas
O espaço inundavam de quentes perfumes,
E o vento chorava nas tiliás do parque,
E a lua soltava seus tepidos lumes!...

Ah! misero aquelle que as sendas do mundo
Trilhou sem o aroma de pallida flôr,
E á tumba declina, n'aurora dos sonhos,
O labio inda virgem dos beijos de amor!

Não são dos invernos as frias geadas,
Nem longas iornadas que os annos apontam;
O tempo descora nos risos e prantos,
E os dias do homem por gozos se contam.

Assim n'essa noite de mudas venturas,
De louros eternos minh'alma ennastrei;
Que importa-me agora martyrios e dôres,
Se outr ora dos sonhos a taça esgotei?

Ah! lembra-me ainda! nem um candelabro
Lançava ao recinto seu brando clarão,
Apenas os raios da pallida lua
Transpondo as janellas batiam no chão.

Vestida de branco, nas scismas perdida,
Seu morbido rosto pousava em meu seio,
E o aroma celeste das negras madeixas
Minh'alma inundava de férvido anseio.

Nem uma palavra seus labios queridos
Nos dôces espasmos diziam-me então:

Que valem palavras, quando ouve-se o peito
E as vidas se fundem no ardor da paixão?

Oh! céos! eram mundos... ai! mais do que mundos
Que a mente invadiam de ethereo fulgor!
Poemas divinos, por Deus inspirados,
E a furto contados em beijos de amor!

No fim do seu gyro, da noite a princeza
Deixou-nos unidos em brando sonhar;
Correram as horas, — e a luz d'alvorada
Em juras infindas nós veio encontrar!

Não são dos invernos as frias geadas,
Nem longas jornadas que os annos apontam...
O tempo descora nos risos e prantos,
E os dias do homem por dôres se contam!

Ligeira... essa noite de infindas venturas
Sómente em minh'alma lembranças deixou...
Tres mezes passaram, e o sino do templo
Á reza dos mortos os homens chamou!

Tres mezes passaram; e um livido corpo
Jazia dos cyrios á luz funeral,
E, á sombra dos myrtos, o rude coveiro
Abria cantando seu leito final!...

Nós eramos jovens, e a senda terrestre
Trilhavamos juntos, de amor a sorrir,
E as flôres e os ventos nos vinham no ouvido
Contar os arcanos de um longo porvir!

Nós eramos jovens, e as vidas e os seios,
O affecto prendera n'um candido nó!
Foi ella a primeira que o laço quebrando
Cahiu soluçando das campas no pó!

Não são dos invernos as frias geadas,
Nem longas jornadas que os annos apontam,
O tempo descora nos risos e prantos,
E os dias do homem por dôres se contam!

TRISTEZA

Eu amo a noite com seu manto escuro
De tristes goivos coroada a frente,
Amo a neblina que pairando ondeia
Sobre o fastigio de elevado monte.

Amo nas plantas, que na tumba crescem,
De errante briza o funeral cicio :
Porque minh'alma, como a sombra, é triste,
Porque meu seio é de illusões vazio.

Amo a deshoras sob um céu de chumbo,
No cemiterio de sombria serra,
O fogo-fatuo que a tremer doudeja
Das sepulturas na revolta terra.

Amo ao silencio do hervaçal partido
De ave nocturna o funerario pio,
Porque minh'alma, como a noite, é triste,
Porque meu seio é de illusões vazio.

Amo do templo, nas soberbas naves,
De tristes psalmos o troar profundo ;
Amo a torrente que na rocha espuma
E vai do abysmo repousar no fundo.

Amo a tormenta, o perpassar dos ventos,
A voz da morte no fatal parcel,
Porque minh'alma só traduz tristeza,
Porque meu seio se abrevou de fel.

Amo o corisco que deixando a nuvem
O cedro parte da montanha, erguido,
Amo do sino, que por morto sôa,
O triste dobre n'amplidão perdido.

Amo na vida de miseria e lôdo,
Das desventuras o maldito sello,
Porque minh'alma se manchou de escarneos,
Porque meu seio se cobriu de gelo.

Amo o furor do vendaval que ruge,
Das azas negras sacudindo o estrago ;
Amo as metralhas, o bulcão de fumo,
De corvo as tribus em sangrento lago.

Amo do nauta o doloroso grito
Em fragil prancha sobre mar de horrores,
Porque meu seio se tornou de pedra,
Porque minh'alma descorou de dôres.

O céu de anil, a viração fagueira,
O lago azul que os passarinhos beijam,
A pobre choça do pastor no valle,
Chorosas flôres que no sertão vicejam ;

A paz, o amor, a quietação e o riso
A meus olhares não tem mais encanto,
Porque minh'alma se despiu de crenças,
E do sarcasmo se embuçou no manto,
... 1861.



Porque te afogas, ó irmã dos anjos,
Nas ondas negras de um viver impuro,
E as santas fórmulas do cinzel de Deus
Manchas do vício no recinto escuro ?

Empyrea flôr, ao perpassar dos ventos,
Porque te banhas em paúes medonhos,
Quando existências de teus labios brotam,
Quando teus olhos realizam sonhos ?

É tempo ainda ; nos salões da vida
Rasga essas sêdas que predizem prantos,
E á nova aurora, que te aguarda, eleva
Como a florinha os divinaes encantos.

É tempo ainda ; a viração susurra,
Ergue-se a terra em maravilhas mil...
Vem, minha fada, abandonemos juntos
Nosso barquinho pelo mar de anil.

Oh ! vem ! minh'alma de teu riso escrava
Sobre o passado correrá um véo,
Então verás de teu viver, mulher,
As nuvens negras se afastar do céu.

Vem! que me importa o murmurar das turbas,
Dos homens todos o desdem profundo,
Quando no ermo a teus sorrisos, fada,
Verei de novo rebentar um mundo?

Vem! tu serás minha Atalá formosa,
Por quem na terra viverei de amores ;
Teu meigo somno velarei cantando,
Teu brando leito juncarei de flôres.

Triste é o drama d'este mundo ingrato,
Gelado e tredo o bafejar da morte,
Mas ha na vida uma estação mais negra,
Mais rija e fria que o soprar do norte.

Quando a velhice, que apressada marcha,
Vier cobrar-te seu pesado imposto,
E ao toque impuro de nojentos labios
Sem dó manchar-te a setinez do rosto...

Quando essa fronte, crystallino lago
Que de tu'alma reverbera o céo,
Crestar-se aos poucos, se cobrir de rugas,
E dos invernos se enlutar no véo...

Quando as madeixas se fizerem brancas,
Seccas, despidas de subtis perfumes,
E os olhos negros se tornarem tristes,
Em mortas brazas de passados lumes...

Que dôr pungente sentirás no scio !
Que philtro amargo tragarás, mulher!

Tu, que da vida enlameaste a senda
Sem te lembrares do porvir siquer!

Rainha, em terra vê partido o sceptro,
O throno de ouro reduzido a pó!
E após uma era de opulencia e mando
Vêr-se na vida desprezãda e só!...

Vem!... uma aurora surgirá de novo;
Inda tem raios o teu sol futuro...
Não mais te afogues, ó irmã dos anjos,
Nas ondas negras de um viver impuro!

Vem! que me importa o murmurar das turbas,
O dubio riso, o escarnecer das gentes...
Se as aguas santas de um baptismo pedes,
Eu de meus olhos verterei torrentes.

É tempo ainda; a viração susurra,
Ergue-se a terra transbordando em flôres,
Vem, minha vida, na soidão ergamos
Nossa cabana sob um céu de amores.

... 1861.

ECHOS DO CARCERE

Era uma noite placida de estio :
O vento brando perpassava apenas
Sobre a face dos mares que dormiam
Aos olhares da lua enamorada.

Mas do seio das ondas somnolentas,
Do pégo escuro no mais fundo ponto,
Uma voz levantou-se immensa e vaga
Semelhante ao suspiro entristecido
Do genio dos abysmos, e de longe
Uma outra voz ergueu-se atroadora
Até perder-se no horizonte infindo.
E esta fallava assim, lenta e solemne :
— Cobriram de grilhões meu pobre corpo,
Porém minh'alma de seus ferros zomba,
Minh'alma livre como o céu e os mares !...
Ah ! porque te adorei, ó minha patria,
Porque sonhei-te grande, amei-te bel'a,
E votei-te o porvir, o sangue e a vida !
Teus tyrannos pisaram-me cruentos
E me lançaram nos recintos humidos
Dos calabouços onde o sol não entra !

Cobriram de grilhões meu pobre corpo,
Porem minh'alma de seus forros zomba,
Minh'alma livre como o céu e os mares !

Sim, ella é livre, ella é mais livre ainda
No seio das prisões, onde desdenha
Servos infames de ambição nojenta,
Tristes escravos de um terror infame!
Onde está seu poder? — Em parte alguma!..
Hoje um pouco de carne e de miseria,
Um punhado de cinza á madrugada !

Oh ! meu amor! a escravidão e as dôres .
Podem prender meu pensamento eterno?
Podem vedar-me que transpondo os muros
O espirito immortal paire sorrindo
Entre vós, meus irmãos? Minha existencia.
Não é vossa existencia e vosso fado ?

Quando soffreis, o dissabor partilho;
Quando luctaes, eu surjo a vosso lado :
Um sopro ethereo, divinal, sagrado,
Um halito de Déus entre nós passa,
E nossas almas n'uma só confunde.
Oh! cortem-lhe a passagem si poderem!
Captivem-na, insensatos !.. si ousarem...

Cobriram de grilhões meu pobre corpo,
Porem minh'alma de seus ferros zomba,
Minh'alma livre como o céu e os mares !

Houve um momento de silencio. A noite
Proseguia em seu gyro, pensativa,
Molhando no sereno as plantas núas.
A voz continuou pausada e dôce :

— Como tudo repousa ! é mudo o valle,
A natureza calma e adormecida
No seu leito de perolas e flôres.
Mas que susurro sobrehumano é este
Que de minh'alma retumbou no fundo?
Será de um'harpa divinal a nota,
Ou das azas de um genio a tenue aragem ?..

Emquanto a selva, o monte, o rio e as plagas
Povóam-se de sonhos, que palpitam
De um molle somno aos sensuaes abraços,
Voltam-me á mente idéas de outras éras,
Gratas lembranças de passados tempos.

Como era bello o sol e a terra lucida!
Como era santo e puro o dôce jubilo
Da criança vivaz correndo os prados,
Ora nas veigas se perdendo em risos,
Ora saudando o bando de andorinhas
Que voavam n'um céu azul sem manchas,
Como á flôr d'alma um turbilhão de sonhos !

Nem um desgosto no passado havia,
Nem uma sombra no futuro ao menos !
Sempre noites de mel, dias de rosas,
Sendas juncadas de dourada areia!
Oh ! minha pobre irmã ! lembras-te ainda
D'esses passeios ao romper d'aurora
Pelas campinas humidas de orvalho ?
De nossos brincos nos pomares pródidos,
E d'esses ninhos de innocentes aves
Que me pedias a tremer deixasse
Sob as azas maternas ? Não te lembras
D'esse regato transparente e bello

Onde afundavas teus pésinhos niveos?
E a choça, o lar tranquillo, os jasmineiros
Pendidos á janella, o cão á porta.
As pombas arrulhando no telhado?

Ai! os annos passaram como as nuvens...
E o espirito agitado entre os prazeres,
E o triste nuncio de ignotas dôres
Se erguia pouco a pouco a um mundo novo
E via aquelle desfazer-se em cinzas!

Depois dos cantos festivaes d'aurora,
Da juventude as esperanças aureas
Os deveres do homem succederam,
E o combate gigante onde se vence
Tombando sobre o solo, e se revive
Expirando no sangue dos guerreiros!...

Oh! sim, cahiram, mas cahiram santos
Aquelles que mil balas receberam,
Ou torceram-se em terra atravessados
Pela espada trahidora dos cobardes!
Cahiram! mas venceram tambem esses
Que exhaustos, frios, murmuravam inda
Da patria o dôce nome, ou succubiram
Á dôr insana de infernaes supplicios
Sobre a misera palha dos ergastulos!

Phaiange heroica e brava, ah! eu a vejo
Sempre junto de mim, ouço seus cantos
Lançando aos orbes que no espaço rolam
A epopêa soberba do futuro!

Um raio ardente parte-lhe da essencia,
E inunda o seio das nações e povos;
Palpitam corações mais apressados,
Brotam idéas, as espheras tremem,
E um brado immenso faz-se ouvir ao longe :
— Vai ter lugar uma justiça infinda !
Não sentistes roçar por vossas fibras
O halito de Deus?...

Formosa e candida
A aurora despontava no horizonte
Coroada de luz; a voz calou-se,
Depois bradou de novo altiva e forte :

— Cobriram de grilhões meu pobre corpo,
Porem minh'alma de seus ferros zomba,
Minh'alma livre como o céu e os mares!

O EXILADO

O exilado está só por toda a parte !

Passei tristonho dos salões no meio,
Atravessei as turbulentas praças
Curvado ao peso de uma sina escura ;
As turbas contemplaram-me sorrindo,
Mas ninguem divisou a dôr sem termos
Que as fibras de meu peito espedaçava.
O exilado está só por toda a parte !

Quando, á tardinha, dos floridos valles
Eu via o fumo se elevar tardio
Por entre o colmo de tranquillo albergue,
Murmurava a chorar : — Feliz aquelle
Que á luz amiga do fogueão domestico,
Rodeado dos seus, á noite, senta-se.
O exilado está só por toda a parte !

Onde vão estes focos de neblina
Que o euro arrasta nas geladas azas ?
Onde vão essas tribus forasteiras
Que á tempestade se esquivar procuram ?
Ah ! que me importa ? ... tambem eu doudejo,
E onde irei, Deus o sabe, Deus sómente.
O exilado está só por toda a parte !

D'esta campina as arvores são bellas,
São bellas estas flôres que se vergam
Das auras estivaes ao debil sôpro ;
Mas nem a sombra que no chão se alonga,
Nem o perfume que o ambiente inunda
São d'essa gleba divinal que adoro.
O exilado está só por toda a parte !

Molle e lascivo no tapiz da selva
Serpêa o arroio, e o deslizar queixoso
Peja de amor as solidões dormentes ;
Mas nunca o rosto reflectiu-me um dia,
Nem foi seu borborinho enlanguecido
Que embalou minha infancia descuidosa.
O exilado está só por toda a parte !

— Porque choraes ? me perguntou o mundo ;
Contai-nos vossa dôr, talvez possamos
Sanal-a ás gotas de elixir suave ;
Mas, quando eu suspendi a lousa escura
Que o tumulto cobria-me da vida,
Riram-se pasmos sem sondar-lhe o fundo.
O exilado está só por toda a parte !

Vi o ancião da prole rodeado
Sorrir-se calmo e bemdizer a Deus,
Vi junto á porta da nativa choça
As crianças beijarem-se abraçadas ;
Mas de filho ou de irmão o santo nome
Ninguem me deu, e eu fui passando triste.
O exilado está só por toda a parte !

Quando verei essas montanhas altas
Que o sol dourava nas manhãs de agosto ?

Quando, junto á lareira, as folhas lividas
Deslebrarei de meu sombrio drama?
Douda esperança! as estações succedem-se
E sem um gozo vou descendo á campa.
O exilado está só por toda a parte!

Brandas aragens, que roçaes fagueiras
Das maravilhas nas cheirosas fronte,
Aves sem patria, que cortaes os ares,
Irmãs na sorte do infeliz romeiro,
Ah! levai um suspiro á patria amada,
Ultimo alento de cançado peito.
O exilado está só por toda a parte!

Quando nas folhas de lustrosos plátanos
Novos luazes descançarem gratos,
Já sobre a estrada de meus pés os traços
O pegureiro não verá, que passa!
Misero! ao leito de final descanço
Ninguem meu somno velará chorando.
O exilado está só por toda a parte!

AURORA

Antes de erguer-se de seu leito de ouro,
O rei dos astros o Oriente inunda
De sublime clarão;
Antes de as azas desprender no espaço,
A tempestade agita-se e fustiga
O turbilhão dos euros.

As torrentes de idéas que se cruzam,
O pensamento eterno que se move
No levante da vida,
São auras santas, arrebóes esplendidos,
Que precedem á vinda triumphante
De um sol immorredouro.

O murmurar profundo, enrouquecido,
Que do seio dos povos se levanta,
Annuncia a tormenta;
Essa tormenta salutar e grande
Que o manto roçará, prenehe de fogo,
Na face das nações.

Preparai-vos, ó turbas ! Preparai-vos,
Rebatei vossos ferros e cadêas,
Algozes e tyrannos !
A hora se aproxima pouco a pouco,
E o dedo do Senhor já volve a folha
Do livro do destino !

Grande ha-de ser o drama, a acção gigante,
Magestosa a lição! Luzes e trevas

Luctarão sobre os orbes!

O abysmo soltará seus tredos roncoss,

E o fremito dos mares agitados

Se unirá aos das turbas.

Os reis convulsarão nos thronos frageis,

Buscando embalde sustentar nas fronte

As humidas coróas...

Debalde!... o vendaval na furia insana

Os levará com ellas, envolvidos

N'um turbilhão de pó!

Vis, abatidos, o fidalgo e o rico

Sahirão de seus paços vacillantes

Nos podres alicerces...

E errantes sobre a terra irão chorando

Mendigar um farrapo ao vagabundo,

E um pedaço de pão!

Estranho povo surgirá da sombra

Terrivel e feroz cobrindo os campos

De cruentos horrores!

O palacio e a prisão irão por terra,

E um segundo diluvio, então de sangue,

O mundo lavarás!

O sabio em seu retiro, estupefacto,

Verá tombar a imagem da sciencia,

Fria estatua de argilla,

E um pallido clarão dirá que é perto

O astro divinal que ás turbas miserass

Conduz a redempção!

Como aos dias primeiros do universo,
O globo se erguerá banhado em luzes,
Reflexos de Deus;
E a raça humana sob um céu mais puro
Um hymno insigne enviará, prostrada
Aos pés do Omnipotente !

Irmãos todos serão ; todos felizes ;
Iguaes e bellos, sem senhor nem pêas,
Nem tyrannos e ferros !
O amor os unirá n'um laço estreito,
E o transito da vida uma romagem
Se tornará celeste !

A hora se aproxima pouco a pouco ;
O dedo do Senhor já volve a folha
Do livro do destino !...
Ergue-se a tela do theatro immenso,
E o mysterio infinito se desvenda
Do drama do Calvario !

AS SELVAS

Selvas do Novo Mundo, amplos zimborios,
Mares de sombra e ondas de verdura,
Povo de Atlantes soberano e mudo
Em cujos mantos o tufão murmura.

Salvè! minh'alma vos procura embalde,
Embalde triste vos estendo os braços...
Cercam-me o corpo rebatidos muros,
Prendem-me as plantas enredados laços!...

Patria da liberdade! antros profundos!
Vastos palacios! eternaes castellos!
Mandai-me os genios das sombrias grutas
De meus grilhões espedaçar os elos!...

Ah! que eu não possa me esquivar dos homens,
Matar a febre que meu sêr consome,
E entre alegrias me arrojor cantando
Nas seccas folhas do sertão sem nome!

Ah! que eu não possa desprender aos ermos
O fogo ardente que meu craneo encerra,
Gastar os dias entre o espaço e Deus
Nas mattas virgens da columbia terra!

Eu não detesto nem maldigo a vida,
Nem do despeito me remorde a chaga,
Mas ah! sou pobre, pequenino e debil
E sobre a estrada o viajor me esmaga!

Que faço triste no rumor das praças?
Que busco pasmo nos salões dourados?
Verme do lôdo me desprezam todos,
O pobre e os grandes de esplendor cercados!

Fere-me os olhos o clarão do mundo,
Rasgam-me o seio prematuras dôres,
E, á magoa insana que me enluta as noites,
Declino á campa na estação das flôres.

E ha tanto encanto nas florestas virgens,
Tanta belleza do sertão na sombra,
Tanta harmonia no correr do rio,
Tanta delicia na campestre alfombra...

Que inda podéra reviver de novo,
E entre venturas fluctuar minh'alma,
Fanada planta que mendiga apenas
A noite, o orvalho, a viração e a calma!

A LUCILIA

Si eu pudesse ao luar, Lucilia bella,
Queimar-te a fronte de insensatos beijos,
Dobrar-te ao collo, minha flôr singela,
Ao fogo insano de eternaes desejos;

Ai! si eu pudesse de minh'alma aos elos
Prender tu'alma enfebrecida e cálida,
Erguer na vida os festivaes castellos
Que tantas noites planejaste, pallida;

Ai! si eu pudesse nos teus olhos turvos
Beber a vida da volupia ao véo,
Bem como os juncos sobre as ondas curvos
A chuva bebem que derrama o céo;

Talvez que as magoas que meu peito ralam
Em cinzas frias se perdessem logo,
Como as violas que ao verão trescalam
Somem-se aos raios de celeste fogo!

Oh! vem, Lucilia! é tão formosa a aurora
Quando uma fada lhe baptiza o alvor,
E a madre-silva, que ao frescor vapora,
Os ares peja de lascivo amor...

Sou moço ainda ; de meu seio aos ermos
Posso te louco arrebatat commigo...
De um mundo novo na soidão sem termos
Deitar-te á sombra de amoroso abrigo !

Tenho um diluvió de illusões na fronte,
Um mundo inteiro de esperanças n'alma,
Ergue-te ácima de azulado monte,
Terás dos genios do infinito a palma!...

RECITATIVO

Si eu te dissesse, Magdalena pallida,
Fundo mysterio que meu peito occulta,
Se eu te dissesse que amargura estolida
Em mar de prantos meu viver sepulta;

Si eu te contasse que tristezas funebres
Meu seio rasgam por febrentas horas,
Que chamma vivas, que delirios lugubres
Cercam-me o leito de infantis auroras ;

Ah! tu que aos males desconheces, perfida,
O saibro impuro, o lacerante aneio,
Erguendo os olhos sobre o véo da duvida
Talvez disseras a sorrir : — Não creio !

E no emtanto quantas horas pávido
Passei fitando teu divino rosto !
Que longas noites ao deixar-te, tremulo,
Torci-me em crises de infernal desgosto !

Ah! tibia estatua, na friez do marmor
Siquer um broto de paixão se occulta !
A vida esvai-se de meu peito debil
E junto á campa mais a dôr se avulta.

Dize, impiedosa, que rigor satânico
Fez de minh'alma o pedestal da tua
E a teus olhares me encandêa fatuo,
Bem como o lago reflectindo a lua!...

Si, o peito oppresso, a teus joelhos, livido,
Gemesse — Eu te amo ! em derradeiro anseio,
Sei que mostraras-me um sorriso ironico,
Sei que disseras a sorrir : — Não creio.

CHILD-HAROLD

(SOBRE UMA PAGINA DE BYRON)

Não te rias assim, oh! não te rias,
Basta de sonhos, de illusões fataes!
Minh'alma é núa, e do porvir ás luzes
Meus roxos labios sorrirão jámais!

Que pezar me consome! ah! não procures
Erguer a lousa de um pezar profundo,
Nem apalpaes a materia livida
E a lama impura que pernoita ao fundo!

Não são as flôres da ambição pisadas,
Não é a estrella de um porvir perdida...
Que esta cabeça coroou de sombras
E a tumba inclina ao despontar da vida!

É este enojo perennal, continuo,
Que em toda a parte me acompanha os passos,
E ao dia incende-me as arterias quentes,
Me aperta á noite nos mirrados braços!

São estas larvas de martyrio e dôres
— Socias constantes do judeu maldito! —
Em cuja testa, dos tufões crestada,
Labéo de fogo scintillava escripto!

Quem de si mesmo desterrar-se póde ?
Quem póde a idéa aniquilar que o mata ?
Quem póde altivo esmigalhar o espelho
Que a torva imagem de Satan retrata ?

Quantos encontram ineffaveis gozos
N'esses prazeres, para mim tormentos !
Quantos nos mares onde a morte enxergo
Abrem as velas do baixel aos ventos !

O meu destino é vaguear e sempre !
Sempre fugindo a funeral lembrança...
Ferreo estylete que me rasga os musculos,
Voz dos abysmos que me brada : — Avança !

Que pezar me consome ! ai ! não mais tentes,
Espera a lousa de um pezar profundo,
Sómente a morte encontrarás nas bordas,
E o inferno inteiro a praguejar no fundo !

CANTIGA

Viajante que deixaste
As ondas do Panamá,
Vela ao entrares no porto
Aonde o gigante está.

Elle dorme, dorme, dorme,
Mas nem sempre dormirá,
Basta um batejo, um susurro,
Que o gigante acordará.

Viste as montanhas e o valles
D'aquellas terras de lá,
Talvez as veigas da Italia
E as rosas de Bagdad.

Mas uma plaga como esta
Nunca enxergaste quiçá,
Viajante que deixaste
As ondas do Panamá!

Contempla os indios valletes
Das florestas do Pará,
Escuta os sons das cascatas
E os cantos do sabiá.

Curva-te ao guarda soberbo
Que junto da barra está,
Mede as vagas do Amazonas
E os campos de Paraná.

Colhe do rio nas margens
As brancas flôres do ingá,
Dorme á sombra magestosa
Do excelso jequitibá.

Volta depois a teus lares,
Conta o que viste por cá,
Viajante que deixaste
As ondas do Panamá !

Mas olha que junto ao porto
Soberbo gigante está,
Elle dorme, dorme, dorme,
Mas nem sempre dormirá !

O SABIÁ'

(CANÇONETA)

Oh meu sabiá formoso,
 Sonoroso,
Já desponta a madrugada,
Desabrocha a linda rosa
 Doçairosa,
Sobre a campina orvalhada.

Manso o regato murmura
 Na verdura
Descrevendo gyrós mil,
Some-se a estrella brillante,
 Vacillante,
No horizonte côr de anil.

Ergue-te, oh meu passarinho,
 De teu ninho,
Vem gozar da madrugada...
Modula teu terno canto,
 Dôce encanto
De minh'alma amargurada,

Vem junto á minha janella,
 Sobre a bella
Verdejante laranjeira,
Beber o effluvio das flôres,
 Teus amores,
Nas azas de aura fagueira.

Desprende a voz adorada,
 Namorada,
Poeta da solidão,
Ah! vem lançar com encanto
 Mais um canto
No livro da criação!

Oh meu sabiá formoso,
 Sonoroso,
Já desponta a madrugada...
Deixa teu ninho altaneiro,
 Vem ligeiro
Saudar a luz d'alvorada.

HARMONIA

.....
Como o barqueiro que ao luar do outono
Á mercê da corrente o lenho entrega
Todo embebido a contemplar o céu...'
Como a criança que nas veigas providas
Esquece a choça paterna, correndo
Ao gyro incerto da phalena douda...
Ella seguia o pensamento mystico
Que agitava-lhe o espirito, e perdia-se
Sobre as ondas de um rio harmonioso,
Deixando a praia e namorando os astros!...
Que esplendor a cercava! Que perfumes
Ondeavam no tepido recinto
Onde o cantar plangente se estendia
Deixando um rasto de abrasadas notas!
Que sentimentos rebentavam n'alma
Á vibração dorida d'esses threnos!
Ah! cada nota tem no seio humano
Uma nota que dorme, irmã chorosa,
Que acorda e vibra ao fraternal suspiro.
Seja nas noites de tormenta e sombras
A nenya da avesita abandonada
No fundo das florestas; seja o grito
De convulsa alegria que resvala
De um arco enfebrecido; seja a dulia
Da criança que morre, inda sorrindo
Aos rosados phantasmas da existencia...

Quem é que d'alma no sacrario immenso
Não tem um pranto que offertar-lhe, um ramo
Das saudosas lembranças do passado,
Uma queixa tambem, embora cerquem-lhe
Da vida os esplendores e prazeres?...

Mas a tarde expirava ; á luz tranquilla
Da sombra o espectro succedia aos poucos
Estendendo terror co'as azas largas.
Da nevoa aos mantos o trahidor disfarça-se.
Negro combate entre o demonio e o homem
Trava-se hórrendo... o pensamento escalda!
Ávante, Iago! Cassio tomba e morre!
Que sons são estes? é do vento a queixa,
Ou a cantiga do pastor nos valles?...
Não ha martyrio que ao martyrio iguale
De uma lembrança perfumada e pura
Nos dias lutulentos da desgraça!

Quando, porém, a devorante chamma
Pela terceira vez passou, queimando
A fibra delicada, e já sem forças
Ella cerrou no peito a harpa dorida,
A pobre moça presentiu que o genio
Pedia notas que não ha na terra!
N'um turbilhão de férvida harmonia
Perdida, arrebatada, o olhar febreiro,
Annos de vida arremessava ao nada!
Oh Deus! findar-se assim tão bella e joven!
Porém tudo cessou, terror, encantos,
Tudo fundiu-se em lagrimas de fogo!

Chora, oh filha de Deus! chora, criança!
Deixa em teus olhos de doçura angelica
Rolar as gotas tremulas do pranto
Como as estrellas que brilhando fogem!

Quanto infeliz que torce-se de angustias,
Ou entre os ferros da prisão delira,
Pediria por premio de seus males
Uma lagrima só d'esses teus olhos!

Quem uma vez no decorrer da vida
Não sentiu esse encanto irresistivel
Que impelle o coração, prende-o nos laços
De um mysterio indizivel e celeste,
E o faz curvar-se n'um enleio ethereo
Como ao fresco da noite as rosas humidas?
Filha da dôr, oh languida harmonia!
Lingua do genio, da paixão sem pês,
Amplio caminho entre Satan e Deus!
Ah! quem póde saber a historia eterna
Que um'alma ardente em teus suspiros ouve
Percebe-se um olhar, um movimento,
Uma lagrima rapida e sentida,
É fundo arcano o resto, e tão vendado
Como o da morte, d'amplidão do tempo!

Ah! si eu pudesse levantar o véo
Que de teu seio escurecia o fundo,
E através d'esses vividos diamantes
Que molhavam-te o rosto como á aurora
Na pallida camelia o orvalho frio,
Descobrir esses paramos sublimes,
Mundos de maravilha, onde a harmonia
Arrojou-a sorrindo, como as vagas
O nauta exausto n'um imperio esplendido!

O canto proseguia ousado e forte,
Pleno das pompas festivaes do estio;
Era depois da tempestade, a aurora
Cobrindo o globo de fulgor e glorias;
O rouxinol curvado e entristecido

Ergueu-se vivo e, sacudindo as plumas
Molhadas pela chuva, a voz desprende
E a terra inunda de sonoros quebros!

Minh'alma debatia-se, arrastada
Entre a morte e a vida, a dôr e o gozo!
Todos os sonhos e illusões da infancia .
Passaram-me na mente! e eu via o mundo
Erguer-se como quit'ora, os campos verdes,
As serras azuladas, o barqueiro
Cantando á beira d'agua e a folha prima
De minha historia se ostentar brilhante
No portico da vida! Após no espaço
Vi passar uma nuvem pardacenta
E o sol escurecer no throno excelso :
Depois surgiu mais resplendente e bello,
E sobre um prado de eternal frescura,
A' margem de um ribeiro circulado
De tenues myosotis, levantou-se
Uma Linda mulher que me sorria!

Tudo passou-se n'um minuto. O canto
Tinba cessado. No salão deserto
Ardia um cyrio apenas, e, formosa,
Coroadada de amor e de promessas,
Ella fitava-me um olhar sem fardo!
Doudo, abrasado o coração e a mente,
Arrojer-me a seus pés!

A amendoeira

Pejava o ar de effluvios odorantes,
O vinho da volupia fermentava
Nas entranhas do globo!

ESTANCIAS

Quando á tardinha rumorejam brizas
Roubando o aroma das agrestes flôres,
E dôce e grave, nas viçosas mattas,
Mais triste canto o sabiá desata,
Eu lembro-me de ti!

*
*

Eu lembro-me de ti, porque tu'alma
É o sol de minh'alma e de meu genio;
E n'este exilio que infernal me cerca,
Misera planta, desfalleço e morro
Ao frio toque de hibernal geada!

*
*

Quando das franjas do Occidente róseo
Um raio ainda me clareia o carcere,
E um tom suave de tristeza e luzes
Mistura o dia á pallidez da noite,
Eu lembro-me de ti!

*

Eu lembro-me de ti, porque teu seio
Guarda um thesouro de piedade santa,

E n'esse instante que o pezar duplica
Faltam-me as vozes de teus labios meigos
E o dôce orvalho de amorosos olhos !

*
Quando Qsna bordas de meu leito escuro
Fataes espectros de pavor se cruzam,
E exhausto, e livido, eu procuro embalde
O grato somno que meus olhos deixa,
Eu lembro-me de ti !

*
Eu lembro-me de ti, porque saudosa
Sonho-te a imagem soluçando ao longe,
E a fronte curva, e humedecidas palpebras,
Meu nome dizes ao tufão que passa,
A' briza douda que te morde as tranças !

*
Quando meu corpo se debate em febre,
E a lava ardente nas arterias corre...
Quando cruenta, de funereos risos,
Presinto a morte levantar-se perto,
Eu lembro-me de ti !

* * *
Eu lembro-me de ti que és minha vida,
Ultimo allivio n'este mundo insano,
Anjo da guarda que á minh'alma afflicta
Podéra as trevas espancar co'as as azas,
Lavar-lhe as manchas n'um Jordão de lagrimas!

Ai! tudo os homens entre nós quebraram :
A paz, o riso, as esperanças aureas ;
Mas de teu peito me arrancar não podem,
Nem a minh'alma desprender da tua !...
 Eu lembro-me de ti !...

O MAR

Sacode as vagas de teu dorso immenso,
Oh profundo oceano! Ergue-as altivas
Com seus phrygios barretes! Em vão tentam
Luctar contigo temerarias frotas,
Traçar-te raias a vaidade humana!
Tu és eterno e vasto como o espaço,
Livre como a vontade omnipotente.

Regio manto do globo! povo infindo
De soberbos Titães! genio da força,
Salvè tres vezes!... Das espadoas amplas
Derribas todo o jugo que te opprime,
Tragas gigantes de carvalho e cedro,
E a fronte erguendo magestosa e bella
Diademas de perolas atiras
Ás estrellas do céu, e ao mundo cospes
A férvida saliva em desafio!

Quantos imperios celebrados, fortes
Não floresceram de teu throno ás bases,
Sublime potestade! e onde estão elles?
O que é feito de Roma, Assyria e Grecia,
Carthago, a valorosa? As vagas tuas
Lambiam-lhes os muros, quer nos tempos
De paz e de bonança, quer na quadra
Em que chuvas de settas se cruzavam

Á face torva das hostis phalanges !
Tudo esb'roou-se, se desfez em cinzas,
Sumiu-se como os traços que o romeiro
Deixa da Nubia na revolta areia !
Só tu, oh mar, sem termos, immutavel
Como o quadrante lugubre do tempo,
Ruges, palpitas sem grilhões nem péas !

Nunca na face d'esse azul sombrio,
Onde tranquillias, ao chorar das brizas,
Poesias do céo, flôres do ether,
As estrellas se miram namoradas...
Nunca o fogo e a lava, a guerra e a morte,
A armada dos tyrannos ha deixado
Um vestigio siquer de seus destroços !
Tal como á tarde do primeiro dia
Que ao orbe clareou, hoje te ostentas
Na tua magestade horrenda e bella !

Espelho glorioso onde entre fogos
Se mostra omnipotente, nas tormentas
A face do Senhor ! Monstro sublime
Cujas garras de ferro o globo abraçam...
Até que um dia, quem o sabe ? exaustos
Lance o ultimo alento ! ah ! no teu seio
Talvez tremendo espirito se agite,
Mixto sombrio de paixões sem freios,
Cuja expressão vislumbra-te no rosto,
Ora hediondo de compressos musculos,
Ora suave como o louro infante
Sobre o seio materno, ora cruento
Gotejando suor, escuma e raiva !

Niobe eterna ! de teu ventre tumido
Os monstros dos abysmos rebentaram,
Em cujo dorso de argentadas conchas

Os raios das estrellas resvalavam ;
De teu lôdo fecundo, inextinguível,
Brotaram continentes cujas grimpas
Iam bater n'abobada cerulea ;
Teus paços de coral e de esmeraldas
Encerravam princezas vaporosas,
Louras ondinas, encantados genios,
Soberbas divindades ! Entretanto
Viste tudo cair ! riscada a Atlantida
Da face do universo, os bronzeos deuses
Desterrados p'ra sempre, e só restou-te
Uma voz gemedora que chorava :
— Já não vive o deus Pan ! oh ! Pan é morto !

Oceano sem fundo ! vagas tumidas,
Abysmo de mysterio, ah ! desde a infancia,
Preso na têa da attracção divina
Eu vos busquei sedento ! sobre as praias,
Curvas como os alfanges dos eunucos,
Eu me perdia nos dourados dias
Da santa primavera, ouvindo os brados
Dos marinhos corceis, molhando as plantas
Na gaze salitrosa que envolvia
A areia scintillante ! após mais tarde
Sentava-me no cimo dos rochedos,
Suspirando de amor aos verdes olhos,
Aos molles braços que do salso leito
Erguiam-se tão meigos e adorados !..

Amo-te ainda, oh mar ! amo-te muito,
Mas não tranquillo humedecendo a prôa
Da gondola lasciva, nem chorando
Às caricias da lua ! Amo-te horrível,
Arrogante e soberbo, repellindo

Os furacões que roçam-te nas crinas,
Quebrando a aza do fogo que das nuvens
Procura te domar, batendo a terra
Com teus flancos robustos, levantando
Triumphante e feroz no tredo espaço
A cabeça estrellada de ardentias !

Amo-te assim, oh mar, porque minh'alma
Vê-te immenso e potente, desdenhoso
Rindo ás chimeras da cubiça humana !
Amo-te assim ! ditoso no teu seio
Zombo do mundo que meu sêr esmaga,
Sou livre como as vagas que me cercam
E só a tempestade e a Deus respeito.
Salvè, oceano omnipotente e eterno !
Santo espelho de Deus, tres vezes salvè !

ORIENTAL

Virgem! minh'alma te adora
Como a abelha de Mysora
As flôres prenes de mel,
Como a sultana formosa
A nota triste e amorosa
Da lyra do menestrel.

Anjo! minh'alma te busca
Como o insecto que se offusca
Dos cyrios á escuridão,
Como a clicia desmaiada
A caricia enamorada
Das azas da viração!

Ai! vem, divina criança,
Vem, minha douda esperança,
Que eu aqui te espero em prantos;
Vamos errar n'essas plagas,
Aonde na praia as vagas
Soluçam sentidos cantos!

Oh!... lá, minha dôce amada,
Placida a lua encantada,
No céo de azulada côr,
O grato aroma das rosas
Nas veigas deliciosas
Tudo, tudo inspira amor!....

O Ganges dorme sonhando,
Meu batel se embala arfando
Sobre as ondas de crystal;
O rouxinol inspirado
Modula o threno adorado
Nas sombras do laranjal !

Oh ! ao pallido luar
Como é celeste pousar
A fronte n'um seio amado !
Tremar de amores um'hora
Como a bella de Mysora
Nas maravilhas do prado !

Ai ! vem, divina criança !
Vem, minha douda esperança,
Que eu aqui te espero em prantos ;
A noite aos poucos declina
E sobre o rio a neblina
Desdobra seus tenues mantos.

Se tu soubesses que chamma
O teu olhar me derrama
Nas fibras do coração !
Que bellos mundos diviso,
Que gozos do paraizo
Eu sinto ao cerrar-te a mão !

Se tu soubesses que dôres,
Que medonhos dissabores
Eu sinto dentro do peito,
Ai ! tu virias commigo
Sonhar das veigas no abrigo,
Das folhas verdes no leito !

Tu verias que thesouro,
Que mysterio immorredouro
Eu te mostrára, querida!...
Oh! por um instante, virgem,
Por uma dôce vertigem
Te daria minha vida!

POEMA

Na suave estação do grato estio
Quando as campinas vestem-se de flôres,
E os passarinhos sacudindo as plumas
A natureza pejam de cantigas...
Quando os pomares vergam-se rangendo
Ao dôce peso de dourados fructos,
Vi-os deixar o turbilhão das turbas
Para perder-se além das serranias
Como um casal de candidas rolinhas.

Elle joven, romantico, deixava
Correr a vida como o indio á noite
O lenho errante ao deslizar do rio;
Ella meiga e amorosa, ao braço d'elle,
Como a andorinha que da torre emigra,
Ia pedir aos ares do deserto
Sopro de vida a seus pulmões enfermos.
Elle era louro e bello como a imagem
De um deus erguido nos altares gregos;
Ella era como a rosa linda e pallida
Que em noites de luar a fronte encosta
Na haste humedecida pelo orvalho.
Elle tinha no rosto o viço e a vida,
Ella na face languida e saudosa
De morbido palor o véo sentido.

Foram; e a briza de esperanças dôces,
De seu batel arredondava as velas,

Como de Smyrna a viração cheirosa
Toca o navio do maltez pirata
Carregado de camphora e de incenso.
Foram; só Deus, a noite, o céu e os astros
Poderiam contar os róseos planos
Que elles tinham na mente, e os sonhos de ouro
Que lhes passavam pelas fronte puras.

Às brilhantes canções das aves meigas,
Aos effluvios das flôres campesinas
Na margem da floresta, em choça amiga,
Um mez passaram de ineffaveis gozos.
No leito mollé de sombria relva
Dormiam juntos ao calor da sésta
Entre o susurro de indolente arroio
E o perpassar de forasteiras brizas;
Cantavam, junto á porta, á luz da tarde,
N'aurora erravam pelos campos humidos
Relendo a historia dos primeiros beijos
E o drama inteiro de um amor nascente.
E no emtanto no ebriar do gozo,
De dia em dia ella pendia a fronte
Como o salgueiro á margem das lagôas!

Amaram-se e viveram como os anjos :
Das harpas da ventura as cordas todas
Em dôces cantos desferiram rindo,
Até que um dia ao despontar d'aurora
Elle nos braços a sentiu gelada!
Então ergueu-se livido, sem prantos,
Sem uma queixa ao menos e um suspiro,
E do sumo de plantas venenosas
Encheu a taça e a devorou de um trago.
Depois, beijando-a sobre os labios rócos
E unindo-a ao seio n'um enlevo funebre,
Como um noivo deitou-se ao lado d'ella.

Vi-os partir ardentes de esperança ;
Tinham sonhos sem fim na mente occultos .
E um mundo inteiro de esperanças n'alma !
E no entanto os esperei debalde !
O outono, a primavera, o estio, o inverno
Passaram somnolentos sobre a terra,
Mas elles não voltavam !... Na romagem,
Pude apenas, buscando-os, com meu pranto
Regar a lousa fria de seus tumulos!

A SERENATA

(UHLAND)

— Oh minha mãe, que harmonias
Vem meu somno interromper!
Não ouvis?... ai! são tão bellas
Que me sinto reviver!
— Dorme, filhinha, é o delirio
Que te causa a febre ardente;
Quem tocará serenatas
Na porta de uma doente?
— Não é musica terrestre
Que ao somno rasgou-me o véo;
Oh mãe! é o côro dos anjos
Que me chamam para o céu!

NOTA

Aurora, *Echos do carcere* e o *Exilado*, foram inspirados pela leitura das bellas paginas biblicas de Lamennais.

Child-Harold, imitado do canto — *Ignez* no poema do mesmo nome, de Byron.

FRAGMENTOS

(A ANTONIO MANOEL DOS REIS)

A vida é uma jornada perigosa
Do berço á sepultura. Pobres d'esses
Que abandonam as flôres perfumadas
Da margem do caminho, na esperança
Da eternidade que se perde ao longe
Entre as sombras da duvida!

Pobres d'esses que os sonhos deleitosos,
Os dias de prazer, as aureas noites
Deixam por gozos de existencia dubia,
E na terra correndo atraz das nuvens
Vão bem depressa tropeçar na campa
Sem um riso sequer!

Argonautas sem nau que em noite immensa
No mar da vida a tiritar vagueiam
Do velo de ouro da sciencia em busca,
Despidas fronteiras que a vaidade humana
Cercou de louros, coroou de glorias
E adora de joelhos!

Desvairados philosophos, theologos,
Até quando quereis á turba estulta
Encobrir as verdades? Até quando

Nas plagas nebulosas da chimera,
No dédalo confuso dos phantasmas
A levareis de rasto ?

As tormentas do céu não duram sempre!
Apenas foge a bruna, radiante
A estrella resuscita! No deserto
O lotus, desmaiado ao sol ardente,
As lagrimas da noite abre tremendo
A lucida corolla!

N'uma vida de luz, de amor e cantos
Palpita a criação. Emquanto é dado
Abrir as azas, transpirar perfumes,
São felizes a flôr e o passarinho,
Até que aos ventos se desfolhe aquella,
E este morra nas selvas!

Mas o homem doudeja entre martyrios,
Fecha os olhos ás glorias do presente
E caminha, e caminha! . . . Uma esperança
Douda e sem termos lhe alumia a estrada,
Mas no fim da jornada acha um abysmo...
Entretanto é bem tarde!...

Depois que o sangue se gelou nas vêas,
Depois que o coração calou seus éstos,
Com o sangue e coração a alma esvaiu-se!
E além da lousa fria de um sepulchro
Só existe o silencio, a tréva, os vermes,
O esquecimento e o nada!

Quem mais feliz? — O Lovelace pallido
Sobre seios macios repousando
De epicurista a frente; ou pobre monge

Que em desejos ardendo, á noite, geme
Na cella rigorosa, e o chão inunda
De lagrimas de fogo ?

Este espera a ventura, aquelle a goza,
Exhausto de prazer á tumba desce...
Este morre crivado de cilicios,
E a eternidade que esperava ardente
Foge ao dobre do sino dos finados
E ao rasgar da mortalha !

Por mim que o mundo bafejou de escarneos,
Por mim que a sorte circumdrou de angustias,
Creio na taça que meus labios tocam,
Creio nos raios que meu rosto cretam,
Creio nas sombras que meu sêr envolvem,
E creio nos sepulchros !

Nas azas frias de irritados ventos
Douveja a folha. O manacá cheiroso
Cabe sobre o rio, a correnteza o leva...
O bote errante na soidão dos mares
Pula, se estorce, beija a onda e os céos,
E quebra-se nas rochas !

E como a folha, o manacá cheiroso
E o bote errante, divaguei na vida !
Por toda a parte só topei martyrios,
Espinhos sempre em miseraveis leitros,
Fel e absintho pelas taças todas
Onde a bocca encostei !

Si, á meia noite, suarento, frouxo,
Pedi um canto onde dormir pudesse,
Como ao leproso me apontaram rispídos

O campo immenso de paúes cobertos !
Caminha, me disseram, e outro Ashaverús
O que havia eu fazer?...

Mas o meu corpo é gotejante e frio,
Meus nervos tremem como as cordas soltas
De uma harpa abandonada... meus pulmões,
Sorvem convulsos um vapor de morte ;
Ah ! deixai-me dormir que já não posso...
Não ! caminha ! caminha !

Que esperar mais do mundo ? Onde tranquillo
Um altar encontrar de amor e crenças,
Onde achar a virtude ? Assim as rosas
Uma por uma sobre o chão cahiram,
E a fronte joven se cobriu bem cedo
De pavorosas rugas !

Como Fausto e Manfredo eu tive amigos,
Fiz bem a muitos homens, de joelhos
No silencio da noite ergui meus cantos
Ao Senhor das esferas ; e no emtanto
De tudo o que tirei ? — enojo e tedio,
Angustias e martyrios !

Na enxerga da miseria acaba o genio,
Gasta-se o fogo que do céu descera,
Mas a infamia corôa-se de louro,
A intriga dorme em perfumados leitos,
Repousa o vicio ao fumegar do incenso,
E ao susurro das harpas.

Não quero em nada crêr ! — a mim que importa
Que o homem desça á região das sombras
Ou lá no Emypreo se inebrie em luzes ?

Tudo é dubio e trevoso, tudo é falso,
Uma cousa ha real, — ninguem o nega —
E' a morte sómente !

O mancebo calou-se. A madrugada
Veio rompendo encantadora e bella,
Cobrindo o véo de flôres. Os convivas
Curvavam-se cançados sobre a mesa :
Mas d'este **estranho** cante uma palavra
Siquer ninguem perdeu.

GUALTER O PESCADOR

(A ANTONIO MANOEL DOS REIS)

Sobre as ondas de anil do mar profundo
Surge a esfera de luz, banhando as plagas
De esplendido clarão ;
O mundo accorda, e a natureza escreve
Um canto ainda sobre o livro eterno
Da immensa criação.

É dia. Agora nos sertões remotos
O caçador embrenha-se cantando
Da serra nos desvios,
O lenhador abala o mato virgem,
E a patativa se desfaz em threnos
Junto á beira dos rios.

É dia ! é dia ! — E haverá quem durma
Quando a terra palpita de volupia,
Aos afagos da luz ?
Quando a abelha desmaia sobre as flôres,
As flôres sobre o vento, e o vento errante
Sobre as ondas azues ?

Olhai : lá em baixo, na arenosa praia
Onde a vaga indolente se espreguiça
Bocejando n'areia,

E os manacás trashedam de perfumes,
E a viração nas pitangueiras humidas
As folhagens mencia ;

Junto á cabana, com a rêde aos hombros,
O moço pescador contempla o céo
E se apresta a partir ;
De um lado a esposa busca em vão retel-o
E o louro anjinho que sustém no collo
Brinca e põe-se a sorrir;

— Não partas hoje, diz a moça pallida,
Em cujos olhos divinaes se espelha
A candura do céo ;
— Porque, minh'alma ?

— Deus ! não sei, mas sinto
Meu coração que aneia entristecido
Dos presagios no véo !

— Que loucura ! Não vês?... o mar é calmo
Como nossa filhinha que em teus braços
Se balouça contente ;
E á flôr das aguas os peixinhos pulam,
Reluzindo as escamas prateadas
Á luz do sol nascente.

— Ah ! Gualter !... Gualter, eu não sei que tenho,
Mas voz sinistra me murmura n'alma
Que não debes partir !
— Não te afflijas, querida, diz o moço
Afagando-lhe a fronte ; e os outros dias
Não se faz ella ouvir ?

— Sim, toda a vez que n'esse lenho estreito
Vejo-te ousado abandonar a patria,
Tenho sempre terror !

Mas hoje mais que nunca!... oh! fica... fica,
Eu te imploro por mim, por nossa filha,
Por todo o nosso amor!

O mancebo concentra-se. Uma sombra
Parece a testa lhe enrugar de leve
E os olhos enturvar ;
Porém cedo sorri, ergue a criança
Do regaço materno, e entre carinhos
A começa a beijar.

— Então não partes?... diz a esposa alegre
A rêde lhe tomando.

— Oh! não, não posso,

É preciso ir ao mar.

— Meu, Deus! — Que queres? ámanhã, responde,
() que havemos comer? A moça cala-se
E se põe a chorar.

Ah! misero d'aquelle a quem no berço
O archanjo da opulencia, abrindo as azas,
A fronte não roçou !
Pomos vedados são da vida os gozos,
E a taça de hydromel torna-se em lupulo
Apenas a tocou!

Sonhar no ermo, no palmar quem sabe?
Ou sobre as relvas esquecidas horas
Em delicias de amor ;
E ter por socia uma tristeza eterna,
E em vez de afagos que sonhára ardente
Suarento labor!

Mais dôce agora rumoreja a briza
Das niveas flôres dos ingás viçosos
Juncando o branco chão ;

O moço se prepara : é bello o vento,
Rico e fertil o mar. — Esther, socega,
Não me detenhas, não !

Chorosa e triste a meiga esposa o segue
À longa praia, onde o batel esguio
Vai e vem sobre a vaga...
Beija-lhe a fronte ; diz-lhe adeus e clama
Até que a vela abandonando a terra,
No horizonte se apaga !

Põe-se o sol. Merencorio o céu se tolda
Em véos de brúmas, que, deixando os montes,
Desenvolvem-se aos poucos :
Ligeiras virações o mar encrespam,
E um cardume de passaros se arroja,
No espaço em pios roucos.

Vós que vindes do sul, oh ! niveas garças,
Beijando as ondas que o calor amorna,
Dizei, dizei o que annuncia o vento
Que mais velozes vossas plumas torna?

Dizei que sombra funeraria é essa
Que as côres mancha da cerulea tela,
E as fundas rugas que a tremer se cavam
Do salso imperio sobre a face bella?

Oh! não mintaes! si a tempestade é perto
E o mar á lucta os vagalhões prepara,
Quero contrita me prostrar chorando
Aos pés da Virgem que os mortaes ampara !

Dizei, dizei o que annuncia o vento
Que mais velozes vossas plumas torna,
Ligeiras garças que do sul partistes,
Beijando as ondas que o calor amorna!

E a tribu errante que atravessa o espaço
Vai sobre as azas de irritados ventos
Perder-se n'amplidão ;
Sentada á porta contemplando as nuvens,
Esther mostra no rosto descorado
As sombras d'afflicção !

Pesadas massas de profundas trevas
Vão pouco a pouco se ajuntando e rolam
Entre surdos rugidos !
Os relampagos surgem, passa o vento
Da selva escura arrebatando aos cedros
Funerarios gemidos !

De mais a mais o espaço se escurece,
Repetem-se os trovões, o mar inquieto
Fustiga as penedias,
Um diluvio de queixas e bramidos
Percorre os hervaçoes e vai perder-se
Nas longas serranias!

Ai! o moço não vem ; tremula a esposa
Corre á praia assustada e os olhos crava
Anciosos no mar !

Mas apenas divisa em furia insana
Vagas e vagas que, encurvando o dorso,
Vão aos céos topetar !

Então busca a choupana. Junto ao leito,
Uma imagem da Virgem se levanta
Em dôce compunção ;
Esther accende um cyrio e de joelhos,
Apertando a filhinha ao seio oppresso,
Murmura esta oração :

Oh branca rosa do céo,
Oh bella estrella de amor,
Que no teu candido véo
Sorris aos pés do Senhor ;

Tu que dos anjos cercada,
Lá no imperio da luz,
Beijas a fronte adorada
Do condemnado da cruz ;

Volve, volve brandos olhos
Sobre os miseros que a sorte
Por entre horrendos escolhos
Leva aos abysmos da morte!

Curva-se o mato gemendo,
Cobre a terra escuro véo,
O mar arroja tremendo
A fria saliva ao céo.

Mas ai! que talvez, Senhora,
Quando o raio estronda e cái,
A esposa viuva chora,
Chora a filhinha seu pai!

Oh branca rosa do céu,
Oh bella estrella de amor,
Tu que em teu candido véo
Sorris aos pés do Senhor...

Volve, volve brandos olhqs
Sobre miseros que a sorte
Por entre horriveis escolhos
Leva aos abysmos da morte!

Um momento o oceano, a terra, as nuvens
Parece que emmu lecem, os tufões
Abafam seu rugir,
O horizonte clarêa, as brizas passam,
E uma réstea de luz rasgando o espaço
Faz a onda sorrir!

Santa Virgem do céu! eu te bemdigo,
Eu te bemdigo, oh Deus,
Que ouviste minhas preces e lamentos
Que ouviste meus...

II

O temporal rebenta! escuras vagas
Pulam sem freios nas marinhas plagas
Como nos ermos os corceis bravios
Tombam torrentes d'amplidão do céu,
Os ventos berram do bulcão no véo
Em longos tresvarios!

E tarde ; ha muito nos feraes negrumes
O sol sangrento mergulhou seus lumes.
Bem como um brigue devorado em chammas,
A terra anceia, os pinheiraes se abalam,
E das florestas os Titães estalam
Lacerados, sem ramas !...

Ah! mancebo, onde estás? com que perigo
Nas altas vagas sem governo e abrigo
Luctas ardente, mas talvez em vão...
E os genios surdem com tremendos laços,
E a morte fria te sacode os braços
Nas azas do tufão!

Tremente, em prantos, abatido o rosto,
No olhar a chamma de cruel desgosto,
Corre a esposa infeliz á longa praia;
Mas ai! é negro o céo, raivoso o mar,
E n'esse cahos que volve-se a bradar
Debalde a vista espraia !.

— Meu Deus! Senhor meu Deus! tudo é perdido!
Murmura a triste em turbido gemido
E se arroja chorando sobre o chão...
O vento chora de a enxergar talvz,
E a onda immensa vem beijar-lhe os pés
Rasteira como um cão!

Mas silencio! das vagas no conflicto
Subito se ouve um pavoroso grito!
Ergue-se a moça, qual ferida corça,
Sacode as tranças, o vestido agita,
E o louco impulso de su'alma afflicta
Por comprimir se esforça.

E' elle!... é Gualter!... — levantado á prôa
Move aturdido a tremula canôa,
Que anceia e salta na fervente espuma
Que as ondas cospem sobre o lenho ousado...
E o vento envolve o pescador cançado
Na mortalha da bruma.

— Eia!... não temas! reza a Deus e aos santos.
Brada a consorte desvairada em prantos,
Medindo em ancias a distancia immensa;
Mas o mancebo desespera e clama,
E nos seus olhos relampeja a chamma
De livida descrença!

Oh! si ha um Deus que o valha! as penedias
Erguem-se perto rispidas, sombrias,
Do mar sanhudo ao desabrido açoite,
Bulcão medonho sobre o abysmo desce,
E o batalhão da morte augmenta e cresce
Na caligem da noite..

O batel vai e vem, retalha a espuma,
Some-se ás vezes no lençol da bruma
E vai gyrando topetar no céo;
E' o moço exausto na vertigem louca
Lança á praia uma queixa insana e rouca
Através do escarcéo.

Oh! piedade!... piedade! exangue, fria,
Grita a infeliz nas sombras d'agonia;
Mas n'esse instante ruge o furacão,
Ergue-se um grito, horripilante, extenso,
Um clamor dolorido, eterno, immenso,
Dos mares n'amplidão!

Esther... adeus p'ra sempre !... O raio passa,
E a luz vermelha que o oceano abraça
Entre vozes de horror some o batel,
E os ventos berram nas espumas frias,
E as vagas brigam funeraes, bravias,
Nos hombros do parcel!

Tudo findou-se!... sem calor, sem vida,
Eil-a martyr de amor no chão cahida :
Na solta arêa que a tormenta orvalha
A onda chega... depois foge em prantos,
Depois a leva com funereos cantos
Na humida mortalha !...

III

O Archanjo de Deus, que lá no Empyreo
O livro guarda do fatal destino
E a morte de Esther traçado havia
Com letras igneas na sangrenta folha,
Ia gravandò vagaroso e lento
O nome do mancebo; mas de subito
Uma idéa lhe surge, a mão vacilla,
Volta ao começo da funérea pagina
E com tremulo dedo apaga as letras
Que tinha começado !
Inda era cedo ! no trevoso drama
Inda uma scena de terror faltava !
O mancebo está salvo ! ai ! quem dissera,
Poupando a vida, que amargor prepara
O negro genio que desdobra a têa
E a vida tece dos humanos sêres !

Sim, o moço está salvo ! Nos abysmos,
Roto, em pedaços, o batel repousa,

Mas na lucta infernal, no doudo gyro
Em torno á penedia, o acaso, a sorte
Ao duro embate o pescador lançára
Sobre um tecido de marinhas plantas
Que as frias bases do rochedo enlaça.
Foi quando aos labios lhe escapou tremendo
Aquelle adeus final, e o fragil lenho
Para nunca se erguer baixou em lascas
No seio immenso da cruel voragem.

Longo tempo sem forças, desmaiado,
O moço fica n'essa movel cama,
Circulado de espuma e de ardentias...
Mas pouco a pouco a vida vem tornando
E com ella a razão, a calma, o animo :
E' forçoso pensar, buscar a praia,
Vêr a filhinha, socegar a esposa
Que ha poucas horas no terror da morte
Longe, perdidas para sempre cria!

Louca esperança!... illuminado sonho,
Miragem de ventura em céu de sangue,
Poucos instantes durarão teus brilhos!
Como as lavas ferventes do Vesuvio,
Como os fogos do raio que rebenta,
Surges, clarêas, e ao depois só deixas
Um rastilho de cinzas e betume!...

Gualter está na praia, as vestes rotas,
O corpo gotejante, os nervos tremulos,
Sacode-se offegante, como a lontra
Na borda da torrente, lança um grito
De jubilo e triumpho, e acelerado
Se arroja á habitação!

Mas um triste chorar chega-lhe ao ouvido !
Um chorar de criança, debil, fraco,
Repassado de angustia !

— Oh ! minha filha !

Oh ! filha de minh'alma ! grita o moço.
Mas n'esse instante, do palmar no cimo,
Ave de morte desprende seu canto,
E as azas negras sacudiu na sombra !

O pescador se benze, e o calefrio
Uma por uma lhe percorre as fibras,
Apressa o passo mais, a cada instante
Tropeça e pára, respirando em âncias
O quente bafo que a tormenta exhala.
— Esther ! vem, que aqui'stou ! grita o mancebo
Arquejante, cançado... — Ai !... tudo é surdo !

As folhagens se agitam suspirando,
Soltam as aves desabridas queixas,
E n'esse mundo que delira e clama,
De quando em quando ao perpassar do vento,
Mais fraca e triste, mais pungente ainda
Vem dolorida a voz da innocentinha !...

Onde está tua mãe que não te escuta ?
Onde está tua mãe ?... Porém, oh ! céos !
Um medonho trovão brame no espaço,
O raio passa e vai morrer na onda
Tenaz, immensa, devorada em chammas
Que referve na espuma que a circula.
Uma idéa sinistra e lutulenta,
Como essa fragoa que queimára a nuvem,
Roça n'alma do moço que se esforça ;
Vence a fraqueza que lhe vai no corpo

E corre e vôa, e vai chegar sem folego
Á porta da cabana.

— Esther ! exclama,

Porem nada responde; a ventania
Braveja no hervaçal, sacode as plantas
E da misera choça invade as frestas
Em longos assobios ! O mancebo
Faz um supremo esforço, impelle a porta
E se arroja de um salto no aposento !

Mas, oh ! quadro de horror !... oh ! negro quadro !
Esther não está. Entorpecida, fria,
Cançada de chorar o pobre anjinho
Estremece no chão, molhada e núa !
Uma vela de cera amarellenta
Sob denso morrão crepita e chia
Junto á imagem da Virgem que tranquillia
Olhos postos no céo, sorrir parece !

Santa esposa de Deus !... mulher divina
Que do abysmo da morte ergueste o homem,
Consolo dos mortaes, dôce refugio
Das almas tristes que o pezar lacera,
Como agora és medonha !... oh ! como agora
D'esse pallido cyrio á luz mortiça
Enches de horror e funebres angustias
Tudo quanto te cerca e te contempla !

Hirtos cabellos, convulsivos labios,
O mancebo se arroja de joelhos
E nos braços levanta a pobre infante.
Oh ! falla ! falla !... desditoso anjinho,
Triste filha do amor e desventura,
Onde está tua mãe ? oh ! falla !... falla !

Mas ao brando calor do peito amigo,
Ao dôce bafo que lhe aquece o rosto
E a vida incute nas geladas vêas,
Abre os olhos azues a innocentinha
E ri-se, e brinca nos paternos braços!

— Grande Deus do universo ! tem piedade,
Exclama o pescador ; e em frias ancias
Sahe da cabana e se arremessa á praia
E n'altos gritos acordando os echos !

Vai serenando o mar ; do céu as sombras
Fogem aos poucos, as estrellas surgem
E brilham vivas como abelhas de ouro
Nas fundas dobras do ceruleo manto...
A floresta se cala e o vento brando
Suspira a medo nas folhagens humidas,
Como um povo de sylphos que resomna !

A tormenta cessou, mais ai ! na terra
As tormentas do céu são as menores !
Uma restea de luz as doma e pisa,
Como ao bravo corcel que o freio abate ;
Mas as que surgem nos humanos peitos
E a vida cavam os medonhos choques,
Essas são longas, eternaes, sem luzes,
Nem brizas, nem manhã, que a furia apague !

Mas silencio !... silencio ! a noite é calma,
O oceano cançado, e a natureza
Em seu leito de paz adormecida.
Porem que vozes doloridas, tristes,
Erguem-se agora lá da praia extensa
E os echos pejam de agonia e morte ?

Oh!... sim, que é elle... o pescador!... não vêdes,
Qual sombra foragida que alta noite
De um ermo cemiterio á lousa foge
E vem de horrores espantar as plagas?
Escutai, escutai ao som pungente
D'essa voz funeral, enrouquecida,
Não ouvís outra voz mais triste ainda,
Bem que mais fraca, levantar-se aos ares
Debil como o chorar da rôla exangue,
Treda como o tufão em chão de campas
Os chorões desfolhando, ou como a queixa
Que o sopro de além tumulo desprende
D'entre a infancia e a morte?... oh! é medonho!

Agora, ao cimo do rochedo erguido,
Eil-o de pé convulso, desvairado,
Medindo o abysmo e apostrophando as ondas :

— Onde está minha esposa?... onde está ella,
Vagas profundas que dormis no abysmo?...
Dá-lhes voz, oh meu Deus! porque minh'alma
Se torce em ancias de infernal martyrio!

Mas o mar não responde, em pranto apenas
Lança um manto de espumas no rochedo
E borrifa-lhe os pés, e no seu peito
Mais triste e fria a criancinha chora,
E os bracinhos de neve estende ao pégo!

O céo é puro e bello, uma só nuvem
Não turba o esmalte do zimborio ethereo,
Tremem os astros, e a nevada estrada
Nas campinas de azul se estende bella
Como facha brilhante, ou como a senda
Que os anjos leva ao venturoso Empyreo,

O pescador se cala e nos seus olhos
Chamma sinistra transparece e brilha,
Contempla os astros e as tranquillias ondas
E um sorriso satanico lhe passa
Pelos gelidos labios, cerra ao peito
A criança que cala-se inanida
E senta-se na rocha...

Mas, oh ! céos !
De subito no espaço, pallejantes
As estrellas se apagam : dir-se-hia
Que um diluvio de sombras as devora...
O oceano se abafa e em negros urros
Meteoro de sangue abraza o espaço
E se afunda fervendo no oceano.
Um mundo inteiro de rugidos, gritos
Levanta-se do abysmo, as vagas crescem
E em longas serranias vem correndo
Da voragem fatal que o fogo abriu.

Depois tudo se cala. No infinito
As estrellas despertam-se mais vivas,
O oceano se acalma e unto as rochas
Uma onda indolente que se estende
Arroja aos pés do moço transviado
Alguma cousa de medonho, informe,
Pavoroso, infernal, que o faz de um salto
Levantar-se convulso, o olhar em braza
Como impellido por um ferreo braço !
- Esther!... Esther!...

O oriente aclara-se,
Uma réstea de luz inunda o céo,
As aguas brincam, balanceia o vento,
Mas uma queixa immensa, uma blasphemia

Embebida de fel, de sangue e lôdo,
Um grito de Satan se ergue da terra
Entre debil chorar!...

Tudo findou-se !

As estrellas desmaiam de agonia,
Entôa o vento funebres susurros,
E nas rochas escuras que se elevam
Uma linha de sangue inda espumosa
Goteja e corre e vai sumir no abysmo.

Mais bella ainda a natureza acorda,
Tudo é silencio e paz sobre o universo.
O mysterio da morte, esse findou-se ;
O oceano é discreto, e o que elle encerra
Dorme no somno de profundo olvido.
D'entre as grimpas azues, entre neblinas
A lua vem se erguendo branca e pura
Como a odalisca que se eleva pallida
Das banheiras de marmor do serralho!
— Boa noite, bello astro ! ergue-te azinha!

IV

— Onde vais, ancião?... que pranto é esse
Que dos olhos te corre e as cãs te orvalha?
Que amargura te opprime?

— Ai! não indagues!

Deixa que eu chore, que o chorar que verto
Sahe das chagas da alma!

— Falla, velho;

Teu corpo treme, teu fallar é rouco,
Cortado de soluços, no emtanto
Os invernos gelaram-te os cabellos,
E as tormentas de um seculo, quem sabe ?

Envergaram-te á terra, a fim que busques
O frio leito do final descanso !
Falla, ancião... que mágoa te espedaça
E remorde-te assim ?

— Ai! não indagues!

Lança os olhos á praia e a Deus pergunta
Porque se apaga a estrella, a flôr definha,
O arvoredo emmurchece e a humana vida
Entre sangue e loucura erra e desmaia.
— Grande Deus do universo!... são dous corpos
Um corpo de criança!... oh! como o sangue
Os cobre e desfigura!... falla, velho...
Falla... conta...

— Ah! tem piedade,
A dôr me despedaça, e em breves dias
Talvez minh'alma os seguirá bem cedo!
Amei-os mais que a mim! desde criança
Acalentei-a aos joelhos. Junto ao fogo
Em noites hibernaes unida ao collo
A fazia dormir entre cantigas!

Vi-a crescer, crescer, como a palmeira,
Sempre junto de mim, até que a idade,
A affeição... o amor m'arrebatassem!
Conduzi-os á igreja, abençoei-os...
Mas ai!... elles não vivem, nem tão pouco
O pobre anjinho que eu levei á pia
E embalava em meus braços! hoje mesmo
Desci a serra, vim buscal-os,
Vêl-os ainda, que meus longos annos
Ha muito tempo m'os roubava aos olhos...
Porem tudo findou-se... oh! tudo... tudo!
Amaram-se e viveram puros, bellos,
Como as aves do céo e as plantas meigas
Que o sertão embalsamam de perfumes

Amaram-se e viveram como as flôres,
Mas tiveram por leito derradeiro
O fundo escuro de medonho abysmo!
— Viajor que chegais, orai por elles !

O tempo corre e com seu manto immenso
Varre o dia e a noite, o mez e o anno,
Mas das ondas azues o navegante
Saúda a imagem de uma virgem santa
Que em seu nicho de pedrá alveja ao longe
Na crista do rochedo. Tres vezes santa !
D'onde esse emblema de humildade veio,
Oh ! quem não sabe remontando á lenda
Do pobre pescador ?...

NOCTURNAS

NEVOAS

Nas horas tardias que a noite desmaia,
Que rolam na praia mil vagas azues,
E a lua cercada de pallida chamma
Nos mares derrama seu pranto de luz,

Eu vi entre os focos de nevoas immensas,
Que em grutas extensas se elevam no ar,
Um corpo de fada, serena dormindo,
Tranquilla sorrindo n'um brando sonhar.

Na fórma de neve, purissima e núa,
Um raio da lua de manso batia,
E assim reclinada no turbido leito
Seu pallido peito de amores tremia.

Oh! filha das nevoas! das veigas viçosas,
Das verdes, cheirosas roseiras do céu,
Acaso rolaste tão bella dormindo,
E dormes, sorrindo, das nuvens no véo?

O orvalho das noites congela-te a fronte,
As orlas do monte se escondem nas brumas,
E quêda repousas n'um mar de neblina,
Qual perola fina no leito de espumas!

Nas núas espaduas, dos astros dormentes,
Tão frio não sentes o pranto filtrar?

E as azas de prata do genio das noites
Em tibios açoites a trança agitar ?

Ai! vem, que nas nuvens te mata o desejo
De um fervido beijo gozares em vão!...
Os astros sem alma se cançam de olhar-te,
Não podem amar-te, nem dizem paixão!

E as auras passavam, e as nevoas tremiam,
E os genios corriam no espaço a cantar,
Mas ella dormia tão pura e divina
Qual pallida ondina nas aguas do mar!

Imagem formosa das nuvens da Illyria,
Brilhante Walkyria das brumas do norte,
Não ouves ao menos do bardo os clamores,
Envolta em vapores, mais fria que a morte!

Oh! vem, vem, minh'alma! teu rosto gelado,
Teu seio molhado de orvalho brilhante,
Eu quero aquecel-os ao peito incendiado,
Contar-te ao ouvido paixão delirante!...

Assim eu clamava tristonho e pendido,
Ouvindo o gemido da onda na praia,
Na hora em que fogem as nevoas sombrias,
Nas horas tardias que a noite desmaia.

E as brizas d'aurora ligeiras corriam,
No leito batiam da fada divina...
Sumiram-se as brumas do vento á bafagem
E a pallida imagem desfez-se em neblina!

VIDA DE FLÔR

Porque vergas-me a fronte sobre a ter. a,
Diz a flôr da collina ao manso vento,
Si apenas ás manhãs o dôce orvalho
Hei gozado um momento?

Timida ainda, nas folhagens verde:
Abro a corolla á quietação das noites,
Ergo-me bella, me rebaixas triste
Com teus feros açoites!

Oh! deixa-me crescer, lançar perfumes,
Vicejar das estrellas á magia,
Que minha vida pallida se encerra
No espaço de um só dia!

Mas o vento agitava sem piedade
A fronte virgem da cheirosa flôr,
Que pouco a pouco se tingia, triste,
De morbido pallor.

Não vês, ó briza? lacerada, murcha,
Tão cedo ainda vou pendendo ao chão,
E em breve tempo esfolharei já morta
Sem chegar ao verão?

Tem piedade de mim! deixa-me ao menos
Desfrutar um momento de prazer,
Pois que é meu fado despontar n'aurora
E ao crepusc'lo morrer!...

Brutal amante não lhe ouviu as queixas,
Nem ás suas dôres attenção prestou,
E a flôr mimosa, retrahindo as pétalas,
Na tige se inclinou.

Surgiu n'aurora, não chegou á tarde,
Teve um momento de existencia só!
A noite veio, procurou por ella,
Mas a encontrou no pó.

Ouviste, ó virgem, a legenda triste
Da flôr do outeiro e seu funesto fim?
Irmã das flôres á mulher, ás vezes,
Tambem succede assim.

S. Paulo, 1861.

ARCHETYPHO

Elle era bello ! na espaçosa fronte
O dedo do Senhor gravado havia
O sigillo do genio : em seu caminho
O hymno da manhã soava ainda,
E os passaros da selva gorgeando
Saúdam-lhe a passagem n'este mundo.

Sim, era uma criança, e no emtanto
Friez de morte lhe coava n'alma !
O seu riso era triste como o inverno,
E dos olhos cançados nem um raio,
Nem um clarão, nem pallido lampejo
Da mocidade o fogo revelavam !

Era-lhe a vida uma comedia insipida,
Estupida e sem graça ; elle a passava
Com a fria indiferença do marujo
Que fuma o seu cachimbo reclinado
Na prôa do navio olhando as vagas ;
— Vivia por viver... porque vivia.

Em nada acreditava ; ha muito tempo
Que a idéa de Deus soprára d'alma
Como das botas a poeira incommoda...
O evangelho era um livro de anedotas,
Beethoven torturava-lhe os ouvidos,
E a poesia lhe causava somno

Muita donzella suspirou por elle,
Muita belleza lhe dormiu nos braços ;
Mas frio como o genio da descrença,
Após um' hora de gozar maldito
Saciado as deixou, como o conviva
A mesa do festim, farto e cansado.

Era mais caprichoso, mais bizarro
Do que um filho de Albion, mais vário
Que um profundo politico : uma tarde.
Após haver jantado, recordou-se
Que ainda era solteiro ! — Pelo Papa!
É preciso tentar, disse comsigo.

Quatro dias depois tinha casado :
Escolhera uma noiva descuidoso,
Como um brinco chinez, um livro in-folio
Ao altar conduziu-a, distrahido,
E as juras divinaes do casamento
Repetiu bocejando ao sacerdote.

Como tudo na vida, o matrimonio
Bem cedo o aborreceu ; após tres mezes
Disse adeus á mulher que pranteava,
E accendendo um cigarro, a passos lentos,
Dirigiu-se ao theatro, onde assistiu
A um drama de *Feuillet*, quasi dormindo.

Por fim de contas, uma noite bella,
Depois de ter ceiado entre dous padres,
Em casa da morena Cidalisa,
Pegou n'uma piçtola e, entre as fumaças
De saboroso *havana*, á eternidade
Foi vêr si divertia-se um momento.

O FORAGIDO

(CANÇÃO)

Minha casa é deserta ; na frente
Brotam plantas bravias do chão,
Nas paredes limosas o cardo
Ergue a frente silente ao tufão.

Minha casa é deserta. O que é feito
D'esses templos benditos d'outr'ora,
Quando em torno cresciam roseiras,
Onde as auras brincavam n'aurora ?

Hoje a tribu das aves errantes
Dos telhados se acampa no vão,
A lagarta percorre as muralhas,
Canta o grillo pousado ao fogão.

Das janellas no canto, as aranhas
Leves tremem nos fios dourados,
As avencas pollulam viçosas
Na humidade dos muros gretados.

Tudo é tredo, meu Deus ! o que é feito
D'essas éras de paz que lá vão,
Quando junto do fogo eu ouvia
As legendas sem fim do serão ?

No curral esbanjado, entre espinhos,
Já não bala ancioso o cordeiro,
Nem desperta-se ao toque do sino,
Nem ao canto do gallo ao poleiro.

Junto á cruz que se eleva na estrada
Secco e triste se embala o chorão,
Não ha mais o esfumar das acacias,
Nem do crente a sentida oração.

Não ha mais uma voz n'estes ermos,
Um gorgoio das aves no val ;
Só a furia do vento retrôa
Alta noite agitando o hervaçal.

Ruge, ó vento gelado do norte,
Torce as plantas que brotam do chão,
Nunca mais eu terei as venturas
D'esses tempos de paz que lá vão !

Nunca mais d'esses dias passados
Uma luz surgirá d'entre as brumas !
As montanhas se embuçam nas trevas,
As torrentes se vendam de espumas !

Corre, pois, vendaval das tormentas,
Hoje é tua esta morna soidão !
Nada tenho, que um céo lutulento
E uma cama de espinhos no chão !

Ruge, vôa, que importa ! sacode
Em lufadas as crinas da serra ;
Alma núa de crença e esperanças,
Nada tenho a perder sobre a terra !

Vem, meu pobre e fiel companheiro,
Vamos, vamos depressa, meu cão,
Quero ao longo perder-me das selvas
Onde passa rugindo o tufão !

Cantareira. — 1861.

FRAGMENTOS

Por ella me despi dos aureos sonhos
Que a flôr da mocidade abrilhantavam,
Por ella reneguei meu Deus e crenças,
Por ella abandonei meus patrios lares,
E nas fragoas do amor e da saudade
Vi minha vida desfazer-se em fumo!

Como o perfume que transpira, á noite,
Da margem da lagôa a flôr mimosa
Vai deleitar o viajor que a nevoa
Desorienta da campina extensa,
Vinham amenisar lembranças d'ella
A sombria tristeza de minh'alma!

De plaga em plaga como o hebreu maldito
Refugiei-me em vão, buscando d'alma
Expulsar o pezar que me roía!
Mendiguei um allivio ao céo de Italia,
Aos cantos do barqueiro errei a noite
Nas ondas perfumadas de Sorrento,
Adormeci na encosta do Vesuvio,
E visitei as lucidas paragens
Onde Laura e Petrarca suspiraram.
Mas era embalde!... nem o céo brilhante,
Nem o meigo sorriso, o olhar de f'ogo

Da bella italiana, nem os cantos,
Nem os festins ruidosos de Veneza
Sanar puderam de meu seio a magoa,
E a dôr pungente que ia fundo n'alma!

À Jôura Grecia dirigi meus passos,
Adormeci á sombra d'essas ruinas
Onde envolto em seu manto de descrença
Lord Byron vagou... abri meu peito
Às vozes divinaes de antigas éras,
E no sopro das brizas que passavam
Ouvi o côro de milhões de deuses
Que das balsas floridas levantavam-se
À minha invocação ; de Tempe ao valle
Fui aos echos pedir os dôces cantos
Que alli ditosa repetira Sapho
Nos braços de Phaon ; e no emtanto
Em vão minh'alma se engolfar buscava
No livro do passado, em vão meus labios
Murmuravam canções de seus poetas!
O pezar me seguia mudo, frio,
Horriavel como um plumbeo pesadelo !

Deixei a Grecia. Às regiões ardentes,
Onde nuvens de arêa o ar percorrem
No solio do zenith o sol nublando,
Onde lenta caminha a caravana
Abrazada de sêde e de cansaço,
Fugindo ao tedio de uma vida eivada,
Como Harold ou René, lancei-me triste,
Cercada a frente de trevosas nuvens.

Descancei sob as tendas do deserto,
Matei a sêde de meu peito em fogo
Nas aguas lamacentas das cisternas,
E após, deixando os areaes sem termos,

Embrenhei-me nas selvas seculares
Lá onde á sombra de soberbes cedros
Dormia a solidão seu somno immenso!
Mas as canções dos arabes errantes,
Os urros do *simoun*, o murmurio
Da folhagem da selva, o mundo todo
D'esse vasto poema do deserto
Fallavam-me de dôr e de amarguras,
Negra saudade me acordavam n'alma !

Vaguei nos mares á tormenta exposto,
Vi diante dos pés o oceano e a morte,
E meu fragil batel arrebatado,
Ora no dorso de espumosas vagas
Ir doudejando topetar nas nuvens,
Ora no abysmo se afundar gemendo !
Abrindo as azas negras sobre os mares
Corria o furação rugindo em furias,
Como o anjo da morte ! No infinito
A orchestra da tormenta ribombava
Horriavel e sublime ! O céu rugia,
As serpentes de fogo se enroscavam
No espaço abrazeado, as ardentias
Referviam no abysmo escancarado
Como os lumes que em breve me esperavam
Na tumba immensa de revoltas aguas !
E emquanto os mastros a estalar cahiam
Ao roçar da tormenta, emquanto os nautas
Prostrados no convés a Deus clamavam
Ante a agonia, a tempestade e a morte,
Pedindo ás vagas, olvidando tudo,
O nome d'ella eu murmurava em prantos.

Dos abysmos á flôr, como **Manfredo**,
Os genios invoquei, vertiginoso,

P'ra que lançassem de minh'alma aos ermos
De mim mesmo, um profundo esquecimento...
Pedi a Deus um existir de bruto,
Materia impura sem pensar nem dôres...
Mas nem um gozo illuminou-me a vida,
Nem uma fonte limpida e serena
Rebentou pelo Sáhara de minh'alma!
Errei pelas paragens encantadas
Onde á sombra de um bosque de palmeiras
Regatos correm de serenas aguas...
Ouvi a ave sonora se embalando
Á morredoura luz de amenas tardes
Lançar gorgeios de saudade infinda...
O céo de azul me illuminava a fronte
Com torrentes de luz, as flôres todas
Me incensavam de aromas suavissimos.
Mas o riso da flôr, o som das brizas,
A creação pejada de perfumes
Contando aos astros em liguagem dôce
Suas lendas de amores e sorrisos
Não podiam siquer matar-me n'alma
O negro viso de uma dôr sem termos !

De deserto em deserto se acampando
Os pastores da Arabia a vida passam ;
Como elles vagabundo, eivado o seio,
De dôr em dôr com vagarosos passos
Atravesso os desertos da existencia !

Cançado de lutar sobre esta vida,
Senti um dia esmorecer no craneo
A scintella da crença e da esperanza.
Por altas noites, na mansão dos mortos
Quando a terra dormia, mergulhado
Em negro pesadêlo, errei sombrio,

Os mysterios da campa interrogando.
— Haverá outra vida?... Após a morte
Irei eu habitar um novo mundo
Onde não sinta os desprazeres d'este ?
Eu filho da materia e escravo d'ella
Serei em breve reduzido a lôdo,
Após haver tragado em bronzea taça
Tanto fel e absintho?... assim clamava
Collando sobre a terra dos sepulchros
Minha fronte incendiada pela febre.
Mas lá de longe, lá do céo, quem sabe?
Vinha uma voz unvida de saudades
A harmonia da fé lançar-me n'alma,
E a flôr das esperanças moribunda
Alimentar com timidias promessas!
Era ella! ella sempre! á noite, ao dia
No somno ou na vigilia!... amiga, sombra
Incessante visão da felicidade,
Presente sempre a meus cançados olhos
Na penosa jornada d'este mundo!
Anjo de meu amor! filha de Deus!
Porque me infliges o cruel supplicio
De vêr-te sempre, de abraçar-te nunca!

Ligeiras nebulosas que habitaes
Sobre os mares de ether, roseas nuvens,
Fulgida estrella que a manhã nascendo,
Desperta o viandante, nas estradas,
Astros gigantes, espantosos mundos
Que gyraes no infinito!... oh! em vós todos
Eu parecia vêl-a! ora divina
N'um oceano de nevoas fluctuando;
Ora adejando na região das luzes,
Ora no espaço que a razão apenas
Só póde conceber!... em meu caminho
Ella se erguia sempre! nos meus sonhos

Ella passava pensativa, meiga,
Como um genio de Ossian ! nos meus versos
Seu dôce nome resoava sempre !
Debalde procurei riscar da mente
Essa imagem divina ; parecia
Que o destino a ligava á minha vida !

Todas as taças de um viver sem gozo
Traguei descrido. De minh'alma as flôres
No lôdo mergulhei, e inda tão cedo
Me perdi em profundos desvarios !
Fui no recinto em que circula o vicio,
Ao clarão da candêa fumarenta,
Pender á negra mesa empallecido,
Gastando as noites no fervor do jogo !
Tonto de vinho, desvairado em febre,
Elevei minha taça transbordando
Entre blasphemias e obscenos cantos !
E nos gritos da orgia, e no delirio
Uma voz sonora me acordava
Do longo pesadêlo de minh'alma,
E eu soluçava me lembrando d'ella !

Coberto de tristeza e de saudades,
Quebrei a ausencia, atravessei os mares,
Vim a vida buscar ante seus olhos :
Após tão longo exilio, ardendo em gozo,
O coração pulsando de alegria,
Aos lares d'ella dirigi meus passos.
Mas silencio !... um véo negro, impenetravel,
Cubra esse quadro que meus olhos viram,
Durma na sombra de um olvido eterno
Esse mysterio funebre, banhado
De lagrimas de sangue ! E tu, minh'alma,

E tu, pobre infeliz, manchada, fria,
Abafa no teu seio essas lembranças...
Nem um sonho sequer d'esse passado
Venha turbar teu pesadêlo immenso !

Rio Claro. — 1831

A MULHER

(A C....)

A mulher sem amor é como o inverno,
Como a luz das anthelias no deserto,
Como o espinheiro de isoladas fragas,
Como das ondas o caminho incerto.

A mulher sem amor é mancenilha
Das ermas plagas sobre o chão crescida,
Basta-lhe á sombra repousar um'hora
Que seu veneno nos corrompe a vida.

De eivado seio no profundo abysmo
Paixões repousam n'um sudario eterno...
Não ha canto nem flôr, não ha perfumes;
A mulher sem amor é como o inverno.

Su'alma é um alaúde desmontado
Onde embalde o cantor procura um hymno;
Flôr sem aromas, sensitiva morta,
Batel nas ondas a vagar sem tino.

Mas, si um raio do sol tremendo deixa
Do céo nublado a condcsada treva,
A mulher amorosa é mais que um anjo,
É um sopro de Deus que tudo eleva!

Como o arabe ardente e sequioso
Que a tenda deixa pela noite escura
E vai no seio de orvalhado lyrio
Lamber a medo a divinal frêscura,

O poeta a venera no silencio,
Bebe o pranto celeste que ella chora,
Ouve-lhe os cantos, lhe perfuma a vida...
— A mulher amorosa é como a aurora'

S. Paulo. 1861.

SOBRE UM TUMULO

Torce-te ahi na sepultura fria
Ondê passa rugindo o furacão,
Seja-te o orvalho das manhãs negado,
Sõe em teu leito a voz da maldição!
Teu castigo será gemer debalde
Buscando o somno que'o sudario deixa,
Ouvir nas trevas de uma noite horrenda
De errantes larvas a funerea queixa!
Pese-te a terra qual um fardo immenso,
Infecta podridão cubra teus olhos,
Seque o salgueiro que sombrêa a lousa
E em seu lugar estendam-se os abrolhos!
Rôam-te o odio, a maldição, o olvido;
E quando as turbas um dia resurgirem,
— Apparencias de Deus ! para afundar-se
No seio d'Elle, ardentes de alegria,
Surdo sejas aos echos da trombeta
Em teu leito de pedra enregelada;
Findem-se os mundos, e a existencia tua
Fria se apague na soidão do nada!

TRISTEZA

Minh'alma é como o deserto
De dubia arêa coberto,
Batido pelo tufão;
É como a rocha isolada,
Pelas espumas banhada,
Dos mares na solidão.

Nem uma luz de esperança,
Nem um sopro de bonança
Na frente sinto passar!
Os invernos me despiram
E as illusões que fugiram
Nunca mais hão-de voltar!

Roem-me atrozes idéas,
A febre me queima as vêas,
A vertigem me tortura!...
Oh! por Deus! quero dormir,
Deixem-me os braços abrir
Ao somno da sepultura!

Despem-se as mattas frondosas,
Cahem as flôres mimosas
Da morte na pallidez,
Tudo, tudo vai passando...
Mas eu pergunto chorando :
Quando virá minha vez?

Vem, ó virgem descorada,
Co'a fronte pallida ornada
De cypreste funerario,
Vem! oh! quero nos meus braços
Cerrar-te em meigos abraços
Sobre o leito mortuario!

Vem, ó morte! a turba immunda
Em sua miseria profunda
Te odeia, te calunía...
— Pobre noiva tão formosa
Que nos espera amorosa
No termo da romaria.

Quero morrer, que este mundo
Com seu sarcasmo profundo
Manchou-me de lôdo e fel,
Porque meu seio gastou-se,
Meu talento evaporou-se
Dos martyrios ao tropel!

Quero inorrer : não é crime,
O fardo que me comprime
Dos hombros lançar ao chão,
Do pó desprender-me rindo
E as azas brancas abrindo
Lançar-me pela amplidão!

Oh! quantas louras crianças
Coroadas de esperanças
Descem da campa á friez!...
Os vivos vão repousando ;
Mas eu pergunto chorando :
— Quando virá minha vez?

Minh'alma é triste, pendida,
Como a palmeira batida
Pela furia do tufão,
É como a praia que alveja,
Como a planta que viceja
Nos muros de uma prisão!

S. Paulo, — 1861

A ENCHENTE

Era alta noite. Caudaloso e tredo
Entre barrancos espumava o rio,
Densos negrumes pelo céu rolavam,
Rugia o vento no palmar sombrio...
Triste, abatido pelas aguas torvas,
Gyrava o barco na caudal corrente,
Luctava o remador e ao lado d'elle
Uma virgem dizia tristemente :

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

E são jovens, bem jovens! na cabana
Dormiam calmos sem pensar na sorte,
A enchente veio, e no agitar infrene
De um somno meigo os conduziu á morte.
A felicidade é um sonho nebuloso...
A vida n'este mundo é sempre assim,
Do gozo em meio a veladora eterna
Nos arranca da mesa do festim!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

*
* *

— Rema, rema, barqueiro; olha, lá em baixo,
A' luz vermelha do fuzil que passa,
Não vês o vulto de um rochedo escuro
Que a correnteza estrepitando abraça?
— Oh si o vejo, senhora; eu bem o vejo!
Diz o barqueiro com sinistra voz;
Pedi á Virgem, que os perigos vela,
Que tenha ao menos compaixão de nós!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

*
* *

Eis d'entre as vagas de caligem densa
Vem macilenta se mostrando a lua;
Como á luz d'ella a natureza é morta,
Como a planicie é devastada e núa!
Perto, tão perto se levanta a margem
Onde fagueira a salvação sorri,
E nós rolamos, e rolamos sempre,
E não podemos aportar alli!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

*
* *

Duro, insoffrido o vendaval soergue
Da onda a face em convulsão febril :
— Barqueiro, alento! em chegando a terra,
Hei-de cobrir-te de riquezas mil.

Porem no dorso do dragão das aguas
Luctava o barco, mas luctava em vão...
E a pobre moça desvairada em prantos
Pedia á Virgem que lhe dêsse a mão!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

*
* *

— Ouve, barqueiro, que rugido é esse
Profundo e surdo que lá em baixo sôa?
Parece o ronco de um trovão medonho
Que dos abysmos pelo seio echôa!
— Oh! 'stou perdido!... abandonando os remos,
Clama o infeliz a delirar de medo,
Oh! é a morte que nos chama, horrivel,
No fundo escuro de feral rochedo!

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

*
* *

Ia o batel. Ao sorvedouro immenso
Era impossivel se esquivar então,
Dentro sentado o remador chorava,
E a donzella dizia uma oração:
Já diante d'elles entre véos de espuma
Treda a voragem com furor rugia,
E uma columna de ligeiro fumo
Do centro escuro para o céu subia.

Como ao rijo soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

*
* *

Subito o barco volteou rangendo,
Tremeu em ancias, se estorceu, recuou,
Deu a virgem um grito, outro o barqueiro,
E o lenho na voragem se afundou!
Tudo findou-se. O vendaval sibila,
Correndo infrene na planicie nua,
O rio espuma e nas revoltas ondas
Descem dous corpos ao clarão da lua.

Como ao rijo soprar das ventanias.
Os mortos boiam sobre as aguas frias!

Setembro. — 1861.

À ESTATUA EQUESTRE

Ergue-te ousado sobre o chão da praça,
Homem de bronze, imagem de monarcha,
 Simulacro fatal!
Pisa inda as turbas humilhadas, como
As duras patas do corcel que montas
 O chão do pedestal.

Cançadas nunca de oppressores ferros,
Livres de um jugo, de outro jugo escravas,
 As massas enervadas
Do pó resgatam seus tyrannos mortos,
E á luz do sol inundam de louvores,
 Por terra debruçadas!

Raça de Ilotas, que fizestes pois
Da férvida scentelha que no seio
 Vos pôz a Divindade?
Porque relêdes o passado escuro,
Quando devéras derribar os thronos
 Cantando a liberdade?

Jota-se á treva o busto dos Andradas,
Some-se a gloria de ferventes martyres
 Na lama do hervaçal!
Mas fria a estatua pisa a turba, como
As duras patas do corcel de bronze
 O chão do pedestal!

Oh terra do Brazil! diamante vivido
Da corôa soberba de Colombo,
 Bella estrella do sul,
Porque tão cedo declinaes a fronte
E a fimbria do vestido ennegreceis
 No limo do paúl?

Porque tão cedo ehregelaes o seio
N'essas frias geadas que predizem
 A morte das nações,
E os pulsos presos, e a vontade escrava,
Do martyr a memoria e a voz dos bardos
 Cobris de maldições?

Erguei-vos d'esse livido marasmo,
Affrontai o negrume das tormentas,
 O horror da tyrannia!
Si agora em bronze eternizaes senhores,
Gravai nos bronzes o brazão dos livres,
 Saudai um novo dia!

Embora o mundo me proclame louco,
Embora á frente com furor me gravem
 Stigma infernal,
Não posso calmo vêr pisar-se as turbas,
Como o corcel de levantada estatua
 O chão do pedestal!

PENDÃO AURIVERDE

CANTOS

SOBRE A QUESTÃO ANGLÓ-BRAZILEIRA

AO BRAZIL

Bella estrella de luz, diamante fulgido
Da corôa de Deus, perola fina
 Dos mares do occidente,
Oh! como altiva sobre nuvens de oiro
A fronte elevas afogando em chammas
 O velho continente!

A Italia meiga que resomna languida
Nos coxins de velludo adormecida
 Como a escrava indolente ;
A França altiva que sacode as vestes
Entre o brilho das armas e as legendas
 De um passado fulgente ;

A Russia fria — Mastodonte eterno !
Cuja cabeça sobre os gelos dorme,
 E os pés ardem nas fragoas ;
A Bretanha insolente que expellida
De seus planos estereis se arremessa
 Mordendo-se nas agoas ;

A Hespanha turbida ; a Germania em brumas ;
A Grecia desolada ; a Hollanda exposta
 Das ondas ao furor...
Uma inveja teu céo, outra teu genio,
Esta a riqueza, a robustez aquella,
 E todas o valor !

Oh! terra de meu berço, oh pátria amada,
Ergue a fronte gentil unvida em glórias
De uma grande nação!
Quando sofre o Brazil; os brasileiros
Lavão as manchas, ou debaixo morrem
Do santo pavilhão!...

AO POVO

Não ouvis?... Alem dos mares
Braveja ousado Bretão!
Vingai a patria, ou valentes
Da patria tombai no chão!
 Erguei-vos, povo de bravos,
 Erguei-vos, Brazileo povo,
 Não consintaes que piratas
 Na face cuspão de novo!
O que vos falta? Guerreiros?
Oh! que elles não faltão não,
Aos prantos de nossa terra
Guerreiros brotão do chão!
 Mostrai que as fronteas sublimes
 Os anjos cercão de luz,
 E não ha povo que vença
 O povo de Santa Cruz!
Soffrestes, hontem, creança
Contra a força o que fazer?...
Si nada podeis, agora
Podeis ao menos morrer!...
 Oh! morrei! a morte é bella
 Quando junto ao pavilhão
 Se morre pisando escravos
 Que insultão brava nação!
Quando nos templos da fama
Nas aureas folhas da historia

Gravado revive o nome
Por entre os hymnos da gloria!
Quando a turba que se agita
Saúda a campa adorada :
— Foi um heróe que esvaío-se
Nos braços da patria amada!

À WILLIAM CHRISTIE

Diplomata insolente ! ave-maldicta
Entre as brumas do norte aviventada,
A quem a patria recusou bafejos
E o sol um raio que aquecesse o rosto !
Dize, filho da sombra, onde aprendeste
A voar como as aguias?... Em que terras
Te crescerão as pennas borrifadas
Nas lagôas impuras da Bretanha ?...

Que céu dourado, que estações bemdictas,
Que meigas flôres, que harmonias santas
Alentárão-te o cerebro? Que sonhos
Te passarão na mente? Que riquezas,
O teu berço natal mostrou-te aos olhos?
Que doce inspiração roçou-te n'alma
E deu-te crenças, te cobrio de orgulho,
Do santo orgulho que revela o merito?

Pisaste uma nação, nação tão grande
Que a loucura perdoa-te ! Cuspiste
Na face dessa que afogára em vagas,
Em rios de ouro teu paiz ingrato !
Procuraste lançar um véo de sombras
Sobre essa terra que fascina o globo
Ao clarão dos diamantes, e piedosa
Teus irmãos agasalha junto ao peito !

Basta de humilhações!... dize a teus amos
Que a terra de Cabral está cansada
De ultrages supportar! que a seus clamores
No seio das florestas resuscita
Um mundo de guerreiros que não teme
O troar dos canhões ! que um povo ardente
Se levanta inspirado á voz dos bardos,
Do pendão auri-verde á sombra amiga!

Quereis ouro e riqueza?... Ah ! nós vos damos :
É em nome da Irlanda miseravel
Que succumbe de fome! É por piedade
Dos filhos do Levante que se estorcem
Entre sangue e veneno ! É pelos tristes
Que solução nos ferros ; pelos genios
Que morrem na miseria e no abandono ;
Pela virtude sem defesa e amparo !..

Vai !... teu paiz é poderoso e ousado,
Teus vasos cobrem a amplidão dos mares,
Teus soldados são celebres e fortes,
Teus canhões são medonhos, ferem certo.
A nós isto que importa? — si atrevidos
A nossas praias aportarem, loucos,
Cada provincia é um povo de guerreiros,
Cada guerreiro um destimido Antêo !

A D. PEDRO II

Tu és a estrella mais fulgente e bella
Que o sólo aclara da Columbia terra,
A urna santa que de um povo inteiro
Arcanos fundos no sacrario encerra!

Tu és nos ermos a columna ardente
Que os passos guia de uma tribu errante,
E ao longo mostras atravez das névoas
A plaga santa que sorri distante!...

Tu és o genio bemfazejo e grato
Poupando as vidas no calor das frágoas,
E, á voz das turbas, do rochedo em chammas
Desprende um jôrro de bemdictas agoas!

Tu és o nauta que atravez dos mares
O lenho immenso do porvir conduz,
E ao porto chega socegado e calmo
De um astro santo acompanhando a luz!

Oh! não consintas que teu povo siga
Louco, sem rumo, deshonroso trilho!
Si és grande, ingente, se dominas tudo,
Tambem das terra do Brazil és filho!

Abre-lhe os olhos, o caminho ensina
Aonde a gloria em seu altar sorri,
Dize que vive, e viverá tranqullo,
Dize que morra, morrerá por ti!

HYMNO

Soldados valentes, soldados briosos,
Soldados da terra bemdicta da Cruz,
Ás armas! erguei-vos, a aurora desponta
Vertendo nos prados torrentes de luz!

A guerra não tarda! já brilhão nos campos
Espadas lustrosas do sol ao fulgor,
Misturão-se os brados ao som das cornetas
E ao rufo ruidoso de rouco tambor!

Não vêdes? ao longe na praia sem termos
Os lenhos apórtão de horrendo pirata!
Ás armas!... ás armas! torrentes de sangue
Misturem-se ás ondas raivosas do Prata!

O dia é dos grandes, o dia é dos bravos
Que a patria defendem ou tombão no chão!
Lavai as campinas da patria querida
Das fundas pisadas de ousado Bretão!

Quem ha que vos vença? quem ha que atrevido
Vos roube a bandeira que ardente reluz,
Soldados valentes, soldados briosos,
Soldados da terra bemdicta da Cruz?

Avante, guerreiros! o genio das luctas
Seus cantos tremendos nos ares espalha,
Resvalão as balas, relinchão cavallos,
Retumbão, ribombão bombardas e metralha!

O dia é dos grandes,*o dia é dos bravos,
Que a patria defendem ou morrem no chão!...
Soldados briosos, soldados valentes
Lavai as offensas do ousado Bretão!

A S. PAULO

**Terra da liberdade !
Patria de heróes e berço de guerreiros,
Tu és o louro mais brilhante e puro,
O mais bello florão dos Brasileiros !**

**Foi no teu sólo, em borbotões de sangue
Que a fronte erguerão destemidos bravos,
Gritando altivos ao quebrar dos ferros :
— Antes a morte que um viver de escravos !**

**Foi nos teus campos de mimosas flôres,
À voz das aves, ao soprar do norte,
Que um rei potente ás multidões curvadas
Bradou soberbo : — Independencia ou morte !**

**Foi de teu seio que surgiu, sublime,
Trindade eterna de heroismo e gloria,
Cujas estatuas, cada vez mais bellas
Dormem nos templos da brazilea historia !**

**Eu te saúdo, oh ! magestosa plaga,
Filha dilecta, estrella da nação,
Que em brios santos carregaste os cilios
A' voz cruenta de feróz Bretão !**

Pejaste os ares de sagrados cantos,
Ergueste os braços e sorriste á guerra,
Mostrando ousada ao murmurar das turbas,
Bandeira immensa da cabralia terra!

Eia! caminha, o Parthenon da gloria
Te guarda o louro que premia os bravos!
Vôa ao combate repetindo a lenda :
— Morrer mil vezes que viver escravos!

CANTO DO SERTANEJO

Salve, oh florestas sombrias,
Salve, oh broncas penedias,
Onde as rijas ventanias
Murmurão féra canção,
Nas sombras deste deserto
Do norte ao rude concerto,
Sentado de Deus tão perto
Quem é que teme o Bretão ?

Cobre-se a selva de flôres,
Brincão volateis cantores
Bebendo os langues odores
Que paixão na viração,
Rugem cavernas frementes,
Silvão medonhas serpentes,
Bradão raivosas torrentes,
Quem é que teme o Bretão ?

Ah! correi filhos das mattas,
Atravez das cataractas,
Entre suaves cantatas
Ao genio da solidão,
Cuspi nos dias escassos,
Rompei os imigos laços...
Não tendes dous fortes braços ?
Quem é que teme o Bretão ?

Loucos! nas fundas clareiras,
Aos urros das cachoeiras
Nas brenhas das cordilheiras,
Feia morte encontraráõ!
Quem tem do ermo as grandezas,
As serras por fortalezas
Não teme as loucas bravezas
Do temerario Bretão!

Daqui decide-se a sorte,
Daqui troveja-se a morte,
Daqui se extingue a cohorte
Que insulta a brava nação!...
Gritos das selvas, dos montes,
Dos matagães e das fontes
Retumbão nos horizontes...
Quem é que teme o Bretão?

Salve, oh! florestas sombrias,
Salve, oh broncas penedias,
Onde as rijas ventanias
Perpassão varrendo o chão,
Neste profundo deserto
De negros antros coberto
Sentado de Deus tão perto
Quem é que teme o Bretão?

CANÇÃO

Nunca viste á madrugada,
De niveo manto atravéz,
Uma lympha branca e pura
Saltando da serra escura
Qual um cabrito montez?.

Em torno, tudo
São negras penhas,
Névoas ligeiras,
Grutas e brenhas...
E o sol despeja,
Rasgando as brumas,
Torrentes de oiro
No véu de espumas!

Eis uma garça alvejante
Que abandona as cordilheiras,
E vai molhada de orvalhos
Perder-se nos molles galhos
De uma selva de palmeiras!

Assim murmura
De manhãsinha
O viajante
Que alem caminha,

Cravando os olhos
Na lympa pura
Que se despenha
Da selva escura.

Nunca viste-a?.. Não importa,
Deixa os tristonhos palmares....
Vês agora esse gigante
Que se espreguiça arrogante
No leito immenso dos mares?

Em torno, tudo
São vozes, cantos,
Virgens florestas
De eternos mantos....
Plagas, savanas,
Montes sombrios
Curvão-se humildes
Ao rei do rios!

Salve! Amazonas soberbo!
Salve! das agoas Titão!
Teu povo brada arrogante :
— Quem vive ao pé de um gigante
Não tem receio ao Bretão!.

CANTOS RELIGIOSOS

★ ★ ★

Estrellas
Singelas,
Luzeiros
Fagueiros,
Esplendidos orbes, que o mundo aclarais!
Desertos e mares, — florestas vivazes!
Montanhas audazes que o céu topetais!
Abysmos
Profundos!
Cavernas
Eternas!
Extensos,
Imensos
Espaços
Azues!
Altars e thronos,
Humildes e sabios, soberbos e grandes!
Dobrai-vos ao vulto sublime da cruz!
Só ella nos mostra da gloria o caminho,
Só ella nos falla das leis de — Jesus!

AVE MARIA!!

A noite desce, lentas e tristes
Cobrem as sombras a serrania,
Calão-se as aves, chorão os ventos,
Dizem os genios : — Ave! Maria!

Na torre estreita de pobre templo
Resôa o sino da freguezia,
Abrem-se as flôres, Vêesper desponta,
Cantam os anjos : — Ave! Maria

No tosco alvergue de seus maiores,
Onde só reinão paz e alegria,
Entre os filhinhos o bom colono
Repete as vozes: -- Ave! Maria!

E, longe, longe, na velha estrada,
Pára e saudades á patria envia
Romeiro exausto que o céu contempla,
E falla aos ermos : — Ave! Maria!

Incerto nauta por feios mares,
Onde se estende nevoa sombria,
Se encosta ao mastro, descobre a ronte,
Reza baixinho : — Ave! Maria!

Nas soledades, sem pão nem agua,
Sem pouso e tenda, sem luz nem guia,
Triste mendigo, que as praças busca,
Curva-se e clama: — Ave! Maria!

Só nas alcovas, nas salas dubias,
Nas longas mesas de longa orgia
Não diz o impio, não diz o avaro,
Não diz o ingrato: — Ave! Maria!

Ave! Maria! — No céo, na terra!
Luz da alliança! Doce harmonia!
Hora divina! Sublime estancia!
Bem dita sejas! — Ave! Maria!

MAMAN

(IMITAÇÃO)

Oh! primeiro som que exhala
A infancia, toda pureza,
Quando ainda bem não falla,
Quando ainda é singeleza!
Instincto da natureza!
Palavra que Deus envia
A debil voz que a murmura,
Para mostrar a alegria
E para expressar a dôr!
Verbo que tem a dôçura
Das benções do Creador!

Elixir, balsaão eterno,
Sôpro que o mundo equilibra
E as cordas sinceras vibra
De bom coração materno!
Expressão cujos encantos
Enche os seios de almo gôzo,
Estancando ardentes prantos
Que faz rebentar o esposo!...

Nem da briza o rumorejo,
Nem o genio que suspira,
Nem do poeta o desejo
Roçando as cordas da lyra;

Nem o susurro da lympha
Que beija marmórea nympha
No seu grego pedestal,
Nem glorias que reis outorgão;

E o gemer pausado do órgão
Em antiga cathedral,
Nem as primicias ingenuas
De um talento virginal,
Nem as bellezas extrenuas
De um pensador sem rival,
Nem o clarão da manhan
Trazendo ao mundo a esperança,
São como a voz da criança
Quando murmura — maman!

VOZ DO POETA

Perdão, Senhor meu Deus! Busco-te embalde
Na natureza inteira! O dia, a noite,
O tempo, as estações mudos succedem-se,
Mas eu sinto-te o sôpro dentro d'alma!
Da consciencia ao fundo te contemplo!
E movo-me por ti, por ti respiro,
Ouço-te a voz que o cerebro me anima,
E em ti me alegre, e canto, e penso!

Da natureza inteira que aviventas
Todos os elos a teu ser se prendem,
Tudo parte de ti e a ti se volta;
Presente em toda a parte, e em parte alguma,
Intima fibra, espirito infinito,
Moves potente a criação inteira!
Dás a vida e a morte, o olvido e a gloria!
Se não posso adorar-te face á face,
Oh! basta-me sentir-te sempre, e sempre!

Eu creio em ti! eu soffro, e o soffrimento
Como ligeira nuvem se esvaece
Quando murmuro teu sagrado nome!
Eu creio em ti! e vejo alem dos mundos
Minha essencia immortal brilhante e livre,

Longe dos erros, perto da verdade,
Branca dessa brancura immaculada
Que os genios inspirados nesta vida
Em vão tentarão descobrir no marmore }

PSALMO I

Ditoso o justo que afastado vive
Do concilio dos máos e do caminho
Trilhado por perversos peccadores!
E que nunca ensinou, bem como o impio,
Do negro vicio as maximás corruptas!

Ditoso o homem que fiel concentra
De seu Deus Creador na lei divina
Todo o seu pensamento e seu affecto,
E nella só medita noite e dia!

Elle será qual arvore frondosa,
Banhada por arroios crystallinos,
Que bons fructos produz na quadra propria,
E nunca perde o viço e a louçania.

Quanto a sorte do impio é differente!
Brinco do acaso, das paixões' joguete,
Assemelha-se ao pó que o vento agita
E sobre a terra desdenhoso espalha.

No dia, pois, do santo julgamento
Perante o Deus severo, confundido,
Fulminado será, deixando ao justo
O premio promettido : — a gloria eterna!

FRAGMENTO

Si eu tivesse beijado a santa relva
Que nas tardes de outono se amolgavão
Às niveas plantas da mulher divina,
Quando pelas collinas pensativa
Levava a passear o tenro filho,
Descendente de reis, dos reis arbitrio !

Si eu tivesse escutado a voz suave
Do celeste enviado, annunciando
Ao throno de David um novo herdeiro;
Si eu tivesse mirado o olhar profundo,
Vasto, sem nome na palavra humana,
Que Maria cravou nas mãos sangrentas,
Nas faces maceradas de seu filho!
Si eu a seguisse em seus pezares todos,
Si eu olhasse o Calvario, a Cruz, os Progos,
As flacidas esponjas embchidas
De fel e de vinagre ; si cahisse
Uma lagrima só daquelles olhos
Sobre minha cabeça, eu desprezára
Glorias de Homero, de Virgilio e Dante,
De Tasso e de Camões! — laurel eterno
Cingira minha fronte vacillante !...

Mas ai! em éra torva e viciosa
Educou-se meu estro!... A doce lyra
Do mago Hebron, ou do Sinai amiga,
O estylo dos prophetas seguiria!....

PRECE

Jesus! Salva-me a fé, que abaixa os montes,
Que faz parar o sol, achar piloto
No mais tímido passaro que traga
Um ramo de oliveira, no enviado
Que me arreda dos fundos precipícios!
Salva-me a fé! O' Christo! das alturas
Tu meu unico Deus, minha esperança,
Minha estrella polar, sol de meus dias,
De meu talento inspiração divina...
O' Christo, a quem minha harpa hei dedicado,
O' Christo! o' meu Senhor! faze que brote
De meus tímidos labios a verdade!

AVULSAS

INVOCAÇÃO

Eu te vejo sentada entre os palmares
Robusta e bella, pensativa e airoza,
Cheias de sangue as fortes jugulares,
Beijando a nayadéa e não a rosa.
America gentil! Filha dos mares!
Tu, que a manhã bafeja carinhosa,
Dá genio a teu cantor, lhe estende a mão,
Infunde-lhe na frente a inspiração!

Pura em tua nudez, sempre singela,
Da Gallia mentirosa o luxo deixas,
És da Escriptura a timida gazella!
Teus vestuarios são tuas madeixas!
Do mundo conhecido és a donzella!
Sempre perdôas e jamais te queixas!
Dá genio a teu cantor, lhe estende a mão,
Infunde-lhe na frente a inspiração!

Hei-dè em minhas canções sempre invocar-te,
Pois creio que me attendes, que tens alma!
De teu cocar farei um estandarte
A cuja sombra tenha asylo e calma!
« Se a tanto me ajudar engenho e arte »
Nada na terra meu talento espalma!...
Dá genio a teu cantor, lhe estende a mão,
Infunde-lhe na frente a inspiração!

Symbolizas os filhos do futuro,
Os homens da esperança e da verdade,
Não tens de antigos o pensar escuro,
És só luz, pensamento e liberdade!
Não te manchou o rosto o bafo impuro
Das seitas infernaes da média-idade!
Dá genio a teu cantor, lhe estende a mão,
Infunde-lhe na frente a inspiração!

Quero-te sempre assim entre os palmares
Robusta e bella, pensativa e airoza,
Cheias de sangue as fortes jugulares,
Beijando a nayadéa e não a rosa.
America gentil! Filha dos mares!
Tu, que a manhã bafeja carinhosa,
Dá genio a teu cantor, lhe estende a mão,
Infunde-lhe na frente a inspiração!

A ESCRAVA

Passava muda e cauta,
Prestando attento ouvido,
Pela azinhaga estreita,
Ao minimo arruido ;
F'arrapos asquerosos
Só tinha por vestido.

Serena, vagarosa
A lua caminhava,
E a luz das mais estrellas
Esplendida offuscava...
— Phebe! clarêa o rosto
D'essa infeliz escrava!

Talvez que das alturas
Alguem a voz me ouvisse,
Quando suprezo, afflicto,
Estas palavras disse ;
Talvez Satan no abysmo
Hirto, convulso, risse.

Da Nubia a escura filha
Parou. Quanta agonia
No gesto, no semblante
Minh'alma descobria!...
Mumia de chagas vivas
Seu corpo parecia!

Golilha ferrea, angusta
Prendia-lhe a garganta
— Sinistra parasita —
Que arroxa humana planta!...
Cahia-lhe de um hombro
Rota, nojenta manta.

O fogo da demencia,
Os olhos lhe queimava,
Um estertor convulso
O peito lhe agitava.
— Christão! fallou, tem pena
D'esta erradia escrava.

As chagas não curadas,
O medo dos açoites
Fazem-me errar, sem alma,
Christão, noites e noites!...
Ai! tremo!... sinto frio!
E o frio me consome!...

Matam-me a febre, o somno...
Christão!... Eu tenho fome!
Mas oh! voltar não quero
Ao tronco onde soffri!...
Si meu senhor te manda...
Não vou! Expiro aqui!

— Tens frio? fome? sêde?...
Deus meu pensar consagre!
Tambem tragou o Christo
O fel e o vinagre!
Filha! Não tenhas medo,
Achei-te por milagre!

Em meus alforjes rotos
Eu tenho pão e vinho,
Recebe-os, desgraçada,
Sou como tu sósinho,
Assenta-te, não temas,
À beira do caminho.

Sentou-se a miseranda,
Bemdisse o Creador...
Mas eis ao longe sôa
Insolito rumor...
— Lá vem o meu verdugo!
Lá vem o meu senhor!

Ave, ou ferida corça
De subito pulou,
À beira da azinhaga
A refeição deixou...
Depois, precipitada
Nas mattas se embrenhou.

BEATRIZ HENRIQUES

(MULHER DE CHRISTOVÃO COLOMBO)

Negra, medonha sina
Leio nos olhos teus,
O brilho que fascina
Faz abaixar os meus!
Vai, fuge, aguia dos mares,
Tens sêde de outros ares,
Pois bem! — Adeus! Adeus!

Do céo de Andaluzia
As noites sem iguaes,
A intima alegria
Dos lares festivaes,
O canto das serranas,
O echo das violas,
As tardes espanholas
Não te deleitam mais!

Vai! bonançosos ventos
Conduzam teu baixel,

Meus tímidos lamentos
Não ouvirás, cruel!...
Ai! que fatal destino
Persegue-te, infeliz,
Que descobrir intentas
Das fadas o paiz?...

Viuva e sem amparo
Me considero já,
Um somno afflicto e raro,
Meu Deus! me restará!...
E tu, alma orgulhosa,
Genio dos temporaes '
De Beatriz saudosa
Cedo te esquecerás!

Louco! sonhaste um mundo
Pejado de illusões!
Um mar vasto e profundo
Coalhado de tritões,
Imperio das venturas,
Ninho de inspiração,
Patria das almas puras,
Terra da promissão!

E o sonho seduziu-te!
E o sonho te cegou!
A demencia feriu-te!
A febre te queimou!..
Oh! que fatal destino
Persegue-te, infeliz,
Que descobrir intentas
Das fadas o paiz!

SURPREZA

Se fosses vibora me haverias mordido.

Chegou a bella estação
Em que rebentam as flôres,
Tambem no meu coração
Rebentam novos ardores.

Busquei minha caprichosa
Na sala, alcova e cozinha :
Foi colher alguma rosa
Talvez em lembrança minha...

— Pois bem, fallei eu commigo,
Surpresas quizeste, amor?
Vou mostrar como consigo
Trazer a mais linda flôr !

Corro, corro a largos passos,
Busco em vão um bogari !...
Mas ella vôa a meus braços
E diz alegre : — « Eis-me aqui ! »

ELEGIA

Les dieux vont vite !...

Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao genio o respirar ao menos!

Hontem era Azevedo o ardente bardo,
O mancebo ancião, quo audaz abria
De nova inspiração as aureas portas;
Era Junqueira Freire, o preeleito,
O severo cantor, correcto e puro,
Que da sombra dos claustros inundava
Profano mundo de harmonias santas;
Era o timido Abreu, victima imbelle
Do prosaismo estolido da vida,
Coração de donzella e de criança,
Alma sentida como a rôla afflicta!
Aureliano Lessa o desditoso!

Era o Laurindo, o filho da pobreza,
Mas arrojado sempre, e sempre nobre!
Era Gonçalves Dias — o romeiro
Das esquecidas tribus do Amazonas,
Sabio investigador de antigas lendas,
Mavioso cantor das soledades!

Era Franco de Sá, debil mancebo
Sobre cujas espadoas avultavam
As azas do condor alti-volante!
— O que fizeste d'elles? Onde occultas
D'esses grandes taléntos os thesouros,
Comparsa horrendo da sombria morte?

*
* *

Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao genio o respirar ao menos!
Fatal destino o dos brazileos vates!
Fatal destino o dos brazileos sabios!
Fatal destino o dos brazileos mestres!
Politica nefanda, horrenda e negra,
Pestilento bulcão, abafa e mata
Quanto aos olhos de ironico estrangeiro
Podia honrar o patrio pensamento!
Entre a Italia e a Grecia erguer-lhe um solio!

Tempo, tempo voraz pára um momento!
Concede ao genio o respirar ao menos!

*
* *

Grande no nome, nas desditas grande,
Descobridor tambem, onde repousam,
Oh! cantor do Uruguay, teus frios restos?
Da creação brilhante de Colombo
Cabral tirou a estrophe mais formosa,
Plantou a cruz do genovez nas terras:
E tu?... Creaste o mundo dos encantos,
Das bellas tradições, dos vagos sonhos,

Nas ledas margens do profundo rio
Que viu nascer a candida Lyndoya!
E não tens um padrão, não tens um marco,
Uma lousa singela que assignale
De preclaro varão a ultima estancia?

Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao genio o respirar ao menos!

*
* *

Mancebos de hontem, e sepultados hoje!
Molière das letras brazileiras,
Oh! Penna, o que fizeram do teu nome?!
O que é feito de ti?... Nos fofos palcos
A facecia franceza insulta o chiste
Da nacional comedia ingenua e franca,
Tão simples como a simples natureza!
Dutra e Mello, cultor d'amenas letras,
Onde foste tambem? Fria rajada
De frio temporal deixou em tiras
Vossas pobres e humidas mortalhas!
Lhano Teixeira, narrador sincero!
Manoel de Almeida, pensador profundo!
Newton Americano, eximio Souza!...

Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao genio o respirar ao menos!

*
* *

Oh! tudo vai passando, e tudo morre!
Tudo soffoca a vil mediocridade!

O Pantheon da patria está deserto,
Retrahem-se os talentos hodiernos,
E da fome o cruento despotismo
Colloca pavorosa e sem piedade
Do misero escriptor, que o pão supplica,
A penna mercenaria aos pulsos presa!...
N'este confuso quadro que desenha
Minha sentida musa lacrimosa,
Quantos vultos não faltam? quantos vates
Cujos hymnos o mundo encantariam
Não dormem deslembados sob a relva
Do cemiterio de remota aldêa!
E ninguem lhes guardou as flôres d'alma!
Ninguem julgou que o pobre pensativo,
Que alta noite velava á luz fumosa
De grosseira eandêa, um bardo fosse!
Morto, á eova lançaram-lhe os escriptos,
Pois o papel, de velho e amarellado,
Coberto de signaes, traços eseuros
Nem as proprias crianças eubiçavam!
Que mercador sévero envolveria
N'essas manchadas folhas a eanella,
A mostarda, a pimenta? O aceio é tudo.
O povo apenas guarda-lhes os cantos,
E nos longos serões, muita donzella
Do pobre trovador modula as queixas!
Flôres agrestes no deserto vivem,
Suceumbem no deserto, e nos seus leitos
O deserto do olvido a gloria espanta!

Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao genio o respirar ao menos!

*

O passado e o futuro são dous pontos
Que o presente examina, estuda e marca.
Bronzea cadêa de batidos elos
Prende a sublime grei dos pensadores
Da sabia e velha Europa ao Novo Mundo!
Porque scismar, velar, mirar estrellas,
Chamar inspirações? Escravas turbas
Exigem que o cantor a penna ensope
Do coração nas tumidas aurículas,
Depois a porta do hospital apontam!
Tem mais valor o mundo da materia!
Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao genio o respirar ao menos!

*

E nós vamos tambem, musa querida,
Nós que não somos gemeos, mas sentimos
Tudo o que o genio tem de bello e santo!
E nós vamos tambem, triste verdade!
Amanhã, quando o sol trazer aos campos
Nova luz, novo ardor, novos encantos,
O rico sonhará nos aureos leitos,
O avarento de' esqualidos esbirros
Cercará da viuva o dómicio,
As Messalinas dormirão sorrindo
Nos braços de seus miseros amantes;
— E quem de nós se lembrará, meu anjo?

Tempo, tempo voraz, pára um momento!
Concede ao genio o respirar ao menos!

SOLÃO

— Venho de longe! Caminho
Arrostando a fome, o frio!
Sou pobre, triste, mesquinho...
Pódes tu dar-me pousio?

— D'onde sahiste? O que buscas?
Precisas de pão e abrigo?...
Viajante! Tu me offuscas!
És um propheta? .. eu te sigo!

— Como podéra um propheta
Soffrer tantas agonias!...
Busco a tumba de um poeta,
Do grande Gonçalves Dias!

— Pergunta aos mares profundos,
Pergunta ao destino, ao fado,
Ao Deus creador dos mundos
Por esse bardo inspirado!

— Entra, pobre peregrino!
Entra, refaz-te e descança :
De vêr o cantor divino
Não tenhas mais esperança!

— Nem de orar onde repousam
Seus frios restos mortaes!
Quem lhe escreverá na lousa :
« O grande genio aqui jaz? »

— Lancem pilotos as sondas !
Afrontem os escarcéos!
Não podem achar nas ondas
Quem agora está nos céos!

Enfermo, exaustto, cançado,
Soffrendo um pezar insano,
De seu paiz exilado
Teve outra patria — o occano.

O mar! — o corcel sem freio!
Genio severo do amor !
Esconde o corpo no seio,
Envia o genio ao Senhor !...

Folga ! espiritos te fallam,
Mestre da terra onde choro !
Teu corpo ondinas embalam...
Lendo teus cantos, te adoro ! —

HARMONICORDIO

O homem falla e a mulher cochicha,
O papagaio palra, o corvo grasna,
Cacareja a gallinha, a rã coxa,
Gorgeia o sabiá, chilra a cigarra,
Late o cão, mia o gato e grunhe o porco,
A raposa regouga, o touro muge,
Arrulha a linda pomba, zurra o asno,
Assobia o macaco e berra a cabra,
Ruge o leão, mas o corcel relincha,
Silva a serpente e o fradalhão se esguelá,
Compõe o mestre bellas harmonias,
— Só o poeta as comprehende e canta!

CANÇÃO LOGICA

Eu amo, tu amas, elle ama...

Teus olhos são duas syllabas
Que me custam soletrar,
Teus labios são dous vocabulos
Que não posso,
Que não posso interpretar.

Teus seios são alvos symbolos
Que vejo sem traduzir,
São os teus braços capitulos
Que podem,
Que podem me confundir.

Teus cabellos são **grammaticas**
Das linguas todas do amor,
Teu coração — tabernaculo
Muito proprio,
Proprio de illustre cantor.

O teu caprichoso espirito,
Inimigo do,dever,

É um terrível enigma
Ai! que nunca,
Que nunca posso entender!

Teus pésinhos microscópicos,
Que nem rastejam no chão,
São leves traços estheticos
Que transtornam,
Que transtornam a razão!

Os preceitos de Aristoteles
N'este momento quebrei!
Tendo tratado dos pincaros,
Oh! nas bases,
Nas bases me demorei,

CANTO

I

Jesus! Filho de Deus! Quero adorar-te
No céo, na terra, no universo inteiro!
Vejo teu nome escripto em toda a parte
Onde vai meu olhar de forasteiro!
Milagres de saber, prodigios de arte,
Senhor e servo, artista e pegureiro,
Tódos repetem n'este mundo vario
O poema sublime do Calvario!

II

Os astros de mais luz, orbes ímmeos,
Hyperboles lançadas sobre os ares,
Brilhantes a rolar em mares densos,
Escarpados de angélicos collares;
Genios supernos, cherubins infensos,
Tudo, tudo, Senhor, em teus altares
São miseras offertas que a desgraça
Logo transforma em pó, cinza e fumaça!

III

A faxa branco-azul dos hemispherios,
Onde palpitam borboletas de ouro,
Estrada excelsa dos salões sidéreos,
Mostra a meus olhos immortal thesouro!
Alli vagueiam meus irmãos ethereos!
Alli repousa meu sonhar vindouro!
Alli da gloria respandece a origem!
Alli domina a sempiterna Virgem!

IV

Oh! Christo! Si de um sangue sacrosanto
Banhaste a gleba vil onde pisaste,
Si jogaram soldados em teu manto
Quando da cruz as dôres supportaste,
Tudo mudou-se! Do divino pranto
Constellações sem numero formaste!
Da tunica manchada por immundos
Fizeste o pavilhão que abriga os mundos!

V (1)

Nos bellos tempos da saudosa infancia
Quadra de louros sonhos, de esperanças
Ouvia-te das balsas na fragrancia :
— « Vinde, vinde até mim, pobres crianças! »
Tu me déste a miseria e a abundancia,
Quando chorei, me consolaste, oh! Deus!
Ao clarão immortal dos olhos teus!

(1) ▲ esta estancia falta um verso.

VI

Rujam embora as vagas do oceano
Mandando aos alcantis navio incerto,
Corra o gladio de barbaro tyranno
Transformando as cidades n'um deserto!
Passe da peste e morte o sopro insano,
Medonho, horrendo em boqueirão aberto!
Flagelle a humanidade a sêde, a fome. . .
Oh! Christo! Creio em ti, creio em teu nome

VII

Jesus! Hoje porém si os livros abre
E o fructo colho da fatal sciencia,
Tudo vejo em terrivel descalbro!
Nem crenças, nem razão, nem consciencia
De velha planta tronco feio e glabro
Volve este pobre mundo em decadencia!
Só tu podes verter aos homens luz,
Arvore santa onde soffreu Jesus!

ARMAS

— Qual a mais forte das armas,
A mais firme, a mais certa?
A lança, a espada, a clavina,
Ou a funda aventureira?
A pistola? O bacamarte?
A espingarda, ou a flecha?
O canhão que em praça forte
Faz em dez minutos brecha?
— Qual a mais firme das armas?
O terçado, a figa, o chuço,
O dardo, a maça, o virote?
A faca, o florete, o laço,
O punhal, ou o chifarote?...
A mais tremenda das armas,
Peior que a durindana,
Attendei, meus bons amigos :
Se appellida : — a lingua humana !

CANÇÃO

Machina de escrever e fazer versos,
Já não sei mais cantar,
As florestas deixei, voei das serras
E vim cahir no mar.

Onde o corcel robusto, bello e forte
Sempre o freio a mascar?
Deixei-o nas montanhas solitario,
E vim cahir no mar.

À sombra da graúna gigantesca
Sabia eu meditar,
A graúna ficou, perdeu as folhas,
E vim cahir no mar.

As tradições tão dôces, as lembranças
De meu velho solar
Estão lá sob as mãos de indifferentes,
E vim cahir no mar.

O segredo perdi das melodias,
Agora é só rimar!
Saltei dos nobres cedros seculares
E vim cahir no mar.

Onde olhavam meus bons antepassados
Sem dôr e sem pezar,
Não posso eu mais olhar, perdi as azas
E vim cahir no mar.

Não ouço mais a voz dos caçadores
Nas brenhas a cantar,
Da choça do pastor fugi medroso
E vim cahir no mar!

Nem as festas alegres dos roceiros
Posso mais partilhar! . . .
Trouxe minh'alma apenas por bagagem,
E vim cahir no mar!

VELHA CANÇÃO

(VOLTAS)

Não sou d'esses genios duros
Inimigos do prazer
Que julgam que a humanidade
Só nasceu para gemer;

Gosto de queimar incenso
Sobre as aras da alegria,
Julgo que ser louco a tempo
Tambem é sabedoria.

Tudo no mundo é vaidade,
Disse o grande Salomão...
Elle pensou talvez isto
Em noite de indigestão...

Venham ralvosos guerreiros
Abater espessos muros,
Briguem as leis, os legistas,
Não sou d'esses genios duros.

Quero festins, onde as bellas
Me façam enlouquecer ;
Desprézo os illustres mochos
Inimigos do prazer.

Prosperidade na terra
É sonho que pouco dura,
Tudo definha e fenece
Na lousa da sepultura.

Canto as mulheres o as musas,
As venturas, o prazer,
A vida é triste mentira,
Gozarei até morrer.

Que importa que as turbas loucas
Me cubram de maldições ?
Pobres loucos! Não concebem
De um festim as seducções !

Meditem os estadistas
Sobre casos mal seguros,
Trato de cousas mais leves,
Não sou d'esses genios duros.

Discurse o padre na igreja
Batendo uma seita esquiva,
E volte á casa alta noite,
Tendo jantado a saliva!

Eu por mim penso que o mundo
Por pouco vai-se a perder,

**Por causa de tantos grulhas
Inimigos do prazer.**

**Só me fallam nos antigos
Abrahão, Isaac, Jacob!...
Elles tinham cem mulheres!
E eu?... Eu tenho uma só!**

**É verdade que essa mesmo
Me tem dado que fazer,
Mas nem por isso tornei-me
Inimigo do prazer.**

AMOR E VINHO (1)

Cantemos o amor e o vinho,
As mulheres, o prazer ;
A vida é sonho ligeiro,
Gozemos até morrer.
 Tim, tim, tim,
Gozemos até morrer.

A ventura nesta vida
E' sonho que pouco dura ;
Tudo fenece no mundo,
Na lousa da sepultura.
 Tim, tim, tim,
Na lousa da sepultura.

Não sou desses genios duros,
Inimigos do prazer,
Que julgam que a humanidade
Só nasceu para morrer.
 Tim, tim, tim,
Só nasceu para morrer.

(1) Escripita no verso e uma nota de 10/000, serie 4ª n. 63.357.

INDICE

	Pag.
Estudo critico.....	5
Prefacio.....	45
Noticia biographica.....	47

VOZES DA AMERICA

Mauro, o escravo.....	55
Predestinação.....	81
O proscripto.....	92
Vingança.....	96
Napoleão.....	99
Soneto.....	103
Ilusão.....	104
Ideal.....	106
Deixa-me.....	107
A.....	109
O vizir.....	110
Não te esqueças de mim!.....	111
Soneto.....	113
O vagalume.....	114
Elegia.....	116
Tristeza.....	120
***.....	122
Echos do carcere.....	125
O exilado.....	180
Aurora.....	133
As selvas.....	136
A' Lucilia.....	138

	Pag.
Recitativo.....	140
Child-Harold.....	142
Cantiga.....	144
O sabiá.....	146
Harmonia.....	148
Estancias.....	152
O mar.....	155
Oriental.....	159
Poema.....	162
A Serenata.....	165
Fragmentos.....	167
Gualter, o pescador.....	172

NOCTURNAS

Nevoas.....	193
Vida de flôr.....	195
Archetypo.....	197
O foragido.....	199
Fragmentos.....	202
A mulher.....	209
Sobre um tumulo.....	211
Tristeza.....	212
A enchente.....	215
A' estatua equestre.....	219

PENDÃO AURIVERDE

Ao Brazil.....	223
Ao Povo.....	225
A William Christie.....	227
A D. Pedro II.....	229
Hymno.....	2 1
A S. Paulo.....	233
Canto do sertanejo.....	235
Canção.....	237

CANTOS RELIGIOSOS

	Pag.
***	241
Ave Maria.....	242
Maman	244
Voz do Poeta.....	246
Psalmo I.....	248
Fragmento	249
Prece.....	251

AVULSAS

Invocação.....	255
A escrava	257
Beatriz Henriques.....	260
Surpreza	262
Elegia.....	263
Soláo	268
Harmonicordio	270
Canção logica	271
Canto.....	273
Armas.....	276
Canção.....	277
Velha canção.	279
Amor e vinho.....	282



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).